



Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Ciências humanas e Sociais

Programa de Pós-Graduação em Educação

ALAN PIMENTA

**Escreve quem pode ou lê quem tem juízo? Explorando a Invenção do cotidiano e as  
Práticas de Leitura-Escrita Ordinárias**

Tese de Doutorado

Rio de Janeiro  
2023

ALAN PIMENTA

**Escreve quem pode ou lê quem tem juízo? Explorando a Invenção do cotidiano e as Práticas de Leitura-Escrita Ordinárias**

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Dra Maria Luiza Sussekind

Rio de Janeiro  
2023

PE963 Pimenta, Alan  
Escreve quem pode ou lê quem tem juízo? Explorando a  
Invenção do cotidiano e as Práticas de Leitura-Escrita  
Ordinárias / Alan Pimenta. -- Rio de Janeiro, 2023.  
151

Orientador: Maria Luiza Sussekind.  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Estado do  
Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2023.

1. Ana Cláudia da Silva Rodrigues. 2. Diógenes Pinheiro. 3.  
Patrícia Baroni. 4. Leonardo Peixoto. I. Sussekind, Maria  
Luiza, orient. II. Título.

Aprovada pela Banca Examinadora Rio de Janeiro, 22/11/2023

---

Profa. Dra. Maria Luiza Sussekind  
(Orientadora)

---

Profa. Dra. Patrícia Raquel Baroni  
(avaliadora externa)

---

Prof. Dr. Leonardo Ferreira Peixoto  
(avaliador externo)

---

Profa. Dra. Ana Cláudia da Silva Rodrigues  
(avaliadora interna)

---

Prof. Dr. Diógens Pinheiro  
(avaliador interno)

Dedicatória. . .

Esta tese é dedicada às pessoas comuns, aquelas que todos os dias se levantam para construir suas próprias histórias. Não estou falando da história dos grandes heróis, mas da história de todos nós, pessoas comuns que deixam sua marca no mundo de maneiras extraordinárias.

## AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos são para as pessoas com quem compartilho partes importantes da minha vida. Meus pais, Luiz e Jocelia. Eles foram meus primeiros heróis e fontes de inspiração. Trabalharam incansavelmente para garantir que minha irmã e eu tivéssemos as melhores oportunidades que a vida poderia oferecer. Sua dedicação e esforço merecem todo o meu carinho e gratidão.

Minha irmã Camila. Um exemplo de determinação e coragem. Seu comprometimento incansável em enfrentar desafios e superar obstáculos é uma verdadeira lição de vida para todos ao seu redor. Ela não apenas traz essa determinação para sua própria jornada, mas também a compartilha de maneira amorosa e encorajadora com todos que têm a sorte de conhecê-la.

Meu sobrinho João Guilherme, criança muito amada que foi uma presença constante e especial em minha jornada acadêmica e profissional. Desde a mais tenra idade, ele tem estado ao meu lado, participando das minhas aulas, qualificações e defesas. Observar João Guilherme crescer e florescer é realmente um privilégio.

Minha querida companheira de vida, Lorraine, tem sido minha rocha, minha parceira e minha inspiração constante ao longo dos últimos quatorze anos. Lorraine não é apenas uma presença constante em minha vida, mas também uma colaboradora valiosa em minha busca acadêmica. Juntos, participamos de discussões teóricas profundas e significativas que desempenharam um papel crucial na moldagem desta tese. Suas perspectivas únicas e aguçadas contribuíram para a riqueza e a profundidade de minha pesquisa, e nossas conversas enriquecedoras foram a fonte de muitas ideias inovadoras. Mais do que isso, seu apoio inabalável e seu companheirismo dedicado foram fundamentais para que eu pudesse enfrentar os desafios e superar os obstáculos que surgiram durante a jornada acadêmica. Sua presença tranquilizadora e sua crença inabalável em mim me deram a confiança e a determinação necessárias para seguir adiante.

Minha orientadora, uma figura fundamental nesta jornada, demonstrou sensibilidade e sabedoria nos momentos mais desafiadores e sombrios pelos quais passei. Além de mentora, tornou-se uma amiga pela qual sinto profunda gratidão e carinho.

Agradeço a todos os meus professores, colegas e estudantes. Cada um de vocês faz parte da minha história e contribui para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Aos meus amigos, em especial ao Leonardo Oliveira e Marcus Oliveira, minha

gratidão é imensa. Vocês são como irmãos que a UNIRIO me proporcionou.

E por fim, dedico esta tese à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), minha casa acadêmica. Aqui encontrei um ambiente de aprendizado, desafio e crescimento que moldou minha trajetória. A UNIRIO é parte indissociável da minha jornada e da pessoa que me tornei.

“A escola não cria gênios, há dois lados em uma escola, o aluno esforçado que luta objetivamente para chegar naquilo que os outros duvidam de sua capacidade, já o outro lado tem uma mente fotográfica que decorou toda matéria e a coloca em prática nas provas, logo após isso temos um gênio.”<sup>a</sup>

---

<sup>a</sup> Texto escrito pelo estudante Lion. Ver apêndice.

## RESUMO

Esta tese mergulha nas complexidades das práticas de escrita acadêmica, celebrando a diversidade e a riqueza dessas atividades. Inspirado pela obra de Michel de Certeau, o autor explora a “ordinariedade” e como as pessoas comuns praticam a escrita, muitas vezes desafiando o “imperativo escriturístico” imposto pelo sistema acadêmico. Por uma jornada de autoanálise, observações em contextos acadêmicos e uma análise crítica da literatura, a tese destaca a necessidade de repensar as normas e convenções da escrita acadêmica. Ao longo do trabalho, o autor explora como as práticas de escrita evoluem ao longo da educação, influenciadas por fatores como o tempo, a pressão e a necessidade de produzir trabalhos em prazos apertados. A pesquisa também examina a origem e o desenvolvimento da “prova platô”, uma abordagem alternativa à escrita acadêmica que desafia o “imperativo escriturístico”. A “prova platô” se destaca por permitir a escrita em fluxo, promovendo a criatividade e novas perspectivas sobre o conteúdo.

**Palavras-chave:** Escrita acadêmica. Formação de professores. Ordinarietàade.

## ABSTRACT

This thesis delves into the complexities of academic writing practices, celebrating the diversity and richness of these activities. Inspired by Michel de Certeau's work, the author explores "ordinariness" and how ordinary people engage in writing, often challenging the "scriptural imperative" imposed by the academic system. Through a journey of self-analysis, observations in academic contexts, and a critical analysis of the literature, the thesis emphasizes the need to rethink the norms and conventions of academic writing. Throughout the work, the author explores how writing practices evolve throughout education, influenced by factors such as time, pressure, and the need to produce assignments within tight deadlines. The research also examines the origin and development of the "plateau test," an alternative approach to academic writing that challenges the "scriptural imperative." The "plateau test" stands out for allowing writing in a flow, promoting creativity, and offering new perspectives on content.

Keywords: Academic writing. Teacher education. Ordinariness.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Um moinho imaginário . . . . .	15
Figura 2 – Imagem criada com a IA Blue Willow usando uma self minha com inspiração para o Dom Quixote de pele negra. . . . .	17
Figura 3 – Figura 3 Meme do “cumpadi” Washington recebi de uma estudante logo após explicar sobre o que escrevia na minha tese. . . . .	37
Figura 4 – Figura 4 Meme recebido de um companheiro de trabalho e também doutorando. . . . .	45
Figura 5 – Meme achado em minha galeria de fotos. Retirado do perfil: Doutorado da Depressão. . . . .	48
Figura 6 – MEME RETIRADO DO PERFIL DOUTORADO DA DEPRESSÃO. . . . .	56
Figura 7 – Meme recebido no grupo de doutorandos da UNIRIO. . . . .	58
Figura 8 – Meme recebido em um trabalho sobre metodologia de pesquisa. . . . .	60
Figura 9 – Imagem desenhada por Arnaldo Antunes . . . . .	61
Figura 10 – Imagem de tobogã retirada do perfil Doutorado da Depressão. . . . .	68
Figura 11 – Outro ponto de vista do moinho de vento. Criado na IA BlueWillow. . . . .	70
Figura 12 – Pensando em como seria para o leitor desta tese a relação com o teatro imaginei um teatro com apenas uma poltrona. . . . .	107
Figura 13 – Prova não platô do ano de 2016 - Página 1 . . . . .	113
Figura 14 – Prova não platô do ano de 2016 - Página 2 . . . . .	114
Figura 15 – Prova de 2018 - A da meleca página 1 . . . . .	120
Figura 16 – Prova de 2018 - A da meleca página 2 . . . . .	121
Figura 17 – Primeira página de uma prova platô do ano de 2017 segundo semestre. . . . .	126
Figura 18 – Segunda página da mesma prova platô. . . . .	127
Figura 19 – O Cavaleiro da Lua Branca. Desenho feito a mão e editado pela IA Midjourney. . . . .	132
Figura 20 – Manter os livros organizados foi essencial para construção do texto. . . . .	144
Figura 21 – Dom Quixote de madeira comprado na Espanha e que me acompanhou durante a tese. . . . .	148

## SUMÁRIO

	<b>PRÓLOGO</b> . . . . .	<b>12</b>
	<b>O SEGUNDO ATO</b> . . . . .	<b>21</b>
	<b>AS IMAGENS</b> . . . . .	<b>22</b>
	<b>O TEXTO</b> . . . . .	<b>24</b>
	<b>OS CAPÍTULOS DO PRIMEIRO ATO</b> . . . . .	<b>26</b>
<b>1</b>	<b>A ORDINARIEDADE CERTEUNIANA E O HOMEM PRIMATA</b> . . . . .	<b>27</b>
<b>1.1</b>	<b>O HOMEM ORDINÁRIO</b> . . . . .	<b>32</b>
<b>1.2</b>	<b>UMA VIAGEM PELA INVENÇÃO DO COTIDIANO (ARTES DE FAZER)</b>	<b>34</b>
<b>1.3</b>	<b>ORDINARIEDADE DE PROFESSORES E ESTUDANTES</b> . . . . .	<b>36</b>
<b>1.4</b>	<b>EU NÃO TRABALHAVA, EU NÃO SABIA, O HOMEM CRIAVA E DESTRUÍA(UM POUCO SOBRE MIM E A TESE)</b> . . . . .	<b>39</b>
<b>1.4.1</b>	<b>Comos?</b> . . . . .	<b>41</b>
<b>2</b>	<b>ESTOU FICANDO LOUCO DE TANTO PENSAR, ESTOU FICANDO ROUCO DE TANTO GRITAR (HIPOTESE E OBJETOS DE PESQUISA)</b>	<b>47</b>
<b>3</b>	<b>QUE NÃO É, O QUE NÃO PODE SER QUE, NÃO É O QUE NÃO PODE SER QUE NÃO É, O QUE NÃO PODE SER QUE NÃO, É O QUE NÃO PODE SER QUE NÃO (UMA PROPOSTA DE METODOLOGIA)</b> . . . . .	<b>58</b>
<b>3.1</b>	<b>– O QUE PODE SER</b> . . . . .	<b>60</b>
<b>3.2</b>	<b>– A FABRICAÇÃO</b> . . . . .	<b>62</b>
<b>3.3</b>	<b>– TÁTICAS E ESTRATÉGIAS</b> . . . . .	<b>66</b>
<b>4</b>	<b>- TEÓRICOS, TEORIAS E UMA METODOLOGIA ORDINÁRIA</b> . . . . .	<b>72</b>
<b>4.1</b>	<b>- PARADIGMAS INDICIÁRIOS: PISTAS E INDÍCIOS</b> . . . . .	<b>73</b>
<b>4.1.1</b>	<b>- O OFÍCIO E A IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA</b> . . . . .	<b>75</b>
<b>4.1.2</b>	<b>– GEERTZ E A PRODUÇÃO ARTESANAL</b> . . . . .	<b>77</b>
<b>4.2</b>	<b>- A SOCIEDADE DE ESQUINA DE WILLIAM FOOTE WHYTE</b> . . . . .	<b>79</b>
<b>4.3</b>	<b>- A ESCRITA DA CULTURA: a etnografia como um gênero textual e o poético e político</b> . . . . .	<b>81</b>
<b>4.4</b>	<b>CHICLETE EU MISTURO COM BANANA</b> . . . . .	<b>84</b>
<b>5</b>	<b>– A CAÇA, OS RIZOMAS, O ESQUECIMENTO, A DESCONSTRUÇÃO E A LEITURA E ALGUMAS OUTRAS PISTAS SOBRE A ESCRITA.</b> . . . . .	<b>88</b>
<b>5.1</b>	<b>- OS FUNCIONÁRIOS AUTORIZADOS</b> . . . . .	<b>89</b>

5.2	– LER UMA OPERAÇÃO DE CAÇA OU O “AUTOR DEVERIA MORRER APÓS TER ESCRITO” . . . . .	90
5.3	– OS RIZOMAS (LEITURA E ESCRITA) . . . . .	92
5.3.1	Linhas de fulga . . . . .	94
5.3.2	O platô . . . . .	95
5.3.3	Escrever esta mais para agrimensurar . . . . .	96
5.3.4	Escrever é criar fluxos . . . . .	96
5.4	- ECONOMIA ESCRITURÍSTICA . . . . .	99
5.5	– A Desconstrução . . . . .	103
5.6	– “LER É IRREMEDIAMENTE ESQUECER” . . . . .	104
5.7	A ordinaryidade da leitura e da escrita (Conclusão do primeiro ato) .	105
6	SEGUNDO ATO . . . . .	107
6.1	INTRODUÇÃO DO SEGUNDO ATO . . . . .	107
7	- A PROVA PLATÔ . . . . .	109
7.1	– AS ORIGENS . . . . .	109
7.2	- TERRITORIALIZAÇÃO . . . . .	122
8	- A ESCRITA PLATÔ . . . . .	124
8.1	A sabotagem do imperativo escriturístico e a descentralização do controle . . . . .	129
8.2	A relação entre a prova platô e a sabotagem do imperativo escriturístico	130
9	EPÍLOGO . . . . .	131
9.1	A ordinaryidade . . . . .	133
9.2	Uma Metodologia Ordinária . . . . .	134
9.3	Leitura e escrita . . . . .	134
9.4	A prova platô e a sabotagem do imperativo escriturístico . . . . .	135
9.5	O Horizonte da Escrita Acadêmica: Uma Perspectiva Aberta . . . . .	136
9.6	No final existe redenção? . . . . .	137
	REFERÊNCIAS . . . . .	139
	APÊNDICES . . . . .	142
	Escrever nunca me deu prazer . . . . .	143
	A epígrafe . . . . .	145
	Os títulos . . . . .	146

<b>A divisão em dois atos . . . . .</b>	<b>147</b>
<b>Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro . . . . .</b>	<b>149</b>

## PRÓLOGO

DESOCUPADO LEITOR: Não preciso de prestar aqui um juramento para que creias que com toda a minha vontade quisera que este livro, como filho do entendimento, fosse o mais formoso, o mais galhardo, e discreto que se pudesse imaginar: porém não estive na minha mão contravir à ordem da natureza, na qual cada coisa gera outra que lhe seja semelhante; que podia portanto o meu engenho, estéril e mal cultivado, produzir neste mundo, senão a história de um filho magro, seco e enrugado, caprichoso e cheio de pensamentos vários, e nunca imaginados de outra alguma pessoa? Bem como quem foi gerado em um cárcere onde toda a incomodidade tem seu assento, e onde todo o triste ruído faz a sua habitação! O descanso, o lugar aprazível, a amenidade dos campos, a serenidade dos céus, o murmurar das fontes, e a tranquilidade do espírito entram sempre em grande parte, quando as musas estéreis se mostram fecundas, e oferecem ao mundo partos, que o enchem de admiração e de contentamento. (Saavedra, 2004, p.67)

Quando ainda bem jovem li Dom Quixote pela primeira vez e senti como se tivesse encontrado um companheiro de alma. Identifiquei-me imediatamente com o personagem principal, que se recusava a aceitar as normas da sociedade e seguia seus próprios ideais. O prólogo do primeiro volume, a leitura e as conversas com minha mãe, fã de Cervantes, onde explicava a conturbada vida do autor me encantavam e eu realmente me via naquela história.

No entanto, também sentia certa frustração ao perceber que a obra de Cervantes foi escrita há mais de quatrocentos anos e que muitos dos problemas que ela abordava ainda persistiam na sociedade contemporânea. Além da complexidade de toda a obra e a multiplicidade de interpretações possíveis que foram um desafio para alguém que estava começando a sua jornada como leitor.

Ao longo do tempo, porém, fui percebendo que a obra de Cervantes era, para mim, uma fonte de inspiração e reflexões. Encontrava novos significados e conexões em cada leitura, assim como Dom Quixote descobriu novos desafios em cada nova aventura. E, quando, pude retomar a escrita da minha tese, pensei que esse esforço seria uma forma de honrar a influência e ajuda indireta de Cervantes e de continuar a tradição de subversão e resistência que ele iniciou com sua obra-prima.

Assim como o cavaleiro errante de La Mancha, eu, o autor desta tese, ousei sonhar alto e seguir meus próprios ideais, mesmo que isso significasse enfrentar obstáculos aparentemente insuperáveis. Mas, diferentemente de Dom Quixote, eu enfrentei um desafio que não pode ser superado com armas e coragem. Durante o processo de pesquisa e escrita nos últimos quatro anos eu passei por um longo processo depressivo, que minou a minha confiança e minha capacidade de escrever.

No entanto, como uma espécie de Dom Quixote, encontrei forças para continuar lutando, apesar das dificuldades. E, como Cervantes afirmou em seu prólogo à primeira parte, a escrita é um ato nobre e difícil, que exige coragem e determinação. Tentei demonstrar essa coragem e determinação, não só ao enfrentar a minha depressão, mas também ao utilizar a minha experiência pessoal para questionar as normas acadêmicas e sociais que muitas vezes perpetuam o sofrimento emocional que eu mesmo fui vítima.

Baseado no conceito de ordinariedade de Michel de Certeau, este trabalho se propõe a explorar o que seria uma possível epistemologia da ordinariedade. Faço isso pensando como a escrita na universidade pode ser um espaço de dor, sofrimento e hierarquização e, ao mesmo tempo espaço de subversão, resistência, e invenção capaz de trazer as vozes de indivíduos marginalizados pelas instituições e pelos discursos hegemônicos. Como Dom Quixote, eu sou um idealista que se recusa a aceitar a ordem estabelecida e busca transformar a realidade de acordo com sua própria visão.

Ao longo das páginas seguintes, você irá acompanhar as aventuras deste Dom Quixote ordinário, que luta contra a hierarquia e algumas ideias que governam a escrita acadêmica e produção curricular. Você irá conhecer as estratégias de resistência utilizadas pelos sujeitos ordinários na universidade e escola, bem como as formas de criação de novos espaços de possibilidade dentro da economia escriturística (Certeau, 2009).

Esta tese é, portanto, uma tentativa de criar uma narrativa sobre a escrita na universidade, uma narrativa que valoriza a criatividade, a subjetividade e a resistência como formas de conhecimento. E, mais do que isso, é uma prova da capacidade humana de superar as adversidades e encontrar significado e propósito mesmo nos momentos mais difíceis da vida.

Escrever minha tese de doutorado enquanto lidava com uma depressão foi uma das coisas mais difíceis que já fiz na vida. Eu me sentia, e ainda me sinto, um grande incompetente, incapaz de produzir um trabalho de qualidade e cheio de autocritica em relação a cada palavra escrita pensei muitas vezes em abandonar tudo.

Cada dia era (é) um desafio, e muitas vezes eu simplesmente não conseguia escrever nada. Passava horas sentadas na frente do computador, olhando para a tela em branco e me sentindo cada vez mais vazio e desesperado. Era como se cada frase que eu escrevia fosse um reflexo da minha própria inutilidade e incompetência.

A depressão também me afetou fisicamente, deixando-me cansado e sem energia para fazer qualquer coisa, incluindo a pesquisa necessária para a minha tese. Eu não conseguia me concentrar, e me sentia constantemente distraído e desmotivado.

Ao longo destes processos escrever minha tese de doutorado já era um desafio enorme, mas a pandemia do novo coronavírus tornou tudo ainda mais difícil. De repente, eu me vi isolado em casa, sem acesso ao mundo exterior e sem poder me encontrar com meus amigos e colegas de pesquisa. As notícias constantes sobre a propagação da doença e o aumento do número de mortos no mundo inteiro me deixavam ainda mais deprimido e ansioso.

Tive de aprender a trabalhar de forma remota, a fazer videoconferências com minha orientadora e colegas, e a buscar recursos online para minha pesquisa. Mas ainda assim, a solidão e a incerteza da situação eram difíceis de suportar. Tinha medo de que meu progresso fosse atrasado, ou que eu não conseguisse terminar minha tese dentro do prazo previsto.

Eu precisava lidar com a minha depressão e a pandemia simultaneamente, e isso era uma tarefa assustadora. Eu estava lutando contra a depressão e enfrentando o isolamento social causado pela pandemia do novo coronavírus. Em meio a tudo isso, o medo do fantasma do suicídio começou a me assombrar. Eu me sentia um grande incompetente, incapaz de terminar meu trabalho e com a sensação de que minha vida não valia a pena ser vivida.

Eu sabia que precisava lidar com esse medo de frente, mas tinha medo de que falar sobre ele apenas o tornaria mais real.

A luta era ao mesmo tempo, quixotesca como uma espécie de empreendimento que me parecia irrealista ou fadado ao fracasso e dantesca como uma luta intensa e brutal, que pode ser comparada às lutas descritas na obra “A Comédia”, escrita pelo poeta italiano Dante Alighieri.

Parecia-me uma luta quixotesca, pois tinha que alcançar algo que pode ser impossível de alcançar: escrever uma tese perfeita. Minha mente criava uma imagem irreal do que deveria o ser meu trabalho, e essa imagem se tornava uma fonte de frustração e desespero. Sentia-me como Dom Quixote lutando contra moinhos de vento, lutando contra algo que não existe ou que está além do meu alcance. Por outro lado, a luta também parecia dantesca, pois me sentia cercado por meus próprios demônios internos. Minha mente era o campo de batalha, onde pensamentos negativos e autocríticos lutavam ferozmente contra a minha vontade de progredir. Foi uma luta constante, onde cada palavra que escrevia parecia ser um golpe na batalha, e cada parágrafo é uma conquista difícil e dolorosa.



**Figura 1 – Um moinho imaginário**

Na figura 1 a Imagem foi criada na IA BlueWillow<sup>1</sup>. Ela é uma reprodução de como eu imagino<sup>2</sup> os moinhos de vento de Dom Quixote usarei mais desta técnica ao longo da tese.

Minha mente era um labirinto escuro e sombrio, foi o palco de uma batalha épica em

<sup>1</sup> O BlueWillow AI é uma Inteligência Artificial que permite criar imagens únicas a partir de descrições fornecidas pelos usuários. A versão beta do serviço está disponível gratuitamente no Discord por meio de um bot dedicado. Para acessar, basta fazer login na plataforma e descrever a obra de arte que deseja criar em um canal de texto específico, onde a tecnologia entra em ação. Utilizando uma combinação de interpretação e análise, a IA gera ilustrações realistas, oferecendo inúmeras possibilidades. Para criar uma imagem basta selecionar o Bot desejado e escrever o que você deseja que ele crie.

<sup>2</sup> Essa imagem faz parte de uma série de outras que criei durante períodos críticos do meu processo depressivo. São imagens em preto e branco e que evocam sentimentos que não consigo explicar. Essa em particular foi criada no começo do ano de 2023.

busca da luz. Nesse labirinto, encontrei-me lutando contra uma horda de inseguranças e dúvidas que ameaçavam minhas forças e desafiavam minha determinação. A cada passo, parecia que o caminho se bifurcava, lançando-me em direções opostas e testando minha resistência.

Foi nessa luta sombria, quando o peso da depressão e as ideias de autodestruição me assombravam, que comecei a dar forma à minha tese. Cada palavra escrita era como um raio de luz perfurando a escuridão, uma tentativa de expressar minha voz e encontrar algum sentido naquela paisagem desoladora. O primeiro ato desta tese é um registrado do que foi feito dolorosamente em meio a essas trevas, reflete a angústia e a tormenta emocional que permeavam a minha existência.

Contudo, ao longo desse processo, um raio de esperança começou a emergir. Foi no processo de cura, no despertar gradual de uma nova perspectiva e na busca pela resiliência, que o segundo ato da minha jornada se desdobrou. Nesse segundo momento, as palavras ganharam uma nova tonalidade, um fio de esperança e renovação que permeava a narrativa. Foi um momento de reconstrução, de reunir os cacos e encontrar um novo propósito para minha pesquisa.

Assim, à semelhança de uma peça teatral ou de um romance épico, minha jornada pode ser dividida em dois atos. O primeiro ato retrata a escuridão e o confronto com meus próprios demônios internos, enquanto o segundo ato representa o processo de cura e transformação. Essa divisão é mais que uma mera estrutura narrativa, é a expressão das profundezas em que mergulhei no processo do doutorado e da resiliência que encontrei para emergir.

Esses dois atos se entrelaçam e se complementam, refletindo a complexidade da jornada humana e a importância de compartilhar experiências. Ao explorar essa dualidade, minha tese se torna um testemunho vivo das batalhas internas enfrentadas e da capacidade de transformação que reside em cada um de nós.

Nesse sentido, a divisão em dois atos não apenas dá forma à minha narrativa, mas também carrega um significado mais profundo. Representa a força e a resiliência que pude encontrar no caminho da cura, e a crença de que, mesmo nos momentos mais sombrios, há sempre a possibilidade de renascimento e renovação.

A minha jornada, assim como qualquer obra teatral ou épica, é um convite para refletir sobre a natureza humana, sobre as batalhas internas que enfrentamos e sobre a capacidade de nos reinventarmos. É uma jornada de autodescoberta, de superação e de esperança, onde as páginas da tese se tornam o testemunho de uma transformação

pessoal profunda e significativa.



**Figura 2 – Imagem criada com a IA Blue Willow usando uma self minha com inspiração para o Dom Quixote de pele negra.**

## O PRIMEIRO ATO

O primeiro ato da minha jornada pode ser descrito como uma luta quixotesca, tal como descrevi anteriormente. É uma parte da minha história em que me sinto enredado em um labirinto escuro e sem saída, travando batalhas contra moinhos de vento e cercado por meus próprios demônios internos. É uma luta constante para encontrar a luz no fim do

túnel e continuar avançando, mesmo quando tudo parece impossível. Para enfrentar meus moinhos de vento, montei no que acreditei ser o meu Rocinante<sup>3</sup> e embarquei em uma discussão teórica para justificar a ideia de uma espécie de epistemologia da ordinariedade, tendo como base as reflexões de Certeau.

Assim como o cavalo magro, desajeitado e ordinário de Dom Quixote é um símbolo da loucura do fidalgo, já que tanto os cavalos como o próprio Dom Quixote eram vistos como desajeitados e tolos por muitas pessoas ao seu redor, para mim a ordinariedade é um cavalo nobre e corajoso. Vejo a ordinariedade como uma qualidade digna de valorização, assim como vejo Dom Quixote como um nobre cavaleiro em busca de aventura e justiça.

Nessa jornada, cavalguei com diferentes teóricos para construir uma hipótese sólida, estabelecer objetivos de pesquisa e defender a ideia de valorização do ordinário e do que está à margem como formas válidas de pesquisa e conhecimento. Percorri as obras de diversos teóricos, buscando apoio em seus pensamentos e contribuições para a construção de uma abordagem que valorizasse a simplicidade, o cotidiano e as experiências comuns como fontes de conhecimento significativas.

Através desse percurso teórico, busquei estabelecer uma base sólida para a minha pesquisa, fundamentada na ideia de que o ordinário tem valor intrínseco e pode revelar percepções profundas sobre escrita e práticas pedagógicas. Defendi a importância de olhar para o considerado trivial, marginalizado ou insignificante, a fim de compreendermos melhor a complexidade e as nuances da vida cotidiana.

Essa construção teórica baseada em diversos pensadores e a defesa da valorização do ordinário e do marginalizado como objetos legítimos de pesquisa, contribuem para uma abordagem metodológica que abre espaço para perspectivas não convencionais e uma ampla gama de conhecimentos. Essa valorização do ordinário desafia os padrões estabelecidos e oferece uma visão mais inclusiva e abrangente da pesquisa, permitindo que diferentes vozes sejam ouvidas e diferentes formas de conhecimento sejam reconhecidas e valorizadas.

No meu percurso, pude experimentar a potência e a relevância da epistemologia da ordinariedade, onde a pesquisa e o conhecimento se expandem para além das fronteiras tradicionais, abrindo caminho para novas descobertas e compreensões. Essa abordagem representa uma mudança de paradigma, uma maneira de pensar que desafia e borra as fronteiras impostas por abordagens convencionais e abre espaço para a inovação e a pro-

---

<sup>3</sup> Cavalo de dom Quixote. Ele é descrito como um cavalo magro e desajeitado, que não tem a beleza ou a elegância de um cavalo nobre. No entanto, Dom Quixote o vê como um cavalo forte e digno, capaz de levá-lo em suas aventuras.

dução de conhecimento que dialoga diretamente com a complexidade dos acontecimentos no cotidiano.

Ao adotar uma epistemologia da ordinariedade, reconheço que a sabedoria e o entendimento não estão confinados apenas aos espaços acadêmicos formais ou às teorias já estabelecidas. Pelo contrário, encontramos riqueza intelectual nas experiências do dia a dia, nos acontecimentos cotidianos e nas histórias das pessoas comuns. Valorizo a sabedoria que emerge das margens, das vozes silenciadas que se levantam para serem ouvidas e das práticas negligenciadas que cotidianamente burlam de formas geniais as regras impostas.

Acredito que essa abordagem metodológica pode permitir ir além das fronteiras disciplinares, mesclando diferentes teorias, conceitos e métodos em uma bricolagem criativa. Assim como um *bricoleur*, reuni peças diversas e aparentemente desconectadas para construir uma visão que valorizasse o ordinário.

Ao reconhecer a importância do ordinário, também desafiei as hierarquias de conhecimento e valor que frequentemente favorecem certos grupos ou formas de conhecimento em detrimento de outros. Abracei a diversidade de perspectivas e vozes, buscando capturar algo da multiplicidade de experiências e conhecimentos presentes no colégio que trabalho e na universidade que me formou.

Ao longo dessa jornada, confrontei algumas limitações das abordagens objetivas e distantes, que reduzem muitas vezes a complexidade da realidade a simplificações e generalizações. Em vez disso, procurei adotar uma postura mais sensível, reflexiva e imersiva, aproximando-me dos sujeitos envolvidos em nossas pesquisas, envolvendo-nos em suas vidas, contextos e narrativas.

A pesquisa ordinária nos convida a abraçar a incerteza, a ambiguidade e a multiplicidade de significados nos cotidianos. Reconheço que não existem respostas definitivas ou soluções únicas para os desafios que enfrentamos. Em vez disso, valorizei a exploração constante, o diálogo contínuo e a abertura para novas perspectivas e descobertas.

No final das contas, a adoção de uma metodologia de pesquisa ordinária, fundamentada nos conceitos e abordagens propostos por Geertz, Mills, Whyte, Certeau e Ginzburg, oferece uma perspectiva enriquecedora para a pesquisa. Acredito que ela possa permitir transcender os limites tradicionais, ampliando o olhar, envolvendo-nos de forma mais profunda com o campo de pesquisa e permitindo uma produção sobre o campo e os sujeitos mais significativa e próxima da realidade investigada.

Ao valorizar o ordinário, pretendo abraçar a diversidade, a complexidade e a pluralidade de experiências, enriquecendo o conhecimento e contribuindo para uma análise mais abrangente e contextualizada da pesquisa. Assim, a pesquisa ordinária emerge como uma abordagem metodológica valiosa, capaz de conduzir a novas formas de compreender e transformar o mundo ao nosso redor.

## O SEGUNDO ATO

No segundo ato desta tese, embarcamos em uma jornada que se assemelha à descida ao inferno e à busca pela redenção, tal como retratado na obra “A Divina Comédia”. No entanto, nossos círculos não são tão infernais, mas representam momentos em que os textos sofrem devido aos seus próprios pecados, e transitamos pelo Purgatório em busca de textos que buscam a redenção e a purificação, até chegarmos ao paraíso.

Assim como Dante é guiado pelo poeta Virgílio e sua amada Beatriz em sua jornada de amor e redenção, nesta tese somos guiados por trechos das conversas com professores e estudantes, memes sobre escrita acadêmica e recortes de escritas produzidas por estudantes. Esses elementos nos acompanham ao longo da exploração das práticas de escrita e do currículo, na tentativa de “ordinarizar” ambos.

À medida que adentramos nos círculos dessa jornada, encontramos diferentes desafios e obstáculos relacionados às práticas de escrita e aos currículos. Observamos como os textos podem cometer seus próprios pecados, como a falta de clareza, a excessiva complexidade ou a ausência de conexão com o público. Ao confrontar esses pecados textuais, buscamos a redenção, encontrando exemplos de textos e produções que a ordinarietàade.

Nossa jornada também nos leva a explorar as vozes dos professores e estudantes, por meio de conversas e reflexões. Essas vozes fornecem indícios sobre as práticas de escrita e a relação entre escrita e currículo. Além disso, os memes sobre escrita acadêmica trazem uma abordagem descontraída e humorística, revelando dilemas e desafios comuns enfrentados pelos escritores acadêmicos.

Ao entrelaçar esses diferentes elementos, tento criar uma narrativa que nos leva a refletir sobre a importância de “ordinarizar” as práticas de escrita e os currículos. Busco tornar esses aspectos mais acessíveis, significativos e relevantes para todos tentando promover um fluxo textual que valoriza as conversas e textos que acumulei ao longo da pesquisa.

Assim como Dante encontrou a redenção e a purificação em sua jornada, minha busca pela “ordinarização” das práticas de escrita e currículos me leva a um lugar de maior cuidado, aprimoramento e conexão com o universo da escrita acadêmica. Ao unir diferentes perspectivas, reflexões e exemplos concretos, busco abrir caminhos para uma escrita mais envolvente, significativa e inclusiva, em busca de um paraíso próprio na produção de conhecimento.

## AS IMAGENS

Ao longo desta tese, foram incluídas diversas imagens, desenhos, memes<sup>4</sup> e ilustrações, muitas delas produzidas por mim. Essas representações visuais têm um propósito específico: revisitar as interações que ocorreram ao longo da pesquisa, agregando uma dimensão visual e interativa que complementa a abordagem da pesquisa ordinária.

Essas imagens vão além de meras ilustrações decorativas, pois estão aqui com o intuito de envolver e engajar o leitor de forma mais profunda com o conteúdo da pesquisa. Algumas delas foram rabiscadas em cadernos, capturando instantes de reflexão e intuição, enquanto outras são criadas com o auxílio de ferramentas digitais e até mesmo inteligências artificiais<sup>5</sup>, explorando novas possibilidades criativas, estéticas e expressivas.

A inclusão de memes também desempenha um papel importante nesse processo. Os memes são elementos culturais compartilhados, que evocam humor, ironia e referências compartilhadas por diferentes grupos. Ao utilizá-los, estabeleço uma conexão mais imediata com o leitor, utilizando a linguagem e as formas de expressão relevantes em nosso contexto tecnológico atual. Os memes permitem uma comunicação mais informal e descontraída, possibilitando uma maior proximidade e identificação entre o pesquisador e o leitor.

A inserção dessas imagens e memes ao longo da tese contribuem para a proposta de pesquisa ordinária, que busca uma abordagem mais acessível e envolvente, aproximando-se das experiências e perspectivas dos sujeitos envolvidos. Essas representações visuais servem como um convite para que o leitor mergulhe na pesquisa de forma mais participativa, estimulando a reflexão, a interação e a construção de significados de maneira colaborativa.

Essa abordagem visual e interativa reforça a ideia de que a pesquisa ordinária não se limita apenas à escrita textual, mas também abraça uma variedade de linguagens e formas de expressão. Ela reconhece a importância de explorar diferentes meios de comunicação para expressar ideias, estimulando e provocando, muito mais<sup>6</sup>, a participação do leitor.

<sup>4</sup> Imagens, vídeos e até áudios que viralizam na internet, os memes são conhecidos por sua utilização como piada, mas também são encontrados em campanhas publicitárias, formas de linguagem e divulgações de marcas e serviços. Eles se tornaram parte da linguagem da internet e das redes sociais e é quase impossível um usuário com contas ativas no Instagram, Twitter e TikTok não se deparar com algum meme viral. Esse fenômeno virtual é ainda mais intenso entre a população mais jovem, com muitos dos memes sendo difundidos principalmente entre adolescentes, principalmente em redes sociais focadas em imagens, como o Instagram e o TikTok.

<sup>5</sup> Durante o auge de pandemia do novo Corona vírus, depressivo e preso em casa, mergulhei na pesquisa de novas ferramentas de comunicação e expressão. Experimentar IAs com capacidade de criar imagens passou a ser uma espécie de terapia e Hobbie relaxante. Muitas das que aqui aparecerão foram criadas ao longo dos últimos dois anos. Todas são autorais e ajudaram a construir meu pensamento para tese.

<sup>6</sup> A expressão “muito mais” é utilizada porque não acredito na neutralidade do leitor. O leitor dá sentido ao que lê e escolhe caminhos e interpretações que o autor jamais imaginou.

Dessa forma, a inclusão de imagens, desenhos, memes e ilustrações na tese proporciona uma experiência mais enriquecedora e multidimensional, ampliando as possibilidades de interpretação do leitor e contribuindo para uma maior conexão e engajamento com o conteúdo da pesquisa. Essa abordagem estética e interativa reflete a busca por uma pesquisa ordinária que seja acessível, envolvente e que dialogue com as formas contemporâneas de comunicação e expressão.

## O TEXTO

O texto desta tese se revela como uma jornada de metamorfose ambulante, onde a linguagem e o estilo se transformam ao longo da leitura. Essa metamorfose é intencional, buscando refletir a própria natureza dinâmica e diversa da escrita.

À medida que o leitor se adentra nas páginas, poderá notar pequenas mudanças na forma de escrita, seja na escolha das palavras, na estrutura das frases ou na cadência do texto. Essas alterações acontecem devido aos diferentes tempos de escrita e devido à transformação do escritor. Além disso, muitas partes foram escritas no auge de um processo depressivo e revistas já em tratamento o que criou uma espécie de amálgama.

Em alguns momentos, a metamorfose pode ser sutil, como uma dança delicada entre as palavras, revelando-se em nuances e sutilezas. Em outros momentos, a transformação é mais audaciosa, levando a uma mudança abrupta no tom e estilo, surpreendendo o leitor e desafiando as expectativas preestabelecidas. Essa diversidade e mutabilidade na escrita é uma representação da riqueza e da multiplicidade da própria linguagem.

Nessa perspectiva, a escrita deixa de ser uma entidade estática e passa a ser entendida como uma entidade viva, em constante evolução. Assim como o mundo ao nosso redor está em movimento e transformação, a escrita também acompanha esse fluxo. Ela se adapta, se reinventa e se reconstrói conforme as necessidades e os contextos, permitindo diferentes formas de expressão e interpretação.

Essa abordagem da escrita como algo dinâmico e diverso enfatiza a importância de valorizar a criatividade, a experimentação e a originalidade. Ao romper com os moldes pré-estabelecidos, abro espaço para novas perspectivas, para a voz autêntica e para a liberdade de expressão. Reconheço que a escrita não é uma entidade única e homogênea, mas sim uma construção coletiva, permeada pelas influências, experiências e visões de mundo de cada indivíduo.

Portanto, ao adotar essa metamorfose ambulante na escrita desta tese, busco desafiar as estruturas convencionais, promovendo a reflexão sobre a multiplicidade de vozes e estilos que podem coexistir no âmbito acadêmico e escolar. A escrita se revela como um instrumento poderoso, capaz de transmitir ideias, provocar questionamentos e despertar emoções.

No fim das contas, essa metamorfose ambulante no texto visa estimular a criatividade, a inovação e a abertura para novas formas de escrita. Ela nos lembra que a escrita é uma

ferramenta flexível e adaptável, capaz de se transformar e se reinventar. Ao reconhecer e valorizar essa diversidade, estamos abrindo caminho para uma abordagem mais inclusiva, dinâmica e enriquecedora da escrita no contexto acadêmico e escolar.

## OS CAPÍTULOS DO PRIMEIRO ATO

O primeiro ato desta tese é dedicado a estabelecer a importância da ordinariedade como uma episteme e uma metodologia para a sua pesquisa, explorando temas como escrita, leitura e metodologia de pesquisa.

No primeiro capítulo da minha tese, defendo a ordinariedade como uma episteme e uma possível metodologia. Destaco como tanto os professores quanto os estudantes podem ser considerados sujeitos ordinários e atuantes no cotidiano. Além disso, faço uma apresentação geral da minha tese e também me apresento como autor.

No segundo capítulo, trabalho com as hipóteses e objetivos da minha pesquisa, fornecendo uma perspectiva sobre o que entendo como escrita acadêmica. Aqui, estabeleço as suposições e metas que orientam o meu estudo.

O terceiro capítulo aborda a metodologia de pesquisa, levantando questionamentos e defendendo o que chamo de “metodologia ordinária”. Faço uma reflexão sobre diferentes abordagens metodológicas e argumento a favor de uma abordagem que valorize a ordinariedade.

No quarto capítulo, realizo um exercício teórico de diálogo com outros autores para sustentar a ideia da metodologia ordinária. Recorro a diferentes fontes e teorias para fortalecer a minha argumentação e reforçar a importância da ordinariedade como uma episteme válida.

Por fim, o quinto e último capítulo do primeiro ato retoma a discussão sobre a escrita, defendendo que escrever não se limita apenas a significar. Além disso, argumento que a leitura é uma operação de caça onde os sentidos são construídos pelas leituras a todo o momento.

## 1 A ORDINARIEDADE CERTEUNIANA E O HOMEM PRIMATA

Esta tese é dedicada a ordinariedade. Ao comum, ordinário. Homens e mulheres que todos os dias estão por aí fazendo a vida. É uma exploração dedicada às metodologias, aos professores, aos estudantes e às escritas ordinárias. Ela busca compreender e valorizar aquilo que é muitas vezes considerado comum, mediano ou até mesmo medíocre. Neste trabalho, não busco exaltar feitos grandiosos ou habilidades notáveis, nem me encantar apenas com características convidativas ou extraordinárias.

Pelo contrário, esta tese se debruça sobre o cotidiano, sobre as experiências comuns e aparentemente desprezíveis. Ela encontra beleza e riqueza nas sutilezas do dia a dia, nas histórias que passam despercebidas, nos ensinamentos silenciosos que podem ser encontrados nas entrelinhas. É um convite para olhar com outros olhos para aquilo que é considerado trivial, reconhecendo a profundidade e a complexidade que podem existir por trás do que é rotineiro.

Ao abraçar a ordinariedade, esta tese desafia as expectativas convencionais e rompe com o culto à excepcionalidade. Ela nos lembra haver saberes valiosos e conhecimentos significativos que emergem do dia a dia, do compartilhamento de experiências, das narrativas ordinárias que ecoam nas salas de aula e nas conversas informais. Valoriza-se a sabedoria das vivências comuns, dos processos graduais de aprendizagem, das histórias que se entrelaçam e se repetem em diferentes contextos.

Ao ampliar o olhar para o ordinário, esta tese também desafia as hierarquias do conhecimento, abrindo espaço para conhecimentos marginalizados e perspectivas subestimadas. Ela reconhece que a produção intelectual não está restrita aos círculos acadêmicos renomados, mas está presente nas trajetórias individuais, nas comunidades de prática e nos diálogos informais que moldam nossa compreensão do mundo.

Ao longo deste trabalho, serão exploradas metodologias que abraçam a ordinariedade, métodos que se aproximam das realidades vividas pelos sujeitos de pesquisa, que valorizam suas experiências e perspectivas. Serão examinadas as práticas pedagógicas que cultivam a aprendizagem comum, que se conectam com os estudantes de forma autêntica e significativa.

Esta tese é um convite para enxergar o extraordinário no ordinário, para valorizar as narrativas e conhecimentos que emergem das experiências cotidianas. É uma celebração daquilo que é considerado comum, mediano ou medíocre, reafirmando sua importância e seu potencial transformador. É uma busca pela sabedoria que se esconde nas entrelinhas

do cotidiano, um convite para repensar nossas concepções sobre o que é notável e valioso.

Além de ser uma tese sobre a ordinariedade, esta pesquisa também abraça o cotidiano e o mundo da vida ordinária como um compromisso pessoal. É uma exploração do espaço/tempo em que as pessoas vivem suas vidas, enfrentando as questões comuns do dia a dia.

É nesse ambiente cotidiano que as pessoas enfrentam desafios, buscam soluções, constroem relacionamentos e criam significados. São as pequenas alegrias e tristezas, os momentos de tédio e excitação, as preocupações e aspirações que permeiam a vida ordinária. É nesse contexto que se manifestam os valores, as crenças e as dinâmicas sociais que nos definem como indivíduos e como comunidade.

Ao destacar o cotidiano, esta tese desafia a ideia de que apenas eventos extraordinários ou situações excepcionais merecem nossa atenção. Ela nos convida a olhar com cuidado e sensibilidade para as nuances e sutilezas do dia a dia, para as experiências compartilhadas que, muitas vezes, passam despercebidas.

É importante reconhecer que, embora o cotidiano possa parecer monótono e repetitivo, ele é fundamental para a compreensão da vida em sociedade. Ao valorizar e estudar o mundo da vida ordinária, esta tese ressalta a importância de abordagens que considerem o contexto em que as pessoas vivem, trabalham, aprendem e se relacionam.

Dessa forma, esta pesquisa destaca a riqueza e a relevância do cotidiano, afirmando ser no fluxo das atividades comuns que encontramos percepções valiosas, compreendemos as estruturas sociais e nos conectamos com as experiências compartilhadas. É um convite para apreciar a complexidade do cotidiano e reconhecer ser nele que a vida se desenrola e ganha significado.

A junção do cotidiano e do ordinário é coerente, uma vez que ambos estão intrinsecamente associados a elementos considerados comuns, repetitivos ou até mesmo medíocres. Essa convergência possibilita explorar de forma mais abrangente as experiências dentro da universidade e do colégio que são campos desta pesquisa.

O cotidiano representa a esfera da vida diária, marcada por atividades rotineiras e hábitos estabelecidos. É o espaço em que realizamos tarefas comuns, como acordar, trabalhar, estudar, alimentar-se e dormir. Essas atividades, embora possam parecer repetitivas, são fundamentais para a nossa sobrevivência e bem-estar.

Já o ordinário abarca uma grande gama de elementos e situações que são consi-

derados medianos, comuns ou pouco notáveis. É o domínio do familiar, do habitual, do que está à margem das exceções e das grandes realizações. São as pequenas histórias, as interações triviais, os eventos cotidianos que compõem a maioria da nossa vida e que passam muitas vezes despercebidos.

Ao unir o cotidiano e o ordinário, podemos descobrir significados ocultos nessas experiências aparentemente simples. Por trás da aparente monotonia do cotidiano e do caráter comum do ordinário, encontramos uma riqueza de narrativas individuais e coletivas, de práticas culturais, curriculares e de escrita que estão intrinsecamente ligadas às relações sociais e de reflexões como pessoas comuns fazem usos do que a vida lhes apresenta.

O convite aqui é questionar as noções preestabelecidas de grandiosidade e excepcionalidade, ressaltando a importância de valorizar as pequenas nuances do cotidiano e do ordinário. Por meio desse olhar atento, conseguimos reconhecer a beleza e a complexidade das experiências cotidianas.

Ao integrar o cotidiano e o ordinário, acredito que seja possível romper com a visão estereotipada de que apenas o extraordinário merece atenção e valorização.

Dessa forma, ao unir o cotidiano e o ordinário, vamos ampliar as possibilidades de compreensão e de enxergar além das aparências, valorizando a diversidade e a multiplicidade de experiências presentes no cotidiano. Afinal, é no cotidiano e no ordinário que a vida se desdobra, se renova e se conecta à complexidade humana de maneira autêntica e profunda.

Também é uma tese sobre professores e estudantes que cotidianamente (re)inventam maneiras de (re)existir dentro de escolas e universidades. É sobre currículos e escritas e sobretudo em como professores e estudantes transitam e usam tudo isso, todos os dias de maneiras diferentes.

Os espaços aqui pesquisados foram o de uma escola de formação de professores em nível médio no Estado do Rio de Janeiro e de algumas disciplinas do curso de pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Foram nesses espaços, e em alguns encontros virtuais com professores e estudantes, que escritas e conversas foram apreendidas e que aqui serão apresentadas.

Aqui professores e estudantes não são tidos como entregues à passividade e disciplina, mas sim, pessoas que encontram formas, elementos e movimentos diferenciados para “obter pequenas vantagens ou vitórias” (Certeau, 2009) dentro de um sistema. Seja

ele na escrita ou, na prática docente.

Movimentam-se aleatoriamente, são nômades que distribuem golpes inesperados. Criam caminhos entre frestas e brechas. Invisíveis para as máquinas barulhentas de controle Ibid. Seja nas práticas docentes e curriculares, nas escritas ou nos movimentos cotidianos de professores e estudantes usam o que lhes é apresentado para pequenas vitórias abrindo espaços provisórios de movimentação, ação e lutas.

Defendo a ideia de que professores e estudantes, em diversos espaços, são homens ordinários. Para Certeau, o homem ordinário é um indivíduo comum, que vive e age em seu cotidiano, sem grandes pretensões de poder ou posição. Ele não está no controle das grandes instituições sociais e políticas, mas que, mesmo assim, exerce sua própria forma de resistência e criatividade.

O homem ordinário de Certeau é um agente ativo na (re)criação de sua própria vida cotidiana e seu entorno apesar das limitações impostas por instituições sistema de poder e cultura. Ele se envolve em práticas cotidianas, como caminhar, cozinhar, falar, trabalhar, entre outras, e, ao fazer isso, cria sua própria experiência, ao mesmo tempo em que também é influenciado por fatores externos, como a cultura e a sociedade em que vive.

Certeau argumenta que, apesar de o homem ordinário não ter o mesmo poder que as instituições sociais e políticas, ele tem a capacidade de subverter as estruturas de poder existentes e criar suas próprias formas de resistência e subversão. Ele usa a sua criatividade e habilidade para transformar e reinterpretar os significados e usos de objetos e práticas cotidianas, criando assim, novas formas de significado e uso.

O homem ordinário é um agente ativo que apesar de sua criatividade e resistência muitas vezes é invisível aos sistemas de poder e autoridade. O homem ordinário é uma figura heroica que consegue criar sua própria realidade em meio a sistemas sociais opressivos.

Heroicos! Professores e estudantes. Homens ordinários que criam e recriam seus caminhos, currículos e escritas. São sujeitos importantes na criação e transformação da cultura, instituições e da sociedade em que vivem graças a criatividade deles em suas práticas cotidianas.

A eles dedico esta tese assim como Certeau dedica seu livro ao homem comum.

Este ensaio é dedicado ao homem ordinário\*. Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável. Invocando, no limiar de meus relatos, o ausente que lhes dá princípio e necessidade, interrogo-me sobre o desejo cujo objeto impossível ele representa. A este oráculo que se confunde com o rumor da história, o que é que pedimos para nos fazer crer ou autorizar-nos a dizer quando

Ihe dedicamos a escrita que outrora se oferecia em homenagem aos deuses ou às musas inspiradoras? Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público. Sociologização e antropologização da pesquisa privilegiam o anônimo e o cotidiano onde zooms destacam detalhes metonímicos - partes tomadas pelo todo. (Certeau, 2009, p.55)

É fundamental abordar os estudos de Michel de Certeau no contexto desta tese, uma vez que sua perspectiva teórica sobre a ordinariedade e as práticas cotidianas oferece conceitos valiosos para a exploração dos materiais da pesquisa e para a proposta metodológica aqui usada.

A obra de Certeau, em especial “A Invenção do Cotidiano 1 e 2”, nos convida a repensar o significado das ações cotidianas e da vida ordinária. Certeau argumenta que essas práticas comuns são espaços de resistência e criatividade, onde as pessoas encontram maneiras de agir e se expressar dentro das estruturas sociais e institucionais dominantes. Certeau destaca a importância das táticas adotadas pelas pessoas comuns para negociar e redefinir o seu cotidiano, subvertendo as lógicas de poder e imprimindo sua singularidade nas práticas ordinárias.

No contexto da ordinariedade, a perspectiva de Certeau permite enxergar a vida cotidiana como um campo fértil para a produção de significados e resistência. Ele nos convida a olhar além das aparências e reconhecer as práticas invisíveis e criativas que ocorrem nos espaços cotidianos. As ações aparentemente banais, como caminhar pela cidade, ler um texto acadêmico ou assistir à televisão, tornam-se oportunidades para ações individuais e coletivas que desafiam e reconfiguram as estruturas institucionais e culturais.

Além disso, a noção de “maneiras de fazer” de Certeau vai permitir compreender como as pessoas comuns se apropriam e reinterpretam as normas e regras impostas a elas. Essas táticas individuais e coletivas são expressões de agência e criatividade, permitindo que os sujeitos construam sua própria identidade e resistam às imposições do poder dominante.

Ao estruturar esta tese nos estudos de Certeau sobre a ordinariedade ela ganha uma dimensão mais ampla e profunda. Ela se torna uma investigação sobre a criatividade, a resistência e a complexidade das práticas cotidianas, desvendando as múltiplas camadas de significado e poder que permeiam a vida ordinária. A partir dessa perspectiva, podemos compreender como as pessoas constroem e reconstróem seus saberes, escritas e a própria vida, pois encontram agências e criam espaços de transformação em meio às estruturas

sociais e culturais estabelecidas.

## 1.1 O HOMEM ORDINÁRIO

Defendo a ideia de que o conceito de “homem ordinário” não se refere a um sujeito específico, mas sim a uma representação coletiva. É uma maneira de descrever as pessoas comuns. Isso destaca a pluralidade e a diversidade das experiências humanas no contexto da pesquisa.

O homem ordinário não é um sujeito, é um personagem conceitual. O conceito de “homem ordinário” transcende a concepção de um sujeito singular e individualizado. Em vez disso, esse conceito representa uma abstração que engloba a multiplicidade das experiências humanas comuns. É um personagem conceitual que enfatiza a natureza genérica e simbólica de todos.

Ao utilizar aqui homem ordinário, não estou me referindo a uma única pessoa, mas sim a um arquétipo que incorpora as experiências compartilhadas por muitos.

Essa perspectiva contrasta com a ideia de um “sujeito,” que é frequentemente interpretado como um indivíduo distinto, com características, história e identidade únicas. O homem ordinário, por outro lado, transcende as fronteiras da individualidade e representa a universalidade das experiências cotidianas. Ele é um ponto de convergência onde as histórias de diversas pessoas se entrelaçam, formando um quadro mais amplo da vida comum.

Ao adotar essa abordagem, Certeau convida os leitores a considerar não apenas os aspectos singulares das vidas individuais, mas também a complexidade das experiências compartilhadas por muitos, destacando a riqueza e a diversidade que podem ser encontradas nas narrativas daqueles que, muitas vezes, são considerados simplesmente como “pessoas comuns.” É uma maneira de elevar o valor e a relevância das vidas cotidianas e das histórias daqueles que não são celebrados como heróis, mas que desempenham papéis essenciais na tessitura da trama da sociedade.

Certeau homenageia o homem ordinário, aquele que não é um herói extraordinário, mas sim uma figura comum e disseminada na sociedade. Ele se refere ao homem ordinário como um “Herói comum” e “Personagem disseminada,” enfatizando a presença ubíqua dessa figura nas experiências cotidianas.

Este ensaio é dedicado ao homem ordinário: Herói comum. Personagem disseminada. Caminhante inumerável. Invocando, no limiar de meus relatos, o ausente que lhes dá princípio e necessidade, interrogo-me sobre o desejo cujo objeto im-

possível ele representa. A este oráculo que se confunde com o rumor da história, o que pedimos para nos fazer crer ou autorizar-nos a dizer quando lhe dedicamos a escrita que outrora se oferecia em homenagem aos deuses ou às musas inspiradoras? (Certeau, 2009, p.55)

Certeau também faz uma reflexão sobre o desejo associado a esse homem ordinário, questionando o que buscamos ao escrever sobre ele. Ele menciona o “objeto impossível” que esse homem representa, sugerindo que, mesmo sendo comum, ele carrega uma complexidade e profundidade que muitas vezes não conseguimos compreender plenamente.

Ele utiliza a ideia de um “oráculo” que se confunde com o “rumor da história” para destacar a importância desse homem ordinário na narrativa histórica e na escrita. Ele questiona o que pedimos a esse oráculo ao dedicar nossa escrita a ele, sugerindo que talvez busquemos compreender melhor a complexidade da vida cotidiana ou encontrar significado nas experiências comuns que passam muitas vezes despercebidas. Certeau destaca a relevância e o valor do homem ordinário na compreensão da vida e da história.

Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público. Sociologização e antropologização da pesquisa privilegiam o anônimo e o cotidiano onde zooms destacam detalhes metonímicos - partes tomadas pelo todo. Lentamente os representantes que ontem simbolizavam famílias, grupos e ordens, se apagam da cena onde reinavam quando era o tempo do nome. Vem então o número, o da democracia, da cidade grande, das administrações, da cibernética. Trata-se de uma multidão móvel e contínua, densamente aglomerada como pano inconsútil, uma multidão de heróis quantificados que perdem nomes e rostos tornando-se a linguagem móvel de cálculos e racionalidades que não pertencem a ninguém. Rios cifrados da rua. Ibid.

Certeau ainda aborda a transformação do conceito de herói e sua representação ao longo do tempo. Ele começa descrevendo o “herói anônimo” como algo que surge nas sociedades muito antes da existência de textos escritos. Essa figura é como um murmúrio constante, uma presença que precede a própria escrita e não espera por ela. Ela zomba das representações escritas, não se encaixa nos moldes tradicionais de atores com nomes próprios e brasões sociais.

O autor observa que, nas representações escritas, essa figura anônima começa a ganhar importância progressivamente. Ela passa a ocupar o centro das cenas científicas, à medida que as lentes se afastam dos atores individuais com nomes e se concentram no coro de figurantes anônimos nas laterais e, finalmente, na multidão do público. Isso reflete uma mudança na pesquisa, onde a sociologia e a antropologia começam a privilegiar o

anônimo e o cotidiano, usando zooms para destacar detalhes que representam o todo.

Ao longo desse processo, os representantes que costumavam simbolizar famílias, grupos e ordens perdem sua relevância. No lugar de nomes específicos, surge a ênfase nos números, refletindo a ascensão da democracia, das cidades grandes, das administrações e da cibernética. Agora, a ênfase está na multidão, na massa de “heróis quantificados” que perdem nomes e rostos, tornando-se parte de uma linguagem móvel de cálculos e racionalidades que não pertencem a ninguém em particular. Eles são como “rios cifrados da rua,” representando uma coletividade fluida e contínua, sem identidades individuais distintas. Esse processo ilustra a evolução da representação do herói ao longo da história, de um indivíduo notável para uma massa indistinta.

E desse/dessa pessoa que estou falando. São eles/elas os que me interessam. O homem ordinário é uma festa multiforme, uma figura coletiva, um personagem conceitual que abrange a diversidade das experiências humanas cotidianas, independente de gênero. Eu sou ele e você também.

## **1.2 UMA VIAGEM PELA INVENÇÃO DO COTIDIANO (ARTES DE FAZER)**

Após trabalhar a ideia de homem ordinário vamos adensar a discussão teórica sobre Certeau e os cotidianos trazendo um pouco da história do livro.

Giard no introito do livro: A invenção do cotidiano 2 lembra do lançamento e motivação do primeiro livro.

Launched in February of 1980 in the first edition, the two volumes of *A invenção do cotidiano* had been completed in the previous summer. The work was the result of a research contract, financed by DGRST from 1974 to 1977, under the stimulus of Augustin Girard, at the time responsible for the Service of Studies and Research in the Ministry of Culture. (Certeau; Giard; Mayol, 2016, p.17)

A pesquisa publicada no primeiro livro nasce da interrogação sobre o que Certeau chamou de *as operações dos usuários*, e da ideia de que estavam supostamente entregues a passividade e a disciplina.

“onde a filosofia consumista só via consumo passivo de produtos industrializados, do mercado a deslocar-se de uma marca para a outra, onde o vocabulário marxista falava em termos de exploração, de comportamentos e produtos impostos, de massificação e uniformização, Michel de Certeau propunha como primeiro postulado a atividade criadora dos praticantes do ordinário, encarregando-se, para a pesquisa em curso, de pôr em evidência “as maneiras de fazer” e de lhes elaborar uma primeira formalização teórica, coisa a que ele dava o nome de “formalidade das práticas”. Ibid., p.18

As práticas cotidianas ou “maneiras de fazer” cotidianas passaram a ser articuladas com um conjunto de questões teóricas e pontos de vistas que permitiram dar múltiplos sentidos aos esquemas de ação, modos de operação das pessoas, veículos e autores destes modos operavam no consumo cotidiano.

Ele procurou

explicitar as combinatórias de operações que compõem também (sem ser exclusivamente) uma “cultura” e exumar os modelos de ação característicos dos usuários, dos quais se esconde, sob o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominados (o que não quer dizer passivos ou dóceis). O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada. Certeau; Giard; Mayol, op. cit.

Para Certeau cultura era “arte de fazer”. Essas artes representam as práticas cotidianas pelas quais as pessoas comuns, ou homens ordinários, interagem com o mundo à sua volta. Essas práticas envolvem atividades comuns, como caminhar na cidade, cozinhar, usar a linguagem, fazer compras, assistir à televisão, entre outras. Certeau estava interessado em como as pessoas adaptam e reinterpretam as normas culturais e as estruturas de poder em suas ações cotidianas.

A arte de fazer é ato de criatividade e resistência, nos quais as pessoas comuns exercem sua agência individual, mesmo em face das imposições e restrições da cultura dominante. Cada ato cotidiano era uma oportunidade para a reinterpretação e a recriação da cultura. Isso implicava que as pessoas não eram apenas consumidoras passivas da cultura, mas também ativas na produção de significado e práticas dentro dos limites culturais estabelecidos.

Nos estudos que realizou nos dois volumes de *A invenção do Cotidiano* deu destaque as artes de fazer do homem ordinário. Aos usos e consumos que todos os dias fazemos da cultura Certeau defende que qualquer análise deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor “fabrica” durante os usos consumos de qualquer coisa. (Certeau, 2009, p.38)

Fabricação, que, na verdade, é uma produção dentro dos sistemas, no caso dos estudos realizados por ele, televisiva, urbanística ou comercial.

A fabricação refere-se à produção de significado, práticas e usos dentro dos sistemas culturais, muitas vezes de maneira não esperada ou não prescrita. Certeau argumenta que os consumidores não são meros receptores passivos da cultura, mas também desempenham um papel ativo na interpretação e na transformação da cultura através de suas práticas cotidianas.

Essa ideia de “fabricação” envolve a criatividade e a agência dos indivíduos comuns,

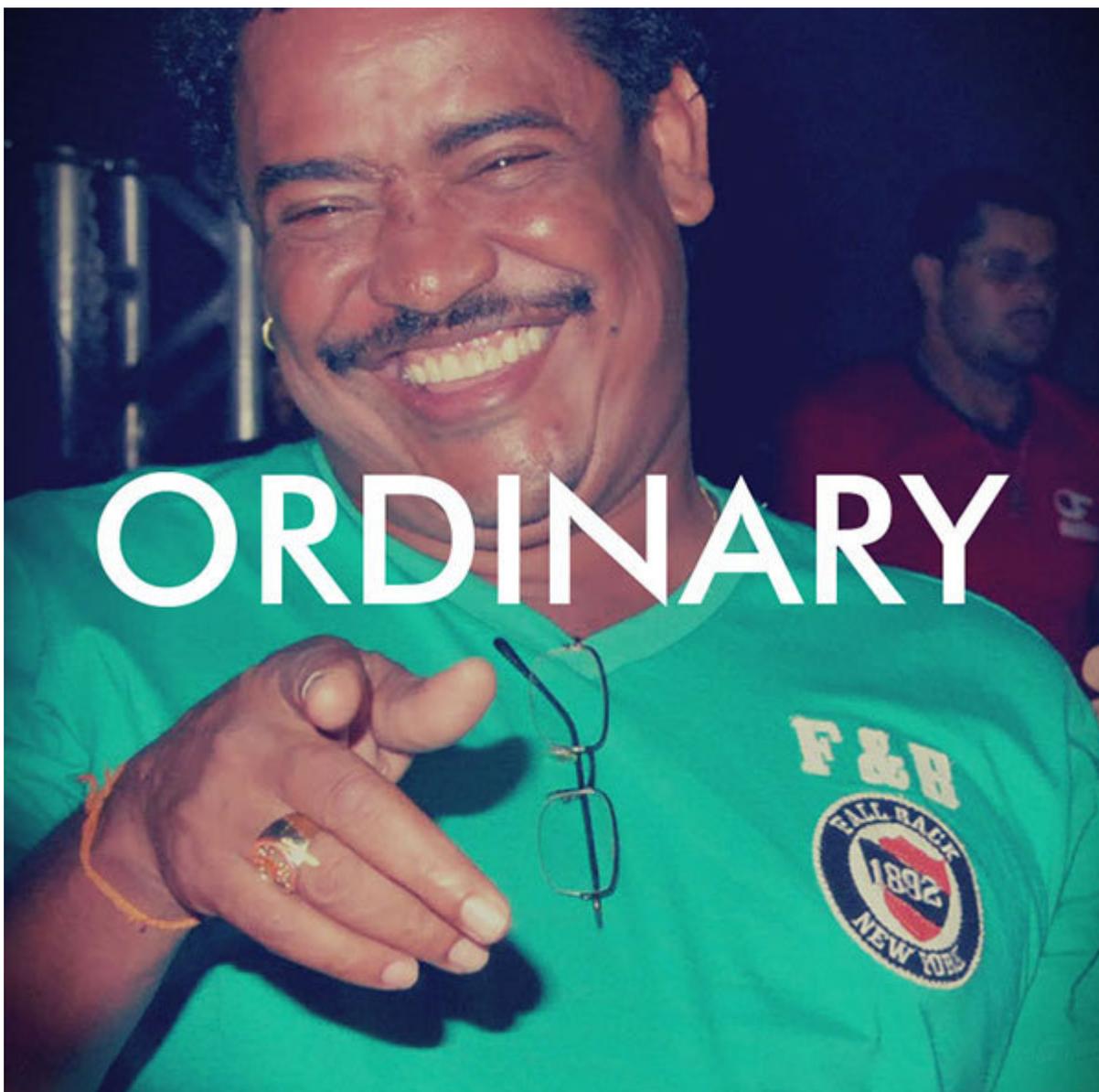
que, ao interagirem com produtos culturais, reinterpretem-nos e muitas vezes produzem significados e usos que não eram necessariamente previstos pelos criadores desses produtos. Por exemplo, ao assistir à televisão, as pessoas podem reinterpretar o conteúdo de acordo com suas próprias experiências e perspectivas, dando-lhe significados pessoais ou sociais que não estavam presentes na intenção original dos produtores.

A “fabricação” também está relacionada à capacidade das pessoas comuns de se adaptarem e de encontrar maneiras criativas de lidar com as restrições e normas impostas pela cultura dominante. Isso inclui a reinvenção de práticas cotidianas, como caminhar na cidade, cozinhar, falar, entre outras. A fabricação destaca o papel ativo das pessoas comuns na produção de cultura, mesmo dentro das estruturas culturais existentes.

É este modo de consumir produtos produzindo/fabricando usos, não esperado pelos sistemas também servira de base para muitas as discussões aqui travadas. É juntando a ordinariedade com os usos que discutirei práticas curriculares, escritas e práticas docentes ao longo da tese.

### **1.3 ORDINARIEDADE DE PROFESSORES E ESTUDANTES**

Meu interesse pela ordinariedade e pelo cotidiano surgem, pois me assumo, em meu ofício e na vida, como *um homem primata*, mas também como o homem ordinário de Certeau, um *bricoleur* na vida e nos pensamentos. Talvez uma junção: um *bricoleur ordinário* que faz *usos* (Certeau, 2009) do que a vida apresenta para obter pequenos sucessos.



**Figura 3 – Figura 3 Meme do “cumpadi” Washington recebi de uma estudante logo após explicar sobre o que escrevia na minha tese<sup>a</sup>.**

<sup>a</sup> Ao longo da pesquisa compartilhei com meus estudantes o que pensava, pesquisava e escrevia. Foram turmas de segundo e terceiro ano do ensino médio formação de professores. Cumpadi Washington é o nome artístico de Washington Fernandes da Silva, um músico e dançarino brasileiro nascido em Salvador, Bahia. Ele é mais conhecido como um dos vocalistas da banda É o Tchan que se tornou muito popular no Brasil nos anos 1990 com seu estilo musical conhecido como axé music. O Meme aqui colocado foi recebido no ano de 2023 ainda dentro da sala de aula logo depois de uma conversa sobre o que eu estava escrevendo. A estudante utilizou o bordão “ordinário” do artista escrevendo em inglês pois, a mesma, havia ganhado um bolsa de estudos em uma escola de língua inglesa e utilizava muitas palavras em inglês na sala de aula. A estudante passou a me chamar de “Ordinary Professor”. É importante destacar que no contexto das músicas da banda É o Tchan Cumpadi Whashingto usava o termo ordinário como uma forma de chamar a atenção para os movimentos sensuais das dançarinas e esse uso carregava um peso depreciativo e de hiperssexualização das mulheres. Não é desse jeito que o termo é usado aqui. Inclusive essa questão foi alvo de uma intervenção que fiz em algumas conversas com a estudante.

“*Bricoleur*” é um termo francês que se refere a uma pessoa habilidosa em realizar trabalhos manuais diversos e que geralmente usa objetos e materiais disponíveis para criar soluções criativas e improvisadas para problemas práticos. O *bricoleur* é, portanto, uma figura criativa que consegue pensar as mais variadas formas e fazer *usos* do que possui para encontrar soluções práticas para seus problemas.

O homem ordinário é ele próprio um *bricoleur*. O sujeito, simples, ordinário e invisível que representa o lado não dominante da sociedade. Herói anônimo, personagem secreto, “oráculo que se confunde com a história” Ibid., p.55. É ele que cotidianamente se movimenta e movimenta a história.

E com esta personagem e com a possibilidade dos usos e consumos que Certeau nos traz esperança nas condições de o sujeito preservar sua autonomia mesmo estando em ambientes controlados e supervisionados.

Aqui, professores e estudantes, ordinários como o homem de Certeau, dançam, quebram regras, (re)inventam escritas, currículos e metodologias.

Nesta tentativa apresentar professores e estudantes como homens ordinários, talvez a figura do moleiro Domenico Scandella conhecido como *traga* uma contribuição para a ideia do que vou chamar de *bricoleur ordinário*.

Ao pesquisar sobre uma seita italiana de bruxos, o historiador Carlo Ginzburg deparou-se com os documentos dos julgamentos de Menocchio. Ele mesmo um homem ordinário. Ou como ele mesmo disse em um dos depoimentos tomados pelos inquisidores: “moleiro, carpinteiro, marceneiro, pedreiro e outras coisas”. Posteriormente, em seu segundo julgamento, diria ser: “filósofo, astrólogo e profeta”.

#### Grande questionador

“Em 28 de setembro de 1583, Menocchio foi denunciado ao Santo Ofício, sob acusação de ter pronunciado palavras “heréticas e totalmente ímpias sobre Cristo. Não se tratava de uma blasfêmia ocasional: Menocchio chegara a tentar difundir suas opiniões, discutindo-as (“praedicare et dogmatizare non erubescit”; ele não se envergonhava de pregar e dogmatizar). “Este fato agravava muito a situação.” (Ginzburg, 2006, p.32).

Longe da pretensão de fazer algum tipo de comparação com Menocchio, mas destacando sua capacidade de, mesmo sendo um homem simples, camponês, ordinário a sua capacidade de argumentar, criar e transformar as mais diferentes experiências e conhecimentos e argumentos serve para exemplificar o que aqui quero dizer quando assumo e defendo a condição de um *bricoleur* ordinário de professores e estudantes. De sujeitos

que tentam usar sua vivência para construir com seu conhecimento, questionamentos e possíveis novas respostas.

“Eu disse que segundo meu pensamento e crença tudo era um caos, isto é, terra, ar, água e fogo juntos, e de todo aquele volume em movimento se formou uma massa, do mesmo modo como o queijo é feito do leite, e do qual surgem vermes, e esses foram os anjos. A santíssima majestade quis que aquilo fosse Deus e os anjos, e entre todos aqueles anjos estava Deus, ele também criava daquela massa, naquele mesmo momento, e foi feito senhor com quatro capitães: Lúcifer, Miguel, Gabriel e Rafael. O tal Lúcifer quis se fazer de senhor, se comparando ao rei, que era a majestade de Deus, e por causa dessa soberba Deus ordenou que fosse mandado embora do céu com todos os seus seguidores e companhia. Esse Deus, depois, fez Adão e Eva e o povo em enorme quantidade para encher os lugares dos anjos expulsos. O povo não cumpria os mandamentos de Deus e ele mandou seu filho, que foi preso e crucificado pelos judeus.” E acrescentou: “Eu nunca disse que ele se deixara abater feito um animal, eu disse bem claro que se deixou crucificar e esse que foi crucificado era um dos filhos de Deus, porque todos somos filhos de Deus, da mesma natureza daquele que foi crucificado. Era homem como nós, mas com uma dignidade maior, como o papa hoje, que é homem como nós, mas com maior dignidade do que nós porque pode fazer. Aquele que foi crucificado nasceu de São José e da Virgem Maria” Ibid., p.37

#### **1.4 EU NÃO TRABALHAVA, EU NÃO SABIA, O HOMEM CRIAVA E DESTRUÍA(UM POUCO SOBRE MIM E A TESE)**

Criar e destruir são habilidades que tenho bem desenvolvidas em mim. Criar algo com arame para consertar uma descarga, destruir uma parede e subir outra um metrô mais distante, rebocar um muro, desmontar eletrodomésticos para tentar consertar ou pesquisar com um amigo como posso construir um móvel para minha sala e sair da conversa para entrar em uma madeireira sempre fizeram parte da minha vida. Praticamente tudo dentro da minha casa foi construído, montado ou reformado por mim. Existem pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de caçadores e achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos (Certeau, 2009, p.46) em minhas histórias.

Já afirmo que esta tese fala sobre ordinariedade, escritas e currículos. Sobre escrita acadêmica, seja lá o que isso for. Fala sobre práticas, currículo, histórias e outros livros. Mas assim como uma receita de bolo não é um bolo, ou um molde de roupa não é uma roupa, esta tese não é um manual. A tentativa aqui é a de dançar com diversas formas de construção pedindo licença para torcer algumas regras e mesmo assim ser uma tese.

Assim, em sua ordinariedade, em sua comum-nidade, vivendo em comunidade (onde o homogêneo é epistemologicamente inviável e politicamente indesejável) os homens comuns inventam ideias, interpretações, significados e currículos diferentes todo tempo, em movimentos de bricolagem, negociação e acordo mas não de unificação/homogeneização. (Sussekind, 2014, p.1521)

Também é um compilado de experiências que tive e tenho tido pelo menos desde

2009 com a orientação da professora Maria Luiza Süssekind e com o Grupo de Pesquisa Práticas Educativas e Formação de Professores (GPPF).

Fui bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de 2009 até 2012 no curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), mestrando e agora doutorando da mesma universidade sempre orientado pela professora Maria Luiza Süssekind.

Durantes esses quase doze anos de estudos e vivências com a universidade grupos de pesquisa experimentei diversas sensações e vivências com a escrita. Desde a sensação de total incapacidade para escrever um artigo até o orgulho de receber elogios por minha escrita. Tentei, aprendi e inventei diversas formas e rotinas de escrita. Foram essas experiências que me motivaram a escrever uma tese sobre a escrita e currículo

Foi tentando *empurrar a linguagem* que escrevi esta tese. Buscando uma abordagem epistemológica ao sul e trabalhando com os autores mais clássicos e contemporâneos que fizeram parte da minha formação como professor e pesquisador, junto com os estudos nos/dos/com os cotidianos que tento quebrar a armadilha de “pensar que a sabedoria tem residência exclusiva no universo da escrita. (Couto, 2011, p.51)

Como professor do ensino médio do Estado do Rio de Janeiro, algumas vezes cai na armadilha que o escritor moçambicano Mia Couto em poucas palavras destacou. Acreditar que quem escreve bem é detentor de maior conhecimento em relação a quem escreve mal foi um erro que cometi durante algum tempo. Pensar sobre a escrita e escrever uma tese sobre o tema, talvez seja a tentativa definitiva de quebrar essa armadilha.

Tanto no ambiente escolar como no acadêmico a lógica da superioridade da escrita instalou-se de forma quase inquestionável. Bons estudantes escrevem bem, maus estudantes não sabem escrever. Nas escolas e universidades não é difícil perceber o grande destaque dado aos estudantes que dominam a norma culta da língua portuguesa. Da mesma forma o oposto também é fácil, saber quem “não escreve bem”<sup>1</sup>.

Existe uma série de imagens sobre a escrita e de quem escreve bem ou mal. Eu como professor, estudante e pesquisador já me deparei inúmeras vezes com falas onde o estudante foi classificado como bom ou ruim conforme a sua capacidade de escrever dentro das normas da língua portuguesa. Veja bem não quero defender que conhecer e saber aplicar tais normas não seja necessário, mas acredito que dizer se um estudante é bom ou ruim simplesmente porque domina as regras da língua portuguesa é reduzir o debate do que é conhecimento a um jogo de quem sabe ou não sabe as regras.

Pensar a escrita aqui é tentar mexer com imagens e linhas sobre o que é e como se escreve no contexto da academia é tentar de evitar o que a separação entre o conhecimento dominante e as formas de conhecimento marginalizadas, que se desenvolveu historicamente na sociedade ocidental moderna e é uma característica central do projeto moderno ocidental, que foi construído em grande parte sobre a colonização, a escravidão e a opressão de povos não ocidentais e marginalizados.

Evitar o pensamento binário que divide o mundo em categorias opostas e hierarquizadas, onde uma categoria é considerada superior e a outra inferior. Essas categorias são geralmente baseadas em características físicas, como raça, gênero, classe social etc.

Essa separação entre os conhecimentos produzidos é uma forma de pensamento que supõe a superioridade do conhecimento científico e tecnológico ocidental, e que leva à marginalização e desvalorização dos conhecimentos e saberes produzidos nas regiões periféricas e marginalizadas do mundo.

Trazer para a margem a minha discussão é trazer o que é considerado ordinário para o foco. É desierarquizar ou bagunçar as hierarquias e movimentar as linhas abissais negociando ou tomando espaços sobre os sentidos e valores do que escrevemos academicamente.

#### 1.4.1 Comos?

Foi pensando em ordinariedades que perguntei: como trazer essa discussão para meu tema? Como pensar a escrita na universidade? Como se faz uma tese? São as perguntas que este homem primata se fez ao longo do processo de pesquisa até chegar numa pergunta inicial. Não tenho dúvidas que, além deste, *desde os primórdios (acadêmicos), até hoje em dia, o homem ainda faz o que muitos outros homens primatas (estudante) já se perguntaram: o que é escrita acadêmica?*

Existem diversos bons manuais de escrita acadêmica. Leão (2016) define o que ela chama de trabalho científico.

Podemos definir um trabalho científico como a apresentação (oral ou escrita) de uma observação científica, ou ainda, a apresentação de uma ideia ou conjunto de ideias, a respeito de uma observação científica. A observação pode ser relativamente simples ou pode ser complexa, mas, deve sempre ser relatada de forma clara, organizada e concisa, para facilitar a sua compreensão. As diversas modalidades de comunicação científica podem ser divididas em comunicação escrita e comunicação oral. Um trabalho escrito ou uma publicação científica escrita pode ser de vários tipos que, de modo geral, dependem da extensão que se deseja dar ao relato da observação científica. (p.59)

O que Leão chama de trabalho científico pode muito bem ser uma tese, uma dissertação, uma monografia e diversas outras formas de comunicação escrita que utilizamos na universidade e nos colégios. O que chamo de escrita acadêmica aqui é um estilo de escrita que é utilizado por alunos e professores em contextos acadêmicos e escolares, como em trabalhos de conclusão de curso, artigos científicos, dissertações e teses, entre outros como o objetivo de comunicar ideias e informações de forma clara, objetiva e organizada, de modo a persuadir e convencer o leitor sobre um determinado assunto.

A escrita acadêmica é geralmente identificada por uma linguagem formal, clara e precisa, que segue padrões gramaticais, organizacionais e das normas de citação e referência protegidas.

OS ESCRITORES ACADÊMICOS têm de organizar seu material e expor um argumento com clareza suficiente para que os leitores possam acompanhar o raciocínio e aceitar as conclusões. Dificultam a tarefa mais do que o necessário quando pensam que existe uma Única Maneira Certa de fazer, quando pensam que cada artigo que escrevem tem uma estrutura predeterminada que precisam encontrar. Por outro lado, simplificam a tarefa quando reconhecem que existem muitas maneiras eficientes de dizer algo e precisam apenas escolher e empregar uma delas para que os leitores saibam o que eles estão fazendo. (Becker, 2016, p.71)

A equivocada ideia da existência de uma única maneira certa é comum nos estudantes. Estudantes do ensino médio e superior aprendem a melhor forma de responder uma questão para seus professores e acreditam que os mesmos são donos de algum conhecimento que os faz grandes escritores.

É do incômodo com a escrita e práticas de hierarquização que estudantes são submetidos que nasceu esta tese. É dele que parte toda a construção teórica aqui tecida.

Usamos a língua para escrever e dizer coisas que estão além da língua e mesmo da vida cotidiana. Contudo, “vivemos dominados por uma percepção redutora e utilitária que converte os idiomas num assunto técnico” (COUTO, 2011, p. 14.) e suas práticas em hierarquias, exclusão e invisibilização. Se as “línguas servem para comunicar” (COUTO, 2011, p. 13), e, às vezes, nos fazem “ser” ( ), é preciso lutar pelo direito de que cada um traduza seus pensamentos em muitas e diferentes escritas, e se faça presente, já que no mundo universidade “a palavra tem que lutar para não ser silêncio” (Ibidem). (Sussekind, 2017, p.135)

Como um homem ordinário, um bricoleur e assumido desobediente o meu desafio foi o de encontrar o equilíbrio entre a clareza para que os leitores acompanhem o meu raciocínio e aceitem as minhas conclusões, acreditando que não existe uma única maneira certa de começar esta tese, iniciando- a da forma mais simples que posso, mas sem simplificar a tarefa a ponto de perder o tom acadêmico que uma tese precisa ter. Justamente por isso início admitindo a minha total incapacidade de escrever o desejo escrever. Porque

não consigo transformar em palavras o que desejo ou porque “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (Deleuze; Guattari, 2014, p.19). Talvez os dois.

Tentando usar diferentes escritas para superar as armadilhas, a percepção redutora e utilitária da língua e a enorme vontade de acreditar que escrever é significar para meus leitores, os meus desejos e a minha pesquisa, assumo aqui a condição de um autêntico *Bricoleur*. De um sujeito que coleciona pedaços e peças e sempre se propôs a fazer pequenos reparos sem ser especialista em nada, mas sim um especialista/colecionador que busca inventar aquilo que se pede ou de que necessita. Um sujeito que aprende a brincar parte de brinquedos, móveis, tralhas em geral e por fim, textos. Tudo para dar e fazer novos usos de tudo.

Justamente por tudo que aqui apresentei, a tese será escrita na primeira pessoa. Quando pensava em uma tese, pensava em como escrever um texto que fosse ao mesmo tempo: de fácil leitura, engraçado, em primeira pessoa e aceitável academicamente. Queria que o leitor tivesse prazer em ler. Logo percebi a impossibilidade de tal projeto. Ler é uma “operação de caça” (Certeau, 2009) e o que aqui escrevo ajuda a dizer aquilo que lhe ultrapassa, o vivido, os acontecimentos, o cotidiano. Certeau, citando Borges, afirma que o que escrevemos tem uma reserva de possíveis formas que só terá sentido quando lido. Ele transforma o ato de ler em uma operação caça (de liberdade) da representação e entendimento do escrito a partir das decodificações individuais.

Sendo a leitura uma produção do leitor, procurei deixar de lado a vontade/sonho de significar a controlar os caminhos de possíveis leituras, me arrisco na construção de uma tese que pretende pensar as produções escritas na formação de professores, os usos que os estudantes fazem da escrita na academia e o que afinal é essa escrita.

Grande parte da minha justificava para construção do tema da tese aqui apresentada e o meu interesse por estudar escritas na formação de professores foi porque durante toda a minha formação como professor e durante o período em que escrevi minha dissertação de mestrado, fui atravessado por diferentes sentimentos e interesses de pesquisa. Rizomatizando com minhas leituras, conversas e vivências chegava ao final do mestrado pensando em possíveis caminhos de estudo. Em meu mestrado dei especial atenção as práticas curriculares na formação de professores em nível médio. Acreditando, assim como Santos (2018) que todo conhecimento é autoconhecimento, mergulhei na construção de meu *Cur-rere* (Pinar, 2012), passando pelos problemas metodológicos dos estudos *nosdoscom* os cotidianos. Seguindo *as pistas e indícios* (Ginzburg, 2014) meu texto foi construído em um fluxo que só a ideia de *platôs* (Deleuze; Guattari, 2014) permitiu escrever e *territorializar* Ibid. os rizomas que me interessavam. Nos movimentos que aconteceram durante os quase dois

anos de mestrado fui transformado profundamente. Essa mudança trouxe outros interesses e novos desafios.

Transformado como professor-pesquisador-estudante ao longo do processo de pesquisa e escrita do mestrado e interessado em pesquisas sobre currículo e formação de professores, fui envolvido pela hipótese levantada por Howard Becker em seu livro *Truques da Escrita* (2015). Becker afirma que durante o ensino médio os estudantes criam diversos hábitos de escrita que são consolidados durante a graduação. Segundo Becker, haviam aprendido a escrever trabalhos de semestre (Becker, 2016, p.32) . Aprendem a estudar na véspera das provas, pesquisam qual a possível resposta que o professor espera de seus estudantes e escrevem de uma vez só seus trabalhos.

Becker descrevia hábitos de escrita que vivi, presenciei e ainda presencio na universidade e no ensino médio.

Pensando sobre esses hábitos de escrita e como a escrita pode ser usada nos espaços da escola e da universidade para produzir abissalidades e epistemicídios, sendo muitas vezes instrumento para demonstração de poder que despertaram meu interesse pelo tema.

---

People who  
read



People who  
write



**Figura 4 – Figura 4 Meme recebido de um companheiro de trabalho e também doutorando<sup>a</sup>.**

<sup>a</sup> Conversáramos sobre dificuldade de escrever uma tese e os hábitos de cada um no que diz respeito a escrita. Ele levantava a questão: ler é prazeroso, escrever não. Para, além disso, o meme traz uma brincadeira com a suposta estética de quem só lê e avalia um livro e quem escreve. A ideia de que escrever causa sofrimento foi compartilhada por muitos outros amigos de doutorado.

Como hábitos, quero dizer qualquer prática, costumes, rotinas, tradições ou qualquer subterfúgio usado antes, durante ou após a escrita de um texto. Não é o *habitus* de Bourdieu, nem o habito do monge, mas um pacote de direitos, deveres, imagens e narrativas que nos identifica por aproximação e dá pertencimento.

Becker se refere a hábitos como coisas que criamos para nos ajudar no processo de escrita. que parto da ideia dele de que estudantes estão acostumados a escrever trabalhos curtos e que só na pós-graduação passam a ter grande preocupação em revisar seus textos, e que muitos criam hábitos, que muitas vezes podem ser considerados irracionais, para escrever.

Estes hábitos me interessam, pois, partindo deles posso puxar muito fios sobre os processos e o que podemos considerar de escrita acadêmica ajudando a construir a pesquisa.

Longe de querer revisar a produção de Becker (2015) desejo dialogar com ele e tentar construir um trabalho que talvez traga novas ideias para a discussão por Becker apresentada.

Sobre esses hábitos, em uma breve troca de e-mails, pergunto a Becker sobre o que ele esperava com seu livro e a importância dos hábitos para escrita acadêmica. Becker me responde:

Seu projeto parece realmente interessante. Minha ideia principal nesse livro, que veio de minhas próprias experiências lidando com alunos (como você sabe), é que os alunos (como todo mundo) tentam lidar, da melhor maneira possível, com as demandas que seu ambiente social lhes impõe. Se você quiser que eles façam as coisas de forma diferente, você (o professor) tem que fazer as exigências deles de forma que eles tentem fazer algo mais parecido com o que você quer. Mas a lição que aprendi foi que, se você quiser que eles façam as coisas de maneira diferente sobre a escrita, você tem que mudar as exigências para fazerem o que você quer é a melhor maneira para eles superarem a situação. O que significa que você deve ser muito claro e realista sobre o que deseja que eles façam.<sup>2</sup>

## **2 ESTOU FICANDO LOUCO DE TANTO PENSAR, ESTOU FICANDO ROUCO DE TANTO GRITAR (HIPÓTESE E OBJETOS DE PESQUISA)**

Entendo que uma pesquisa científica é um procedimento racional, sistemático e empírico de coleta, análise e interpretação de dados para responder a uma pergunta ou hipótese específica sobre um fenômeno natural, social ou tecnológico. É um processo rigoroso e disciplinado que segue um conjunto de métodos e normas estabelecidos para garantir que os resultados sejam confiáveis e que esses resultados possam ser demonstrados.

Uma pesquisa científica envolve a formulação de uma pergunta ou hipótese, o planejamento e a realização de experimentos e/ou coleta de dados, análise dos resultados e elaboração de conclusões. Posteriormente a comunicação dos resultados por meio de publicações científicas.

Entendo tudo isso e aqui encontro uma questão importante e que acredito ser necessário discutir brevemente: que tipo de pesquisa estou propondo e os objetivos dela.



doutoradodadepressao



# Eu, tentando sustentar meus argumentos



Figura 5 – Meme achado em minha galeria de fotos. Retirado do perfil: Doutorado da Depressão.

Dois temas centrais são destaques nesta tese: a ordinariedade e a escrita acadêmica.

Já discuti ordinariedade no primeiro capítulo desta tese. E a escrita? O que chamo

de escrita acadêmica?

Fui buscar minhas primeiras pistas com uma referência no campo da antropologia, grande leitora da produção de Howard Becker e revisora técnica dos livros recém-publicados de Becker: professora Karina Kuschnir<sup>7</sup>.

Foi perguntando sobre o que seria escrita acadêmica que nosso conversar teve início e logo as primeiras pistas apareceram.

**Sra. Karina (Professora)** – *Aos poucos eu fui desenvolvendo o que eu chamo da escrita acadêmica como um triângulo, onde o vértice do triângulo é o ou autor, é você, pesquisador, é o autor pesquisador. E as duas pontas da base são, de um lado, as suas fontes, aquelas fontes que você vai construir e no outro vértice é a sua bibliografia, é aquilo que já foi feita antes de você chegar ali. E que a escrita acadêmica é fazer com que essas três, primeiro ter clareza do que é você dizendo o que é uma fonte e o que é uma bibliografia. Essa bibliografia também se divide em dois tipos, ela tem uma bibliografia mais, digamos assim, filosófica, teórica e existe uma bibliografia que é mais factual, histórica ou que foca mais especificamente no seu tema, ela se divide em várias categorias. Mas eu acho que essa ideia do triângulo, assim, essas três vozes, elas primeiro precisam estar muito clara para quem está escrevendo, porque uma das coisas que eu mais sinto falta quando eu vou corrigir textos de alunos, teses e trabalho de curso é quando o aluno não sabe muito bem quem disse o que e aí em que momento. Se é ele quem está dizendo aquilo, se é a para um bom resultado da escrita acadêmica é quando você tem essa clareza, existem diferentes vozes. E eu acho que uma coisa que a escola faz, infelizmente às vezes, principalmente, nesse modelo atual de treinamento para o ENEM.*

A Professora Karina destaca em sua resposta sobre o que considera escrita acadêmica, enfatizando a importância de compreender as diferentes vozes presentes nesse tipo de texto. Ela ressalta que a metáfora do triângulo ajuda a visualizar essa dinâmica. No vértice do triângulo, encontra-se o autor pesquisador, o estudante responsável pela escrita do texto acadêmico. Nas duas pontas da base do triângulo, estão as fontes utilizadas, as referências bibliográficas que embasam o trabalho, e a bibliografia existente sobre o tema, produzida por outros pesquisadores anteriormente.

A Professora destaca a necessidade de ter clareza sobre o que é dito pelo autor em relação às suas próprias ideias e ao conteúdo proveniente das fontes e da bibliografia. Ao corrigir textos de alunos, ela percebe que uma das principais dificuldades é quando o estudante não consegue distinguir essas vozes, comprometendo a qualidade da escrita

<sup>7</sup> De acordo com o Currículo Lattes: Professora Associada do Departamento de Antropologia Cultural do IFCS/UFRJ, onde coordena o Laboratório de Antropologia Urbana (LAU, [www.lau-ufrj.blogspot.com](http://www.lau-ufrj.blogspot.com))

acadêmica. É fundamental que o aluno consiga identificar quando está expressando suas próprias ideias, quando está citando uma fonte específica ou quando está referenciando um autor renomado.

Além disso, a Professora explica que a bibliografia pode ser dividida em duas categorias principais. A primeira categoria é a bibliografia mais filosófica e teórica, que engloba obras que abordam conceitos, teorias e abordagens relacionadas ao tema de pesquisa. A segunda categoria é a bibliografia mais factual e histórica, que se concentra em informações concretas, fatos e eventos relevantes para o tema em questão.

Já no final da resposta a Professora menciona que, infelizmente, o modelo atual de treinamento para o ENEM muitas vezes não proporciona uma abordagem adequada ao desenvolvimento da escrita acadêmica. Essa lacuna no ensino pode prejudicar a capacidade dos alunos de compreender e aplicar corretamente as diferentes vozes na escrita acadêmica.

Becker (2016) levanta uma hipótese parecida quando analisa que os estudantes têm pouco tempo para escrever, assim não acabam reescrevendo. Eles “aprendem a escrever trabalhos curtos que não escreveriam por iniciativa própria” (p.16).

Essa escrita “treinada para o ENEM” não é a escrita que me interessa. A escrita dos trabalhos de final de semestres sim. Mesmo que possamos articular as duas, as formas de escrita na academia que defendo ser um estilo de escrita que é utilizado por alunos e professores em contextos acadêmicos, como em trabalhos de conclusão de curso, artigos científicos, dissertações e teses, entre outros é o objeto dessa tese.

Essa escrita que tem como objetivo comunicar ideias e/ou informações de forma clara e organizada, de maneira que possa persuadir e convencer o leitor sobre um determinado assunto dentro do contexto da formação universitária e em certos momentos no ensino médio é que me interessa e chamo de escrita acadêmica.

Podemos identificar a escrita acadêmica pela forma que é escrita, geralmente identificada por uma linguagem formal, clara e precisa que segue padrões gramaticais e de alcance. Também é comum o uso de referências e citações para embasar os argumentos apresentados.

Além disso, a escrita acadêmica também é caracterizada pela estruturação lógica e organizada do texto, que segue um formato padrão, que resumo aqui como: introdução, desenvolvimento e conclusão. A introdução deve apresentar o tema do texto, o contexto em que o tema está inserido e a problemática que será introduzida. O desenvolvimento deve apresentar os argumentos e evidências que sustentam a tese defendida no texto, e

a conclusão deve resumir os pontos principais e apresentar uma reflexão sobre o tema abordado.

Provavelmente qualquer estudante de graduação ou ensino médio poderia resumir que a escrita acadêmica é um estilo de escrita que segue normas e convenções específicas, para comunicar ideias e informações de forma clara, objetiva e organizada.

Aqui existe assumo um risco duplo ao tentar definir escrita acadêmica. Primeiro por ser um desses termos que sempre são usados no cotidiano de uma universidade com uma espécie de definição difusa e localizável dependendo do curso. Segundo porque em outra conversa, dessa vez com a professora Maria Luiza Sussekind, minha orientadora, me deparo com a ideia da impossibilidade em definir escrita acadêmica.

**Sra. Maria Luiza (Entrevistada)** – *É o que eu gosto de fazer, é o que eu sei fazer. É a única coisa que eu acho que eu faço bem na minha vida, eu resto tudo eu faço mais ou menos... mas escrever, eu acho que eu escrevo bem. Sinto imenso prazer, é pura auto fruição.*

**Sr. Alan (Entrevistador)** – *Você acha que cabe uma definição do que seria escrita acadêmica?*

**Sra. Maria Luiza (Entrevistada)** – Não.

**Sr. Alan (Entrevistador)** – Não cabe? Na... .

**Sra. Maria Luiza (Entrevistada)** – *Até por que, Alan, a história da academia, precisa ser considerada quando a gente pensa em conceituar práticas acadêmicas. Né?*

**Sr. Alan (Entrevistador)** – Hum, hum.

**Sra. Maria Luiza (Entrevistada)** – *Então é muito fácil a gente conceituar aula.*

**Sr. Alan (Entrevistador)** – Sim.

**Sra. Maria Luiza (Entrevistada)** – *Por que é praticamente o que sempre foi, é uma pessoa mais velha, mais experiente, com pessoas menos experientes, numa relação de troca, numa sala fechada ou aberta, com mais diálogo ou menos diálogo, mais jesuítica e expositiva, ou mais escolástica e dialogada, mas é a mesma coisa.*

**Sr. Alan (Entrevistador)** – A mesma coisa.

**Sra. Maria Luiza (Entrevistada)** – *Desde que as universidades surgiram, há mil anos atrás. A escrita acadêmica mudou muito, ela já foi religiosa, eclesiástica, ela já foi em latim, ela já foi alvo de vários tipos de censura, ela hoje é uma construção toda entre pares, né?*

A professora Maria Luiza expressa sua paixão pela escrita e sua crença de que é algo que faz bem. Ela afirma que escrever é a única coisa que ela considera fazer bem em sua vida. Quando perguntado se ela acha que há uma definição para escrita acadêmica, responde negativamente e afirma que a história da academia precisa ser considerada ao se conceituar as práticas acadêmicas.

Como já afirmei muitas dessas noções do que fazemos na academia são difusas. Mas aula talvez não seja. A professora destaca que é fácil conceituar aulas, pois são basicamente a mesma coisa ao longo dos anos, com pessoas mais experientes transmitindo conhecimento para pessoas menos experientes em uma relação de troca, seja em uma sala de aula com mais ou menos diálogo, seguindo diferentes abordagens pedagógicas. E a noção de escrita acadêmica?

Concordo com a professora Maria Luiza ma dificuldade de conceitar que escrita é essa. Por ser uma prática que faz parte, constitui a própria ideia de academia e para os fins desta tese e por questão de tempo não enfrentarei essa questão com a profundidade que ela merece. Continuarei conceituando o que seria escrita acadêmica usando as noções mais usuais e que constam nos manuais de metodologia científica.

A ideia de contrapor o conceito de escrita acadêmica, sendo algo difuso e sujeito a transformações ao longo do tempo, com a noção de aula, que segundo ela, permanece praticamente a mesma ao longo dos séculos nos ajuda a destacar a natureza dinâmica da escrita acadêmica, que se adapta e evolui conforme as mudanças na sociedade, nas abordagens de pesquisa e nas práticas acadêmicas.

A escrita acadêmica passou por transformações significativas ao longo da história, desde sua origem religiosa e eclesiástica, escrita em latim, até chegar a um modelo atual que envolve a construção de conhecimento em diálogo com outros pesquisadores e acadêmicos.

Essa contraposição ressalta a necessidade de compreender a natureza flexível e contextual da escrita acadêmica, considerando sua evolução e suas diferentes formas em diversas áreas de conhecimento. Além disso, aponta para a importância de se adaptar e acompanhar as mudanças nas práticas de escrita acadêmica, considerando os contextos históricos, culturais e disciplinares relevantes.

Essas discussões só alimentam o meu fascínio pela escrita. Fascínio com origem na minha dificuldade de escrever, dificuldade com as normas gramaticais, com os pensamentos acelerados e pela admiração por grandes escritores e poetas. E foi justamente num dos intelectuais que mais admiro, falando sobre a sua experiência num curso de escrita, que encontrei a seguinte hipótese:

perguntei aos estudantes da turma por que escreviam daquela maneira, vim a saber que haviam pegado muitos dos hábitos na escola e os consolidaram na faculdade. O que tinham aprendido a escrever eram trabalhos de semestre (ver a discussão de Shaughnessy (1977, p.85-6) sobre as condições da redação na graduação). Você escreve o trabalho do semestre fazendo todas as leituras ou pesquisas exigidas durante o período e, enquanto isso, vai montando mentalmente a monografia. Mas depois escreve de uma vez só, às vezes a partir de um esboço geral, e geralmente na noite anterior à data de entrega. Como uma pintura japonesa, você faz, e fica bom ou não. Os estudantes de graduação não têm tempo de reescrever, visto que muitas vezes precisam entregar vários trabalhos na mesma época do ano. O método funciona para a graduação. perguntei aos estudantes da turma por que escreviam daquela maneira, vim a saber que haviam pegado muitos dos hábitos na escola e os consolidaram na faculdade. O que tinham aprendido a escrever eram trabalhos de semestre (ver a discussão de Shaughnessy (1977, p.85-6) sobre as condições da redação na graduação). Você escreve o trabalho do semestre fazendo todas as leituras ou pesquisas exigidas durante o período e, enquanto isso, vai montando mentalmente a monografia. Mas depois escreve de uma vez só, às vezes a partir de um esboço geral, e geralmente na noite anterior à data de entrega. Como uma pintura japonesa, você faz, e fica bom ou não. Os estudantes de graduação não têm tempo de reescrever, visto que muitas vezes precisam entregar vários trabalhos na mesma época do ano. O método funciona para a graduação. (Becker, 2016, p.32)

Eu já tinha vivo isso. Foi participando de projetos de pesquisa e bolsas como de Iniciação científica na pós-graduação que desenvolvi outra forma de escrita, mas lenta, pensado e revisada.

Becker também havia percebido como os estudantes, com o passar do tempo e continuidade dos estudos percebiam a necessidade de escrever de outra forma.

À medida que avançam na pós-graduação, os estudantes passam a ver menos utilidade, na prática de redigir trabalhos curtos. Nos primeiros anos, dependendo do departamento, têm de escrever o mesmo tipo de texto que escreviam durante a graduação. Mas, depois, precisam escrever trabalhos mais longos, desenvolvendo argumentos mais complexos, baseados em dados mais complicados. Poucos conseguem redigir mentalmente esses textos e acertar logo na primeira tentativa, ainda que possam ingenuamente pensar ser assim que fazem os bons escritores. (p.43, 2016)

Não foi só durante a minha vida acadêmica que experimentei e observei tais fenômenos. Quando virei professor do Estado do Rio de Janeiro e fui dar aula para estudantes do ensino médio percebi o fenômeno dos trabalhos curtos escrito de uma vez só já destacado por Becker.

No fundo, o que estamos observando é que os estudantes fazem o que dá. No tempo que dá. São escritas “cuspidas” a partir do conhecimento adquirido na preparação para uma prova ou no aprendido ao longo do curso universitário.

Para formulação das hipóteses de pesquisa parto de dois pontos:

Primeiro: de que existe uma relação entre o cotidiano dos estudantes, os currículos da formação e as discussões sobre como fazer uma prova ou trabalho. Sobre como escrever um texto, que seja aceito como acadêmico.

Segundo: o de que a escrita acadêmica é ensinada-aprendida na prática, e mesmo não estando escrito nos currículos das disciplinas, talvez exceto disciplinas específicas sobre o tema, professores e estudantes estão *aprendendoensinando* escrita acadêmica.

Partindo desses dois pontos levanto as seguintes hipóteses:

- 1) A de que a adoção de uma abordagem metodológica centrada na “ordinariedade,” como proposta por Michel de Certeau, pode promover uma compreensão mais profunda das práticas de escrita, das experiências cotidianas e das dinâmicas curriculares.
- 2) A de que a economia escriturística e seu imperativo escriturístico exercem uma influência dominante na produção de trabalhos acadêmicos, levando frequentemente a uma escrita padronizada e que podemos compreender essa economia e pensar outras formas de escrita e avaliação, sem deixar de lado a seriedade dos trabalhos acadêmicos.

Como objetivos:

- 1) Explorar a Abordagem da “Ordinariedade”: Este estudo visa aprofundar a compreensão da abordagem conceitual da “ordinariedade” proposta por Michel de Certeau. Especificamente, busco destacar como essa perspectiva influencia significativamente as práticas de escrita, especialmente em contextos acadêmicos. Isso inclui a análise das formas pelas quais a “ordinariedade” desafia e enriquece as normas convencionais de escrita acadêmica.
- 2) Desenvolver uma Metodologia de Pesquisa Ordinária: Um dos objetivos fundamentais deste estudo é conceber uma metodologia de pesquisa que valorize o que é geralmente considerado negligenciável nas pesquisas acadêmicas. Pretendo explorar como a abordagem da “ordinariedade” pode ser aplicada como uma metodologia,

incentivando uma análise mais completa das experiências cotidianas frequentemente ignoradas nas investigações acadêmicas tradicionais.

- 3) Reexaminar os Conceitos de Escrita e Leitura: Como parte do estudo, proponho uma revisão crítica dos conceitos de escrita e leitura à luz das teorias e obras de autores que desempenharam um papel significativo na minha formação acadêmica. Isso permitirá uma reflexão mais profunda sobre como esses conceitos podem ser reinterpretados à luz da “ordinariedade.”
- 4) Analisar a Escrita Acadêmica e as Origens da Prova Platô: Este estudo também se dedica a uma análise da escrita acadêmica e das origens da prova platô. Utilizando conversas com duas professoras e uma estudante de licenciatura em pedagogia, busco pensar sobre o que pode ser considerado escrita acadêmica e compreender as raízes e evolução da prova platô como uma abordagem alternativa à escrita acadêmica tradicional.
- 5) Compreender os Elementos da Prova Platô como Alternativa ao Imperativo Escriturístico: Finalmente, o estudo pretende final analisar e compreender os elementos que fazem da prova platô uma alternativa ao imperativo escriturístico. Isso envolverá uma exploração das características e práticas que desafiam as normas convencionais de escrita acadêmica, destacando como a prova platô oferece uma perspectiva inovadora e criativa para abordar a produção de conhecimento.



doutoradodadepressao



**"Vai dar tudo certo na minha pesquisa, se Deus quiser"**

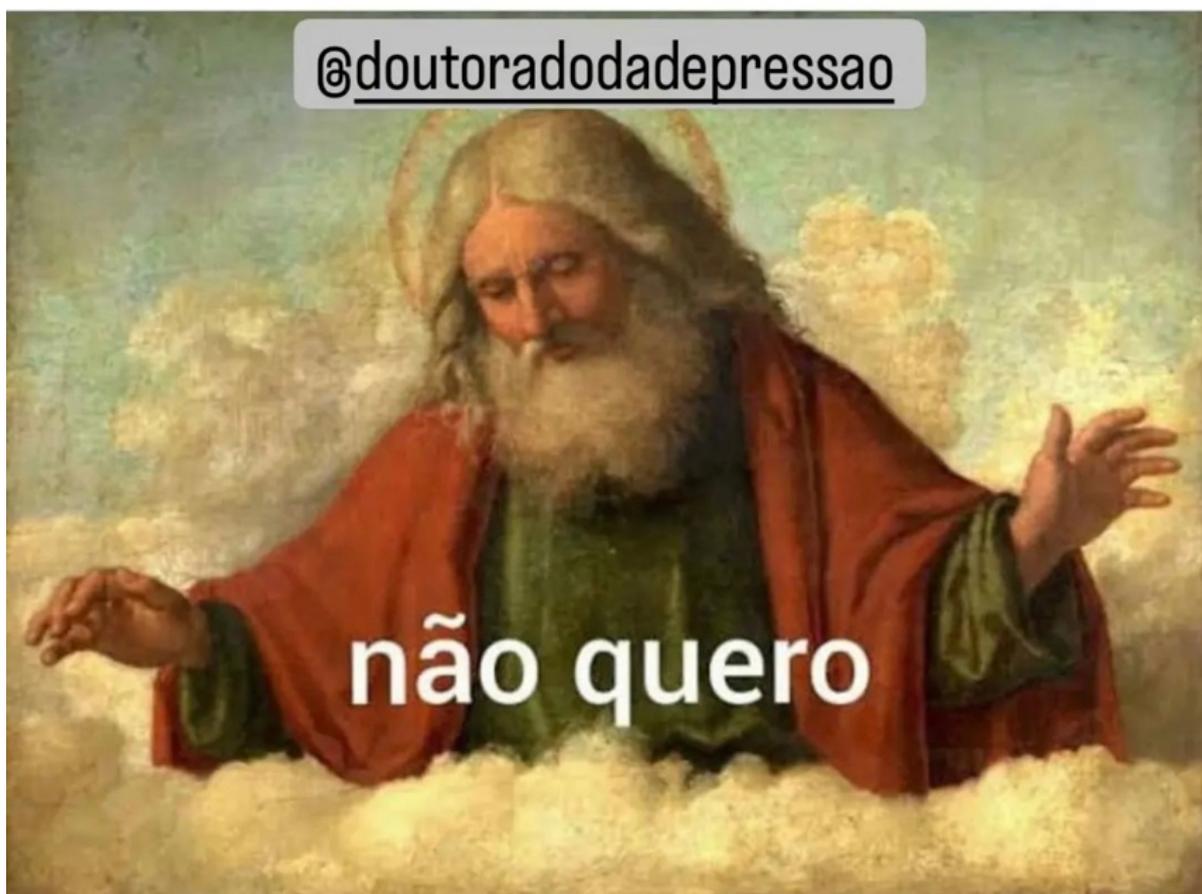


Figura 6 – MEME RETIRADO DO PERFIL DOUTORADO DA DEPRESSÃO.

Os objetivos delineados neste estudo servem como guias para a estruturação dos capítulos que compõem a pesquisa. Cada um desses objetivos desdobrará temas e questões específicas relacionadas à escrita acadêmica, contribuindo para uma abordagem mais abrangente e aprofundada do assunto.

Esta estruturação em atos e capítulos tem como propósito explorar de maneira mais detalhada e organizada os aspectos multifacetados da escrita acadêmica sob a perspectiva da "ordinariedade" de Certeau.

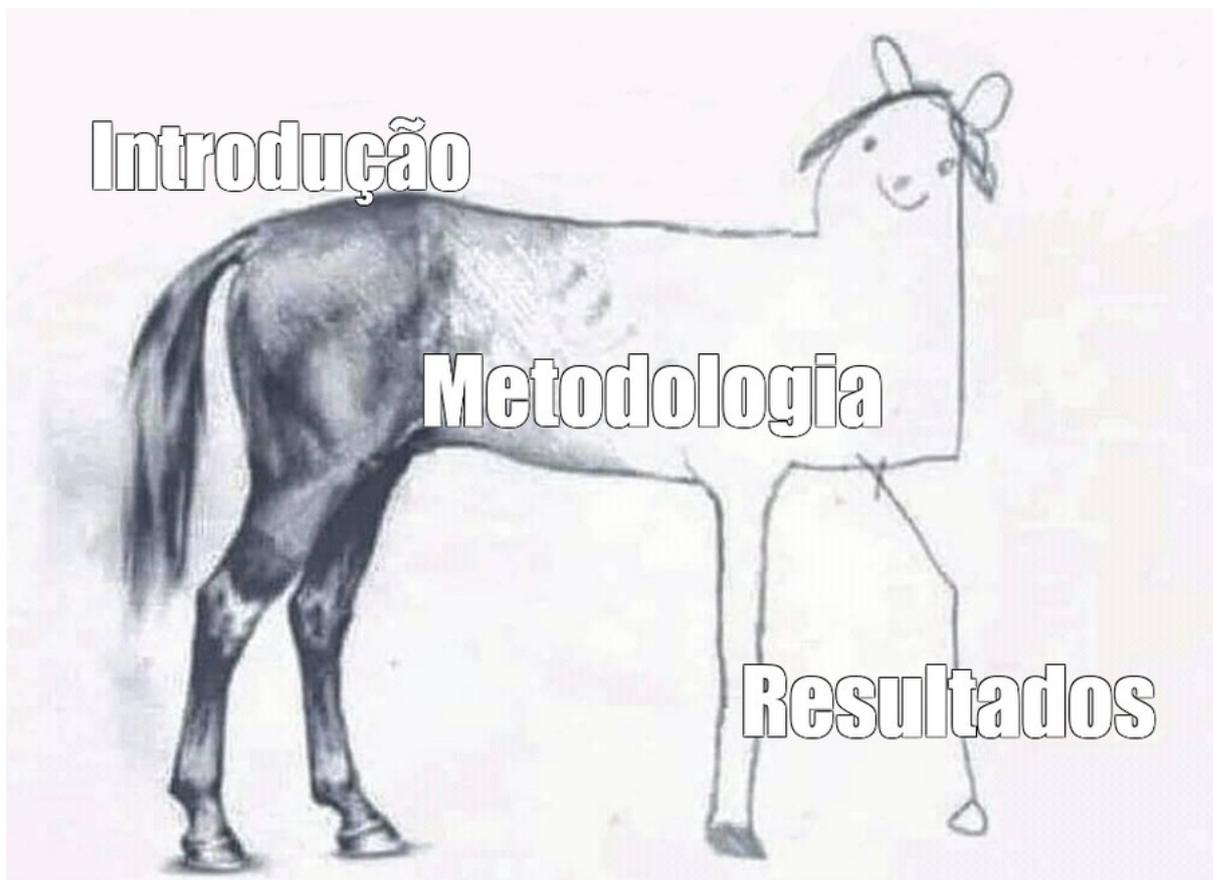
A escolha desses objetivos constitui o alicerce conceitual e metodológico da pesquisa e funcionam como um guia para estruturação da tese e um veículo para a renovação das abordagens convencionais da escrita acadêmica, direcionando o estudo para uma trajetória que almeja uma maior flexibilidade, inclusão e reflexão na produção de conhecimento na esfera acadêmica.

### **3 QUE NÃO É, O QUE NÃO PODE SER QUE, NÃO É O QUE NÃO PODE SER QUE NÃO É, O QUE NÃO PODE SER QUE NÃO, É O QUE NÃO PODE SER QUE NÃO (UMA PROPOSTA DE METODOLOGIA)**

Ao longo dos anos de pesquisa e escrita acadêmica aprendi que metodologia de pesquisa é um conjunto de procedimentos e técnicas utilizadas para planejar, executar e avaliar um estudo ou pesquisa científica.

Metodologia de pesquisa envolve a definição de um problema de pesquisa, a elaboração de uma hipótese ou pergunta de pesquisa, a escolha da amostra e/ou dos participantes, a coleta e análise de dados, a interpretação dos resultados, escolhas bibliográficas e referenciais teóricos e, claro, a elaboração de conclusões.

É uma área fundamental para a produção de conhecimento científico confiável e consistente.



**Figura 7 – Meme recebido no grupo de doutorandos da UNIRIO.**

Este meme merece um destaque. Ele traz um conteúdo simbólico muito forte. Mostra

o que seria o desenvolvimento de uma tese, o bom começo, a metodologia começando a mudar o desenho e o final com resultados como rabiscos. Percebi algo parecido em textos de estudantes do ensino médio. Principalmente nos trabalhos de final de semestre. Usei a mesma imagem em uma apostila de metodologia de pesquisa criada para os estudantes do 3º ano de 2021 e 2022.

Existem diferentes tipos de metodologias de pesquisa, como a pesquisa experimental, pesquisa qualitativa, pesquisa quantitativa, pesquisa descritiva, pesquisa exploratória, entre outras. Cada tipo de metodologia possui suas próprias técnicas e abordagens específicas, e a escolha da metodologia adequada depende do tipo de pesquisa a ser realizado e dos objetivos da pesquisa.

#### Para Becker

A metodologia é importante demais para ser deixada aos metodólogos. Por meio desta paráfrase trivial, quero expressar uma distinção que ficará mais clara quando eu definir os termos. A metodologia é o estudo do método. Para os sociólogos, presume-se que seja estudar os métodos de fazer pesquisa sociológica, de analisar o que pode ser descoberto através delas e o grau de confiabilidade do conhecimento assim adquirido, e de tentar aperfeiçoar estes métodos através da investigação fundamentada e da crítica de suas propriedades. (Becker, 2016, p.17)

Concordando com Becker, em sua essência a metodologia é estudo do método. É o estudo que busca descrever os processos seguidos para a realização de um estudo ou pesquisa. Inclui a seleção de amostras, a coleta e análise de dados, a interpretação dos resultados e a apresentação de conclusões. Além disso, a metodologia também se preocupa em avaliar a validade e confiabilidade dos resultados obtidos. Ou seja, ela é uma espécie de caminho. A própria origem da palavra “metodologia” que vem do grego antigo “methodos”, que significa “caminho para chegar a um objetivo”.

O caminho metodológico escolhido inicialmente foi mergulhar nas relações que os estudantes e professores estabelecem com a escrita e os currículos durante a formação docente através de entrevistas e conversas com estudantes e professores dos diferentes níveis, além de um vasto material escrito nas avaliações das disciplinas da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, a UNIRIO, ministradas pela professora Dr<sup>a</sup> Maria Luiza Sússekind entre os anos de 2017 e 2020 o curso de pedagogia e por meus estudantes na disciplina de prática pedagógica do curso de formação de professores em nível médio do Estado do Rio de Janeiro.



Figura 8 – Meme recebido em um trabalho sobre metodologia de pesquisa.

Foi mergulhado na pesquisa e no trabalho com meus estudantes que a figura nove apareceu<sup>8</sup>. Justamente por uma tese não poder se basear em “achismo” que para que pudesse me guiar nesse mergulho, pesquisa e metodologia que busquei o auxílio de teóricos como Becker, Footwhite, Ezpeleta e Rockwel, Eco, Santos, Clifford e Marcus, Certeau, Ginzburg e Mills. Como um *bricoleur* discuto alguns aspectos metodológicos e teóricos dos trabalhos desses autores que servem de base para a discussão feita nas próximas secções deste capítulo no quarto com discussões mais específicas das teorias desses autores.

### 3.1 – O QUE PODE SER

O que não é (metodologia). O que não pode ser que (não é metodologia). Não é o que não pode ser, ser que não é (metodologia). O que não poder que não, é o que não pode ser que não é (metodologia).

---

<sup>8</sup> Ver anexo 1.



**Figura 9 – Imagem<sup>a</sup> desenhada por Arnaldo Antunes**

---

<sup>a</sup> O que é uma música da banda Titãs e a imagem foi criado por Arnaldo Antunes, ex-integrante da banda. Ela é capa do documentário Arnaldo Antunes – Não É O Que Não Pode Ser de 2013 dirigido por Bruno Levison.

Já discuti o termo metodologia e a sua importância para a escrita acadêmica. Agora a minha tentativa aqui é fugir do que Certeau chamou de uma *produção racionalizada* (2009) dos métodos expansionistas e barulhentos. Métodos surdos as pequenas vitórias do *homem ordinário* (Certeau, 2009).

Para Certeau, existe uma produção racionalizada que se refere a um conjunto de práticas utilizadas pelas instituições e organizações para, através do controle e racionalização dos processos de produção, consumo e distribuição de bens e serviços, impor uma ordem social e econômica.

A produção racionalizada seria uma forma de poder que busca impor um determinado modelo de comportamento e consumo às pessoas, através do controle dos espaços e dos fluxos de informação, bens e pessoas. Essa produção racionalizada pode ser caracterizada pela busca de eficiência, padronização e uniformidade, sendo baseada em uma lógica econômica que prioriza o lucro e a acumulação de capital.

Certeau argumenta que essa produção racionalizada é uma forma de opressão, que impede a liberdade e a autonomia das pessoas, tornando-as sujeitas a uma ordem social e econômica que não necessariamente corresponde aos seus desejos e necessidades.

No entanto, Certeau argumenta que a produção racionalizada também tem suas limitações. Ela tende a reduzir a complexidade e a diversidade da vida social, transformando as pessoas em meros consumidores passivos de bens e serviços produzidos em massa. Além disso, a produção racionalizada pode criar um distanciamento entre os produtores e os consumidores, tornando a comunicação e a interação social mais difícil.

Faço aqui uma analogia entre as metodologias e a produção racionalizada já que ambos se referem a processos sistemáticos de padronizados de produção de conhecimentos.

A produção racionalizada busca produzir bens e serviços de forma eficiente e controlada, a metodologia de pesquisa busca produzir conhecimento de forma sistemática e rigorosa, seguindo procedimentos metodológicos padronizados que visam garantir a validade e a confiabilidade dos resultados.

Da mesma forma que a produção racionalizada tende a reduzir a complexidade e a diversidade da vida social, a adoção de uma metodologia de pesquisa pode restringir a visão e a compreensão dos fenômenos estudados, pois se baseia em uma abordagem metodológica específica e em um conjunto de técnicas e instrumentos padronizados.

Não desejo negar a importância das metodologias de pesquisa, até porque utilizei várias ao longo da pesquisa, mas pretendo pensar uma forma de produzir uma metodologia de pesquisa que sirva para minha pesquisa e atenda, com bases teóricas sólidas, as regras da pesquisa acadêmica.

Diante disso proponho a fabricação do que, o professor Leonardo Peixoto da Universidade Estadual do Amazonas, chamou em minha qualificação de metodologia ordinária.

### **3.2 – A FABRICAÇÃO**

Certeau falando dos estudos que analisam as imagens difundidas pela televisão e do tempo passado diante do aparelho mostra como essa análise deve ser completada com um estudo do que o consumidor “fabrica” durante essas horas e com essas imagens. (Certeau, 2009, p.38)

Para Certeau o homem comum criou um processo de produção criativo e adaptativo realizado por ele, homem ordinário, em sua vida cotidiana. A partir dos recursos, conhecimentos, táticas e materiais disponíveis em seu ambiente o homem ordinário fabrica outros sentidos para bens e serviços que é apresentado.

A “fabricação” que se quer detectar é uma produção, uma poética mas escondida,

porque ela se dissemina nas regiões definidas e ocupadas pelos sistemas da “produção” (televisiva, urbanística, comercial etc.) porque a extensão sempre mais totalitária desses sistemas não deixa aos “consumidores” um lugar onde possam marcar o que fazem com os produtos. A uma produção racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção, qualificada de “consumo\*”: esta é astuciosa, é dispersa, mas ao mesmo tempo ela se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. Certeau, op. cit., p.39

Ao contrário da produção racionalizada, padronizada e sistemática, a fabricação é um processo criativo e adaptativo do que Certeau chamou de consumo que se baseia na experimentação e na improvisação. Na fabricação, as pessoas não seguem algum tipo de modelo preestabelecido ou uma sequência lógica pensada durante a produção, mas sim adaptam e reinventam suas práticas e usos conforme as necessidades e as condições do momento.

Pensar uma metodologia de pesquisa, aqui, não é criar ou empregar uma determinada metodologia, é transitar por diversas referências bibliográficas que fornecem indícios e ferramentas metodológicas para que eu possa fazer usos delas borrando as fronteiras para fabricar possibilidades. A fabricação aqui é uma produção de usos. *Penso em que não é o que não pode ser que não é* e diante das necessidades impostas pela pesquisa acadêmica busco *maneiras de empregar* (Certeau, 2009) os métodos que a ordem acadêmica impõe para uma pesquisa que deseja ser uma tese.

Nesse processo de *fabricação e usos*, arma típica do homem ordinário, uma metodologia ordinária forjada no cotidiano, no borrar de fronteiras vai sendo construída sem deixar de lado a seriedade de um estudo acadêmico. Minha tentativa aqui é complicar a conversar que fabrico entre os autores e minha pesquisa. Considero arriscado o caminho escolhido e as armadilhas são muitas e a tentação de deixar pontas soltas é grande, mas tentarei não deixar nenhuma ponta a não serem as necessárias.

Tentando amarrar uma delas acredito ser importante localizar o leitor no campo dos estudos *nosdoscom* os cotidianos, onde estou inserido e venho pesquisando desde a minha graduação e que possui produção sobre metodologias de pesquisa nos cotidianos que fazem parte da minha formação e aqui encorpam teoricamente a minha discussão. Faço isso no capítulo de metodologia, pois os usos que proponho das noções e conceitos dos autores é influenciada pelo campo e grupo de pesquisa em que estou inserido.

Para Sussekind (2012)

os estudos *nosdoscom* os cotidianos em educação se constituem como campo de pesquisa que se inscreve no questionamento do paradigma cientificista moderno

seja dentro do contexto da crise e da transição paradigmática, como constituinte de um novo modo de produção de conhecimento (prudente), ou dentro do contexto de impossibilidade paradigmática por diferenciar-se teórico epistêmico politicamente metodologicamente; e, argumentar que a diversidade das práticas (dos saberes-fazer) observadas e relatadas, das metodologias utilizadas e dos pontos de vista teóricos defendidos nos estudos nos/dos com os cotidianos em educação não constitui disputa de hegemonia, mas, pelo contrário, é fruto e semente da polemologia com que os estudos nos/dos com os cotidianos em educação se desenvolvem e dialogam. (p.199)

Discussão sobre questões metodológicas das pesquisas no/do/com os cotidianos tem sido alvo das discussões de Ferraço (2001, 2003, 2007) Alves (2001), Oliveira (2008) e Sussekind e Lontra (2016). Os autores levantam questões e perspectivas metodológicas que buscam valorizar a multiplicidade das lógicas e redes dos sujeitos pesquisados. Buscam “[...] apreender/analisar fragmentos das redes de representações, ações e significados produzidas/compartilhadas por professores e alunos em sala de aula e fora delas[...]”. Para Ferraço (2007) pensar na metodologia de estudos com o cotidiano não se trata de fechar a questão com uma proposta sistemática, mais, sim, de provocar uma abertura para o debate. Sussekind e Lontra inventam metodologias e epistemologias valorizando “[...]o papel do “outro” nas travessias de (des)formação, compreendendo o outro como legítimo (MATURANA, 1998, p. 27), homem comum, herói anônimo (CERTEAU, 2009) que só encontra a si mesmo no outro, nas redes.” (Sussekind; Lontra, 2016, p.89).

Portanto, a tentativa aqui é desenvolver uma perspectiva metodologia que me permita quebrar e juntar os cacos de diversas perspectivas metodologias e/ou práticas e juntá-las da maneira que mais se ajusta a pesquisa. Quais peças me servem para criar uma ferramenta que resolva o meu problema?

Dentro dessa discussão metodológica dos estudos com os cotidianos defendo um possível caminho (des)metodológico.

Sei da complexidade dos cotidianos de uma escola e justamente por isso, minha proposta (des)metodológica assume como primeiro ponto a incapacidade de uma totalidade ou de captura de algo, entendendo que quase tudo escapa. O que fica retido, o que aparecerá no meu texto, é o que acho que capturei, mas, na verdade, é a minha interpretação para aquele momento, aquela narrativa ou acontecimento. Não poderia ser diferente, já que os praticantes (CERTEAU, 1994) dos cotidianos estão em constante movimento, utilizando de táticas (idem) para burlar regras, e gazeteiramente (idem) fazem uso dos acontecimentos cotidianos com uma espécie de lógica operária incompreensível. (Pimenta, 2018, p.47).

Ao longo de minha dissertação de mestrado analise a questão metodológica da minha pesquisa. Na época mergulhada nas vivências de minhas salas de aula e dos estágios supervisionados das turmas de 3º ano que coordenava, ajustei o foco para analisar os relatórios finais de estágio e a escrita livre feita pelos estandes durante as aulas. Lá

inicie a busca por uma proposta metodológica ética, estética e política que defendesse a impossibilidade de aplicações metodológicas em uma pesquisa que pretende pensar com o cotidiano.

Diante do tempo, menor no mestrado, não pude travar um diálogo maior com os autores da antropologia e sociologia que desejava. Tento aqui dar continuidade ao trabalho iniciado em minha tese de mestrado para pensar, inspirado em Ferraço (2001) um caminho metodológico efêmero para minha tese.

Como já dito anteriormente o caminho escolhido aqui é o da *fabricação* e da bricolagem de uma metodologia ordinária. É um exercício de buscar diálogos entre diferentes métodos e autores para construir ferramentas que permitam realizar a minha pesquisa da forma que desejo. Para essa bricolagem penso ser necessário dois movimentos iniciais e a um profundo respeito pelos materiais e técnicas metodológicas das ciências humanas.

Primeiro a construção de uma postura metodológica, ou seja: compreendermos a tendência que nós como pesquisadores temos de julgar o objeto, campo e sujeitos de estudo e conseguirmos distinguir o que é desejável ou indesejável. Esse movimento exige assumir que não existe neutralidade em nossas pesquisas e muito menos em nossas atitudes metodológicas. É preciso assumir isso como parte constituinte de uma metodologia.

Sobre isso Becker nos fala sobre a ilusão da escolha. Como ao sentar para escrever, mesmo que pensemos que não, nós já fizemos escolhas teóricas.

ao se sentar para escrever, você já fez muitas escolhas, mas provavelmente não sabe quais foram. É natural que isso leve a alguma confusão, a um primeiro rascunho bem bagunçado. Mas um rascunho confuso não é vergonha nenhuma. Pelo contrário, ele mostra quais foram suas primeiras escolhas, com quais ideias, perspectivas teóricas e conclusões você já se comprometeu antes de começar a redigir. Ciente de que escreverá muitos outros rascunhos, você sabe que não precisa se preocupar se esse primeiro está muito cru e desconjuntado. (p.40, 2016)

Minhas escolhas estão atreladas ao meu campo de estudos, ao meu percurso de pesquisa e leitura e aos meus objetivos.

Como diria Tom Zé: eu “tô te explicando pra te confundir, te confundindo para te esclarecer” (Tô, 2013) eu que assumo a minha postura desobediente e ordinária de fazer *usos* dos métodos e o desejo de *bricolar* e *fabricar*, adaptando e reinventando sentidos, para as discussões dos autores que servem de base.

O segundo movimento é a escolha metodológica que mais se adéqua a minha pesquisa, ou seja, escolher as ferramentas e os métodos ou parte deles que usarei em

minha pesquisa. Esse segundo movimento é constante e permeia todo o processo de pesquisa e de escrita, pois estamos em movimento, afetando e sendo afetados pelos sujeitos de nossa pesquisa.

### 3.3 – TÁTICAS E ESTRATÉGIAS

Diante dos desafios que um pesquisador encontra para realizar a sua tese, considero que a defesa de uma metodologia fabricada, ordinária e que faz usos de diferentes teóricos uma tática.

Para Certeau (2009), as estratégias são planejamentos e ações criados por poderosos como governos, empresas, instituições religiosas, etc. As estratégias são definidas por seus objetivos claros, pelos meios para alcançá-los e pelas formas de controle e poder necessárias para mantê-los. As estratégias são usadas para manter o status-quo e reforçar o poder estabelecido.

Chamo de “estratégia” o cálculo das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder é isolável de um “ambiente”. Ela postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. A nacionalidade política, econômica ou científica foi construída segundo esse modelo estratégico. (p. 45)

Por outro lado, as táticas são as ações cotidianas e improvisadas que as pessoas comuns utilizam para lidar com a vida diária em meio às estratégias dominantes. As táticas são ações ocorrendo em resposta às condições locais e às possibilidades momentâneas. Elas podem ser sutis ou até imperceptíveis, mas são uma forma importante de resistência e subversão aos poderes dominantes.

A tática é “um cálculo que não pode contar com um próprio, nem, portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível” (2009, p.45). Aqui o pesquisador age como um *bricoleur*, um praticante que usa de diferentes modos os métodos, criando diferentes possibilidades de lidar com a multiplicidade que encontra em sua pesquisa. Astuto “inventa mil maneiras de *caça não autorizada*” (Certeau, 2009) fazendo *usos* Ibid. de diferentes referências e caminhos em suas pesquisas.

A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias p.46) O “próprio” é uma vitória do lugar sobre o tempo. Ao contrário, pelo fato de seu não lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em “ocasiões”. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças

que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos (assim, no supermercado, a dona de casa, em face de dados heterogêneos e móveis, como as provisões no freezer, os gostos, apetites e disposições de ânimo de seus familiares, os produtos mais baratos e suas possíveis combinações com o que ela já tem em casa etc.), mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a “ocasião”. (p.46)

Podemos ver usos de táticas no cotidiano quando alguém utiliza uma rota alternativas para evitar uma Blitz. Essa pessoa está utilizando uma tática para contornar a estratégia das autoridades de transporte. Quando uma pessoa usa o espaço público de uma forma criativa e subversiva, como grafites ou intervenções urbanas, ela está utilizando uma tática para subverter a estratégia dominante que pretende controlar o espaço público.

Para Certeau, as táticas são uma forma importante de resistência e subversão que permite que as pessoas comuns tenham algum controle sobre suas vidas e influenciem o mundo ao seu redor. Enquanto as estratégias são baseadas em objetivos claros e métodos controlados, as táticas são improvisadas e muitas vezes invisíveis, mas são uma parte vital da vida cotidiana e da cultura popular.

# Eu, mergulhando fundo no Doutorado



Figura 10 – Imagem de tobogã retirada do perfil Doutorado da Depressão.

Chegamos ao momento de um mergulho profundo na tese ou talvez de enfrentar os monstros (moinhos) que inventei. A metodologia e uma proposta de metodologia ordinária

são os gigantes que pretendo enfrentar.

Quando nisto iam, descobriram trinta ou quarenta moinhos de vento, que há naquele campo. Assim que D. Quixote os viu, disse para o escudeiro:

— A aventura vai encaminhando os nossos negócios melhores do que o soubemos desejar; porque, vês ali, amigo Sancho Pança, onde se descobrem trinta ou mais desaforados gigantes, com quem penso fazer batalha, e tirar-lhes a todos as vidas, e com cujos despojos começaremos a enriquecer; que esta é boa guerra, e bom serviço faz a Deus quem tira tão má raça da face da terra.

— Quais gigantes? — disse Sancho Pança.

— Aqueles que ali vês — respondeu o amo

— De braços tão compridos, que alguns os têm de quase duas léguas.

— Olhe bem Vossa Mercê — disse o escudeiro — que aquilo não são gigantes, são moinhos de vento; e os que parecem braços não são senão as velas, que tocadas do vento fazem trabalhar as mós.

— Bem se vê — respondeu D. Quixote — que não andas correntes nisto das aventuras; são gigantes, são; e, se tens medo, tira-te daí, e põe-te em oração enquanto eu vou entrar com eles em fera e desigual batalha. (Saavedra, 2004, p.134)



**Figura 11 – Outro ponto de vista do moinho de vento. Criado na IA BlueWillow.**

Como um *Bricoleur*, termo que evoca tanto a ideia de Michel de Certeau quanto o substantivo francês aplicado àqueles que fazem reparos ou remendos vê-me como alguém que coleta peças e pedaços diversos para compor minha própria bricolagem metodológica. Nesse processo, busco escapar do fetiche por métodos ou técnicas específicas que seriam aplicáveis apenas em casos predeterminados.

Assim, trago uma combinação de elementos teóricos e conceituais que adquiri ao longo da minha formação como pesquisador, emprestando ideias de sociólogos e antropólogos que influenciaram meu pensamento. Essa abordagem me permite reconstruir ferramentas e estratégias que se adapte à minha pesquisa e ao objeto de estudo em questão.

Da perspectiva de Certeau, o termo bricolagem refere-se à habilidade de montar e reutilizar elementos disponíveis para criar algo novo e original. Assim, como um bricoleur metodológico, combino diferentes conceitos e abordagens que encontro em minha trajetória acadêmica, adaptando-os às necessidades e particularidades do meu trabalho de pesquisa.

Essa abordagem flexível e adaptativa me permite escapar da rigidez dos métodos tradicionais, abrindo espaço para a criatividade e para uma compreensão mais aprofundada do objeto de estudo. Através dessa bricolagem metodológica, posso construir ferramentas que sejam relevantes e eficazes na análise das questões sociais e culturais que me proponho investigar.

No entanto, é importante ressaltar que essa postura de bricoleur não significa uma ausência de fundamentos teóricos ou uma abordagem caótica. Pelo contrário, a seleção cuidadosa dos elementos teóricos e conceituais utilizados na bricolagem metodológica é crucial para garantir coerência e consistência na pesquisa.

Ao adotar essa perspectiva, busco abraçar a complexidade e a multiplicidade de abordagens presentes nas ciências sociais e humanas, reconhecendo que não existe um único caminho ou método correto para a pesquisa. Em vez disso, sou impulsionado a construir e adaptar minhas ferramentas, nutrindo-me dos conhecimentos e contribuições dos grandes pensadores que moldaram minha formação acadêmica.

#### 4 - TEÓRICOS, TEORIAS E UMA METODOLOGIA ORDINÁRIA

No capítulo anterior, comecei a discussão de uma metodologia que busca ser ordinária, tática e bricolada, visando atender às necessidades específicas desta tese. No entanto, para compreender completamente essa abordagem metodológica, é essencial fundamentá-la em uma base teórica que permita repensar os métodos de pesquisa, possibilitando o uso criativo e adaptativo deles.

A base teórica desempenha um papel fundamental na construção e no desenvolvimento de qualquer metodologia de pesquisa. Ela fornece o arcabouço conceitual e as ferramentas intelectuais necessárias para refletir sobre as abordagens metodológicas existentes e configurá-las de maneira original e adequada ao contexto da pesquisa.

Ao considerar a metodologia como sendo ordinária, busco romper com a noção de que existem apenas métodos preestabelecidos e padronizados que devem ser seguidos rigidamente. Em vez disso, valoriza-se a flexibilidade e a adaptabilidade na seleção e na combinação de abordagens metodológicas, reconhecendo que cada pesquisa possui suas particularidades e exige uma abordagem única.

A abordagem tática, no que lhe concerne, refere-se à capacidade de o pesquisador tomar decisões estratégicas e ajustar sua metodologia ao longo do processo de pesquisa. Isso implica em estar aberto a novas perspectivas, responder às contingências que surgem durante o trabalho de campo e adaptar os métodos conforme necessário para alcançar os objetivos propostos.

Ao mencionar a bricolagem como partes da metodologia fazem referência à habilidade de reunir recursos e elementos teóricos de diferentes fontes para construir uma abordagem metodológica personalizada e adequada ao objeto de estudo. Essa abordagem valoriza a criatividade e a improvisação, permitindo que o pesquisador adapte e crie suas próprias ferramentas e estratégias de pesquisa.

A base teórica que tento construir aqui serve como um guia crítico para repensar os métodos de pesquisa tradicionais, fornecendo uma estrutura intelectual que permite ao pesquisador adotar uma abordagem ordinária, tática e bricolada. Ao ancorar a metodologia em uma base teórica sólida, é possível ampliar as possibilidades de pesquisa, desafiando os limites das abordagens convencionais e abrindo espaço para a inovação e para uma compreensão mais profunda do objeto de estudo.

Para, além disso, as discussões teóricas aqui feitas possibilitam não só a adequação

dos métodos, mas com base em diferentes pressupostos e concepções, e a comparação e análise crítica dessas teorias permite aos leitores identificar suas limitações e potencialidades desta tese, bem como produzir outras perspectivas e hipóteses sobre a pesquisa.

Como anunciado na maioria desta tese a discussão que faço aqui também é uma espécie de bricolagem, um diálogo entre teóricos e teorias para explorar possibilidades outras. É também um esforço para teórico para sustentar as discussões dos capítulos sobre práticas de escritas e curriculares.

#### **4.1 - PARADIGMAS INDICIÁRIOS: PISTAS E INDÍCIOS**

Para o italiano (Ginzburg, 2014), “por volta do final do século XIX, emergiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas um modelo epistemológico ao qual até agora (até aquele momento) não se prestou suficiente atenção” ( p.134).

Discutindo os artigos de um jovem russo chamado Ivan Lermolieff, na verdade, pseudônimo do médico Giovanni Morelli, Ginzburg destaca como o método morelliano de análises de pinturas considerava os detalhes, os pormenores das pinturas e não as características mais vistosas e marcantes das escolas dos pintores. Segundo Morelli, para verificar a veracidade de uma pintura

é preciso não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas, portanto mais facilmente imitáveis, dos quadros... Pelo contrário, é necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis, e menos influenciados pelas características da escola a que o pintor pertencia: os lóbulos das orelhas, as unhas, as formas dos dedos das mãos e dos pés. Ibid., p.144

Ginzburg traz a importância de um processo de pesquisa que contém como proposta uma análise centrada nos detalhes, nos dados geralmente negligenciados, marginais. São eles que precisam ser tomados como pistas, indícios, sinais ou vestígios. É o paradigma indiciário.

Na defesa da ideia de que o paradigma indiciário havia sido negligenciado até então, Ginzburg (2014) aproxima os métodos de investigação de Sherlock Holmes os de Morelli, e seguindo pistas e indícios identifica uma forte influência dos estudos sobre artes do médico italiano Giovanni Morelli no desenvolvimento da psicanálise por Freud. Para Ginzburg existem duas pistas que “garantem a Morelli um lugar especial na história da formação da psicanálise” (p.148). A primeira é o ensaio intitulado: O Moisés de Michelangelo, publicado anonimamente em 1919. Ginzburg destaca que o próprio Freud reconheceu a paternidade na ocasião da publicação das obras completas do mesmo. E a segunda é a presença de um exemplar do livro de Giovanni Morelli, com a data de aquisição, 1897, escrita no frontispício

do livro, na biblioteca de Freud, conservada em Londres (p.149).

Para Ginzburg o paradigma indiciário foi um dos elementos que contribuiu para “cristalização da psicanálise”, tendo em vista que Freud teria encontrado os textos de Morelli na fase “pré-analítica”.

Seguir os rastros das pistas é uma das qualidades necessárias para de um bom *bricoleur*. O paradigma indiciário, é umas das peças que entram nesta metodologia. Nele as “pistas: mais precisamente, sintomas (o caso de Freud), indícios (no caso de Holmes), signos (no caso de Morelli)” (p.150) dão um sabor semiótico a metodologia desta tese.

Pista que no livro *O queijo e os vermes* o mesmo Ginzburg (2006) seguiu quando pesquisa no arquivo da Cúria episcopal da cidade de Udine encontrou um estranho processo inquisitorial.

Passei parte do verão de 1962 em Udine. O Arquivo da Cúria Episcopal daquela cidade preserva um acervo de documentos inquisitoriais extremamente ricos e, aquela época, ainda inexplorado. Pesquisei os julgamentos de urna estranha seita de Friuli, cujos membros os juizes identificaram como bruxas e curandeiros. Mais tarde escrevi um livro sobre eles (*I benandanti: Stregoneria e culti agrari tra Cinquecento e Seicento*), publicado em 1966 e reimpresso em Turim, em 1979. Ao folhear um dos volumes manuscritos dos julgamentos, deparei-me com uma sentença extremamente longa. Uma das acusações feitas a um réu era a de que ele sustentava que o mundo tinha sua origem na putrefação. Essa frase atraiu minha curiosidade no mesmo instante, mas eu estava a procura de outras coisas: bruxas, curandeiros, *benandanti*. Anotei o número do processo. Nos anos que se seguiram, essa anotação ressaltava periodicamente de meus papeis e se fazia presente em minha memória. Em 1970 resolvi tentar entender o que aquela declaração poderia ter significado para a pessoa que a formulará. Durante esse tempo toda a única coisa que sabia a seu respeito era o nome: Domenico Scandella, dito Menocchio. (p.9)

No primeiro capítulo destaquei a figura de Menocchio, ele próprio um homem ordinário de Certeau. Um moleiro cuja farta documentação dos processos permitiu a Ginzburg “saber quais eram suas leituras e discursões, pensamentos e sentimentos: temores, esperanças, ironias, raivas, desesperos” (p.10).

Volto a ele, a pesquisa de Ginzburg para o livro *O queijo e os vermes*. No livro “*Mitos, Emblemas, Sinais*”, Ginzburg introduz o conceito de “paradigma indiciário” como uma abordagem histórica que se concentra em pistas, sinais e indícios para reconstruir eventos e mentalidades passadas. O paradigma indiciário parte do pressuposto de que, mesmo em períodos em que não há documentação direta, podemos inferir muito sobre o passado por meio de evidências indiretas e fragmentadas.

Em “*O Queijo e os Vermes*”, Carlo Ginzburg aplica o paradigma indiciário ao estudar

o caso de Menocchio, o moleiro. Menocchio foi perseguido pela Inquisição por suas crenças consideradas heréticas. O que torna este estudo tão notável é não haver registros diretos das crenças de Menocchio, mas apenas as transcrições do julgamento pela Inquisição.

Faço a seguinte análise: a aplicação do paradigma indiciário em “O Queijo e os Vermes” envolve a análise cuidadosa desses indícios indiretos, como as transcrições do julgamento e os registros oficiais da Inquisição, para reconstruir as crenças e o mundo mental de Menocchio. Ginzburg usa fragmentos de informações para montar uma imagem mais ampla das ideias heréticas de Menocchio e sua visão de mundo.

Essa abordagem indiciária revela a capacidade de Ginzburg de extrair informações significativas de evidências aparentemente fragmentadas e obscuras. Ele demonstra como, mesmo quando as fontes diretas são limitadas ou ausentes, é possível criar uma narrativa histórica convincente usando pistas e indícios.

Esse exercício metodológico me interessa, pois ele nos permite uma aproximação com as complexidades do cotidiano. Menocchio, o moleiro, emerge como um indivíduo complexo com suas próprias crenças, questionamentos, esperanças e desafios. Isso nos leva a refletir sobre como as experiências das pessoas comuns são frequentemente negligenciadas na narrativa histórica tradicional, que muitas vezes se concentra em figuras de destaque.

#### 4.1.1 - O OFÍCIO E A IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA

Wright Mills e a sua ideia de artesanato intelectual e a imaginação sociológica entram nesta bricolagem metodológica para trazer algumas ferramentas importantes para pensar a minha prática como pesquisador.

Mills encara a prática do cientista social clássico como um ofício. Na brilhante introdução escrita por Celso Furtado para o livro: Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios Mills (2009) encontro indícios de como a imagem de um ofício será um importante ingrediente metodológico. Para ele

A imagem de um ofício – e sua associação com as ideias de “artesanato” e “oficina” – se contrapõe à visão do trabalho do cientista social como alguém que testa hipóteses construídas a partir de leis gerais e aplicadas através de métodos controláveis. No trabalho do cientista social não haveria fórmulas, leis, receitas, e sim *métodos*, no sentido original grego da palavra: via, caminho, rota para se chegar a um fim. (p.13)

Encarar um trabalho de pesquisa como um ofício, assim como o trabalho de professor, coloca a dimensão existencial do pesquisador e do professor como uma das mais

importantes. Tanto para sua formação como na prática do seu ofício.

Respeitar a história e subjetividade do pesquisador no processo de pesquisa e na construção dos métodos, admitindo que: se o pesquisador, que também é sujeito na pesquisa, está em movimento, tudo mais estará.

Ao trazer para construção da prática sociológica a ideia de um ofício, não sendo possível distinguir os limites entre os trabalhos e a vida pessoal, Mills costura de forma indissociável a vida do pesquisador e da pesquisa valorizando a dimensão existencial na formação do pesquisador.

É melhor começar, acredito, lembrando a você, o estudioso iniciante, que os mais admiráveis pensadores da comunidade acadêmica em que decidiu ingressar não separam seu trabalho de suas vidas. Parecem leva-los ambos a sério demais para admitir tal dissociação, e querem usar uma coisa para o enriquecimento da outra. (p.21)

Pensar a prática sociológica como um ofício e sua construção com um artesanato vai se contrapor a visão do cientista social que vai a campo testar hipóteses usando métodos controláveis e leis gerais aplicáveis para todos os tipos de pesquisa.

Nesta perspectiva aprender com suas experiências de vida faz parte do ofício do pesquisador. Já que o conhecimento “é uma escolha tanto de um modo de vida quanto uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida de trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício” (Mills, 2009, p.22).

Mas para moldar a si mesmo como um artesão intelectual é necessário “organizar um arquivo, sendo, suponho, a maneira de um sociólogo dizer: mantenha um diário.” Ibid. Claro que organizar seus documentos de pesquisa ou ter um diário faz parte da grande maioria dos pesquisadores das ciências sociais. As anotações são importantes, pois podem levar a diferentes pensamentos e organizados podem nos levar a pensamentos mais sistematizados.

Mills destaca a importância de manter um arquivo adequado e desenvolvendo assim hábitos autorreflexivos mantendo seu mundo interior desperto. (2009, p.23). Chamo esse interior desperto de modo pesquisador. Muitas vezes estamos em situações cotidianas é encontramos uma resposta, palavra ou pista que nos move a pensar sobre nossas pesquisas.

Para Mills, a imaginação sociológica é uma forma de pensamento crítico que possibilita o entendimento de como as experiências pessoais são influenciadas por fatores sociais mais amplos, tais como as estruturas sociais, os processos históricos, as relações de poder

e as mudanças culturais. Em outras palavras, é uma capacidade de ver as conexões entre o que acontece em nossa vida pessoal e as dinâmicas sociais mais amplas.

Essa capacidade de “pensar como”, ou seja, entender e simpatizar com as perspectivas de outras pessoas e, ao mesmo tempo, “pensar contra”, ou seja, questionar e desafiar as suposições e estruturas sociais que moldam essas perspectivas permite que os sociólogos vejam além de suas próprias experiências pessoais e reconheçam a influência de fatores sociais mais amplos sobre a vida das pessoas. A imaginação sociológica envolve a habilidade de conectar as experiências pessoais com as estruturas sociais e históricas mais amplas que moldam essas experiências permitindo que as pessoas vejam a relação entre suas vidas pessoais e os problemas sociais mais amplos que afetam suas vidas.

Ao desenvolver a imaginação sociológica, o pesquisador consegue compreender que suas experiências pessoais são compartilhadas por outras pessoas, e que refletem muitas vezes problemas e questões sociais mais amplas. Dessa forma, ele consegue questionar as normas e valores dominantes em sua sociedade e pensar em alternativas para enfrentar esses problemas.

A imaginação sociológica tornou-se uma ferramenta importante para a análise crítica da sociedade, pois permitia que os indivíduos questionassem as estruturas sociais que muitas vezes são tomadas como naturais e imutáveis. Com essa habilidade, as pessoas podem desenvolver uma consciência crítica e se engajar em ações coletivas para transformar a sociedade de acordo com suas necessidades e desejos.

Clifford Geertz, antropólogo americano, discute a produção artesanal em sua obra “A Interpretação das Culturas”. Ele argumenta que a arte e a artesanía são importantes para a compreensão da cultura e das práticas sociais em uma sociedade.

#### 4.1.2 – GEERTZ E A PRODUÇÃO ARTESANAL

Geertz (2014) fala sobre o papel da artesanía na cultura em vários pontos de seu livro “A Interpretação das Culturas”. Geertz aborda a produção artesanal em diferentes contextos, como na descrição da cerimônia de cremação de um rajá em Bali, onde ele discute a importância da produção de objetos de uso ritual na cultura balinesa. Além disso, Geertz também menciona a produção artesanal em seu ensaio “Arte Como Sistema Cultural”, onde ele destaca a importância dos objetos de arte como símbolos culturais que refletem as crenças e valores de uma sociedade.

Ele argumenta que a arte e a artesanía são importantes para a compreensão da cultura e das práticas sociais em uma sociedade.

Para Geertz, a produção artesanal envolve a criação de objetos com valor simbólico e cultural, além de valor econômico. Ele enfatiza que a produção artesanal é uma forma de expressão cultural, pois os objetos criados pelos artesãos contêm significados culturais específicos, transmitidos através das gerações.

Além disso, Geertz argumenta que a produção artesanal é uma prática social que envolve relações entre os artesãos, seus clientes e suas comunidades. Os objetos artesanais são criados para atender às necessidades e demandas específicas de uma comunidade, e a produção é muitas vezes organizada em torno de redes de parentesco, amizade e troca.

Para Geertz, a produção artesanal é uma forma de arte popular que reflete as crenças, valores e práticas culturais de uma sociedade. Ele enfatiza que a produção artesanal é importante para a compreensão da cultura popular, pois é uma forma de expressão que é acessível e significativa para as pessoas comuns.

Podemos conectar a ideia de artesanaria de Clifford Geertz com a noção de imaginação sociológica de C. Wright Mills, pois ambas enfatizam a importância da compreensão da sociedade e da cultura a partir de uma perspectiva mais ampla e crítica.

A imaginação sociológica de Mills envolve a habilidade de entender a relação entre a história pessoal e a história social, e de compreender como as instituições sociais e culturais moldam a vida cotidiana das pessoas. A partir desse entendimento, é possível desenvolver uma visão mais crítica da sociedade e das práticas culturais.

A produção artesanal, como concebida por Geertz, pode ser vista como um exemplo de uma prática cultural que reflete as relações sociais e culturais mais amplas de uma sociedade. A produção artesanal é uma forma de expressão cultural e social que está enraizada em uma comunidade e em suas relações sociais, como a família, a amizade e a troca. Portanto, a análise da produção artesanal pode ajudar a desenvolver a imaginação sociológica, permitindo que se entenda como as práticas culturais e sociais são influenciadas por fatores mais amplos, como a história, a economia e a política.

Em suma, a ideia de artesanaria de Geertz pode ser vista como um exemplo de prática cultural que pode ser analisada a partir da imaginação sociológica de Mills. A análise da produção artesanal pode ajudar a entender como as relações sociais e culturais moldam as práticas cotidianas e como as instituições sociais e culturais influenciam a cultura e a sociedade em geral.

Esse exercício de juntar os conceitos é um ponto de destaque na metodologia aqui proposta. É uma bricolagem, uma tentativa de organizar conceitos diferentes de forma

inteligível para o pesquisador e sujeitos da pesquisa.

## 4.2 - A SOCIEDADE DE ESQUINA DE WILLIAM FOOTE WHYTE

As bricolagens aqui construídas nos diálogos entre dois autores que fizeram parte de minha formação como pesquisador fornecem pistas de algumas ferramentas importantes para pensar o trabalho de pesquisa com o meu cotidiano.

Assim como Mills destaca a importância de reconhecermos e pensarmos as nossas metodologias como pesquisadores imersos em nossos campos, Whyte (2005) em *Sociedade de Esquina*<sup>9</sup> traz para discussão que tento fazer pistas que levam a um aprofundamento da questão do envolvimento do pesquisador e pesquisa/pesquisados.

Recém-formado na faculdade de economia, Whyte recebeu uma bolsa do Comitê Acadêmico de Harvard com duração de três anos para estudar o que desejasse. Muito impressionado com visitas que fizera a bairros pobres da Filadélfia parte a procura de um campo.

Uma das minhas lembranças mais vividas do tempo da faculdade é de um dia passado com um grupo de estudantes visitando os distritos pobres da Filadélfia. Lembro-me disso não só pelas imagens de prédios dilapidados e pessoas amontoadas, mas também pela minha sensação de embarço, de que eu era um turista na área. Como é comum entre os jovens, sentia o impulso de ajudar todas aquelas pessoas, mas, ainda assim, sabia que a situação era tão além de qualquer coisa realista que eu pudesse tentar aque1a época que me senti como um diletante fingido, pelo simples fato de estar ali. Comecei a pensar algumas vezes em voltar ao distrito e realmente aprender a conhecer as pessoas e as condições em que viviam. (2005, p.285)

Para ele muitos estudos

Falham quando deixam de considerar que, assim como seus informantes, o pesquisador é um animal social. Tem um papel a desempenhar, e as demandas de sua própria personalidade devem ser satisfeitas em alguma medida para que ele possa atuar com sucesso. Ibid., p.283

Whyte decide instalar-se North End<sup>10</sup>, também conhecida como pequena Itália, na

<sup>9</sup> Destaco o relato no anexo A do livro que mostra como se deram os processos de decisões em sua pesquisa, desde a escolha do que pesquisar até aos métodos desenvolvidos para a pesquisa dele, a sua artefania intelectual.

<sup>10</sup> North End é uma área historicamente associada à imigração italiana nos Estados Unidos. Durante o início do século XX, esta região de Boston se tornou o lar de muitos imigrantes italianos que buscavam melhores oportunidades de vida nos Estados Unidos. O livro de Whyte oferece um retrato detalhado dessa comunidade, explorando suas estruturas sociais, interações cotidianas, economia informal e relações de poder. A área de North End, como descrita no livro, era um bairro densamente povoado, onde as pessoas viviam em estreita proximidade umas das outras. Whyte passou vários anos realizando pesquisa de campo na comunidade, vivendo entre os residentes e participando de suas atividades diárias.

cidade de Boston e foi ficticiamente chamada de Cornerville. Lá fez amizade com Doc<sup>11</sup> um jovem líder de uma gangue de esquina conhecida como Os Norton<sup>12</sup>. O envolvimento de Whyte com a social vida do bairro, nas atividades cotidianas, no clube e bares e o fato de ter morado nos fundos de um restaurante de uma família italiana fornecem pistas para pensar uma metodologia que afastar a pesquisa de campo do que Marcus chama de *mise-em-scène* malinowskiana clássica, ou seja, afastar o trabalho de campo, especialmente o etnográfico, de

uma tradição comprometida com a função documental e uma representação naturalista, impulsionada pela participação e observação distanciadas e disciplinadas dos mundos vitais de outros tomados formalmente como objeto de pesquisa. (Marcus, 2004, p.134).

Marcus (2004) propõem repensar o conceito de pesquisa de campo na antropologia. Para ele Isso envolve a substituição do distanciamento e da limitação espacial associados à abordagem tradicional (*mise-en-scène* malinowskiana) pela criação de uma cumplicidade entre o observador e o observado e pela realização da pesquisa.

Encontro as pistas para pensar uma metodologia que se afaste da *mise-em-scène* malinowskiana clássica quando Whyte (2005) afirma que muitos bons estudos falham quando deixam de considerar o pesquisador como sujeito da pesquisa (Sussekind; Pellegrini, 2016)

Quando o pesquisador está instalado numa universidade, indo ao campo apenas por poucas horas de cada vez, pode manter sua vida social separada da atividade de campo. Lidar com seus diferentes papéis não tão complicado. Contudo, se viver por um longo período na comunidade que é seu objeto de estudo, sua vida pessoal estará inextricavelmente associada à sua pesquisa. Assim, uma explicação real de como a pesquisa foi feita necessariamente envolve um relato bastante pessoal do modo como o pesquisador viveu durante o tempo de realização do estudo. (Whyte, 2005, p.283)

Entendo que eu sou um dos sujeitos desta pesquisa. Minha Corneville são minhas

<sup>11</sup> Doc é um dos personagens centrais do livro e desempenha um papel importante na narrativa. Doc não é um nome real, mas um apelido ou alcunha pelo qual ele é conhecido na comunidade de North End, em Boston.

Doc é um líder carismático e influente na comunidade italiana-americana de North End. Ele é um dos membros mais respeitados e poderosos da esquina, onde muitas das interações sociais e eventos do livro ocorrem. Sua personalidade e presença dominante o tornam uma figura central na dinâmica da comunidade.

<sup>12</sup> Os Norton eram um grupo de jovens desordeiros e, muitas vezes, envolvidos em atividades ilegais e comportamento antiético. O autor descreve as interações entre essa gangue e outros membros da comunidade, incluindo o personagem central Doc, destacando as tensões e conflitos que surgem na sociedade de esquina de North End. A gangue dos Norton serve como um exemplo das complexas dinâmicas sociais em uma comunidade urbana. Enquanto alguns de seus membros podem ser vistos como delinquentes, o livro explora também as razões por trás de suas ações e como eles se relacionam com outros membros da comunidade.

salas de aula, a universidade que frequento, os grupos de pesquisa que participo e estou vinculado. Não consigo separar meu ofício da minha vida pessoal.

Assumo essa incapacidade de separação do pesquisador e pesquisado voltando a ideia de imaginação sociológica de Mills. A imaginação sociológica está centrada na capacidade dos indivíduos de compreender suas experiências pessoais como parte de um contexto mais amplo de mudança social e histórica. Em outras palavras, é necessário entender as estruturas e processos sociais para entender as experiências individuais. O conceito de imaginação sociológica está ligado à ideia de que a vida social é moldada por processos culturais mais amplos.

A defesa que faço aqui é por não trilhar algum caminho predeterminado e (re)construir meu próprio caminho, ideia que já tem sido defendida por outros autores.

Temos defendido em pesquisas e escritas anteriores (SÜSSEKIND, 2007, 2010, 2011) junto com Alves (2001) e outros autores que se identificam como estudiosos dos cotidianos que “reimaginar a modalidade tradicional da pesquisa de campo” (MARCUS, 2004, p. 135) é um movimento necessário. Argumentamos com Marcus (2004, p. 147) que a multilocalidade e a cumplicidade que redefinem a relação nuclear de colaboração na pesquisa de campo permitem alternativas interessantes de pesquisa que se frutificam em novos âmbitos temáticos. A pesquisa de campo, entendida como campo de experimentação metodológica, ou “arte de pesquisar” (CERTEAU, 1994, p. 37) assume que “é impossível encontrar duas escolas iguais” (EZPELETA; ROCKWELL, 1989, p. 50), potencializando as ideias de ineditismo, interpretação e autoria do pesquisador. Como um romance de imagens e roteiros, a escrita que emerge do campo multilocalizado denuncia o esgotamento do modelo de observação malinovskiano e de suas condições de neutralidade e afastamento. (Sussekind; Lontra, 2016, p.97)

Nas construções teóricas de Mills e Whyte a forma criativa do uso dos métodos indica uma possibilidade de construção teórica/metodológica que fuja do fetiche pelo método. Uma ferramenta como a imaginação sociológica e sua ludicidade me permite (ou autoriza) combinar diversas perspectivas aparentemente inapropriadas. Sigo pistas desse esforço quando Whyte questiona os métodos que falham ao não considerar o pesquisador como um ser social ou quando os intercâmbios entre antropologia e artes cênicas dos estudos da Writing Culture de Marcus e Clifford questionam a tradição antropológica, com bases em Malinowski, dos estudos etnográficos de observação distanciada e a própria escrita etnográfica.

#### **4.3 - A ESCRITA DA CULTURA: a etnografia como um gênero textual e o poético e político**

Neste ponto abordar o tema da escrita é essencial. A metodologia que proponho precisa pensar a forma com o escrever a pesquisa. É preciso pensar numa forma de escrever que

capture parte da complexidade do cotidiano pesquisado. Proponho pensarmos essa escrita a partir da escrita etnográfica<sup>13</sup>.

Ginzburg com o paradigma indiciário me indica que seguir as pistas é um bom caminho. Mills, Geertz e Whyte apontam caminhos e ferramentas metodológicas que posso usar em minha pesquisa e agora Marcus e Clifford fornecem pistas sobre a escrita de uma tese nesta bricolagem metodológica.

Tanto Clifford Geertz quanto James Clifford e George Marcus compartilham a preocupação como a pesquisa etnográfica é realizada e representada. Em particular, eles se concentram na etnografia como um gênero textual, uma forma de escrita que não apenas descreve a cultura, mas também a constrói e a interpreta.

O fato que até recentemente a escrita não tenha sido retratada ou seriamente discutida reflete a persistência de uma ideologia que reivindica a transparência da representação e o imediatismo da experiência. A escrita reduzida a um método: boas anotações de campo, elaboração de mapas precisos, “redação minuciosa” de resultados. Os ensaios aqui reunidos afirmam que essa ideologia se desintegrou. Neles, a cultura é vista como composta por representações e códigos seriamente contestados; neles, assume-se que o poético e o político são inseparáveis, que a ciência está nos processos históricos e linguísticos, e não acima deles. Os textos partem do princípio de que os gêneros acadêmicos e literários se interpenetram e que a escrita de descrições culturais é propriamente experimental e ética. Seu foco na construção de textos e na retórica serve para destacar a natureza artificial e construída dos relatos culturais. (Geertz, 2014, p.32)

Geertz argumentam que a etnografia deve ser vista como uma forma de literatura, uma narrativa que interpreta a cultura em questão. Ele enfatiza a importância da interpretação simbólica e argumenta que a etnografia deve capturar o significado dos símbolos culturais para os atores envolvidos. Geertz chama essa abordagem de “descrição densa” e argumenta que ela deve ser baseada em uma observação detalhada e intensiva da cultura em questão.

James Clifford e George Marcus, no que lhe concerne, desenvolveram uma abordagem conhecida como “etnografia reflexiva”. Eles argumentam que a etnografia é uma forma de escrita que envolve tanto o pesquisador quanto o sujeito da pesquisa em uma relação de construção mútua. Eles argumentam que a etnografia deve ser vista como um processo reflexivo que envolve a reflexão sobre as suposições, valores e interesses do

<sup>13</sup> A escrita etnográfica é uma forma de comunicação e representação que os antropólogos e pesquisadores usam para relatar suas observações e análises em estudos etnográficos. Ela desempenha um papel fundamental na antropologia cultural e em outras disciplinas relacionadas, como a etnologia e a antropologia social. Por sua vez, estudos etnográficos são uma forma específica de pesquisa qualitativa que se concentra na observação e descrição detalhada de culturas, grupos sociais ou comunidades. Eles são realizados principalmente no campo da antropologia, mas também são usados em outras disciplinas, como sociologia, psicologia social e estudos culturais.

pesquisador, bem como a reflexão sobre o papel do pesquisador na construção da cultura que está sendo estudada.

A abordagem de gênero textual na etnografia enfatiza a importância da escrita e da representação na construção da cultura e na produção do conhecimento antropológico. Ao enfatizar a importância da interpretação simbólica, da observação detalhada e da reflexão crítica, Geertz, Clifford e Marcus procuram criar uma abordagem etnográfica que capture a complexidade e a diversidade das culturas humanas de uma maneira que seja tanto precisa quanto sensível aos significados e contextos culturais.

Existe uma aproximação desta tese com uma etnografia já que o método etnográfico envolve a imersão do pesquisador no contexto social e cultural que está sendo estudado, a fim de observar e participar da vida cotidiana dos membros da cultura em questão. Isso envolve geralmente entrevistas, conversas informais, observação participante, coleta de dados e análise de documentos e artefatos culturais relevantes.

Eu estou no campo, faço parte dos sujeitos que pesquiso e em algum momento também sou o pesquisado.

Coelho (2014) na introdução do livro *A Escrita da Cultura* fala sobre o esforço intelectual dos textos da *Escrita da Cultura* poderia ser definido como um projeto para dotar o texto de visibilidade própria e ao invés de atribuir-lhe uma transparência e de via de acesso a cultura do outro, os autores de *A Escrita da Cultura* redirecionam esse olhar do leitor para o texto em si e para o modo como o etnógrafo descreve em sua “fantasia de objetividade” o “outro”. (p.8-9).

Trata-se de uma mudança sobre a autoridade etnográfica que Geertz discute em um texto publicado alguns anos antes do seminário.

Na busca por fugir da *mise-em-scène* malinowskiana e questionar a autoridade etnográfica do “eu estava lá”, o autor nos lembra da foto do frontispício do livro de *Argonautas do Pacífico Ocidental*.

O frontispício de do livro: *Os argonautas*, como toda fotografia, afirma uma presença - a da cena diante das lentes; e sugere também outra presença - a do etnógrafo elaborando ativamente esse fragmento da realidade trobriandesa. O sistema de troca kula, tema do livro de Malinowski, foi transformado em algo perfeitamente visível, centrado numa estrutura de percepção, enquanto o olhar de um dos participantes redireciona nossa atenção para o ponto de vista do observador que, como leitores, partilhamos com o etnógrafo e sua câmera. O modo predominante e moderno de autoridade no trabalho de campo é assim expresso: “Você está lá... porque eu estava lá”. (Geertz, 2014, p.18)

É a autoridade do “eu estava” lá e sobre a escrita, no caso do antropólogo, que Clifford e Marcus questionam. Eles se debruçam sobre a teoria da interpretação e da textualidade etnográfica e as estratégias discursivas já que “o desenvolvimento da ciência etnográfica não pode em última análise, ser compreendido em separado de um debate político-epistemológico mais geral sobre a escrita e a representação da alteridade.” Ibid., p.20.

Os ensaios do livro *A Escrita da Cultura* e o movimento de pensar a dimensão literária do texto etnográfico me levam a pensar na dimensão literária dos textos de estudantes e professores que estão muitas vezes próximos de etnografias. É muito comum encontramos o recurso do “eu estava lá” ou a descrições minuciosas do ambiente da escola, muito comum em relatórios de estágio supervisionados<sup>14</sup>, para evocar alguma autoridade sobre o que se diz. Mas não é só sobre autoridade, é sobre poder dado ao quem estava lá.

Por fim é com bricolagem de diversas ferramentas que esta pesquisa e suas construções metodológicas efêmeras Ferraço (2001), construídas como um aprendiz de artesão intelectual ou como um “*bricoleur*” que procurei trabalhar as análises de diversas escritas aqui presentes. São conversas com professores e estudantes, provas platô, rabisco nos banheiros e escritas livres, temas que trabelharei no segundo ato.

#### **4.4 CHICLETE EU MISTURO COM BANANA**

Passo para a etapa de finalização do capítulo de metodologia, que representa um momento crítico na pesquisa. Ele não apenas conclui a descrição dos métodos empregados, mas também estabelece uma conexão sólida entre esses métodos e as teorias subjacentes que sustentam a pesquisa. É uma oportunidade para amarrar os fios da pesquisa, revelando como a escolha metodológica está intrinsecamente ligada às perspectivas teóricas adotadas.

A música “Chiclete com Banana” é uma composição do músico baiano Gordurinha, em parceria com o cantor e compositor Almir Castilho, lançada em 1959.

A canção se tornou um grande sucesso na voz do cantor e compositor Jackson do Pandeiro, que a gravou em 1960. Desde então, “Chiclete com Banana” (Chiclete. . . , 2012) se tornou um clássico da música brasileira, sendo regravada por diversos artistas ao longo dos anos.

A letra da música reflete a preocupação de manter o samba puro, livre da influência de ritmos estrangeiros: *Eu só boto Bebop no meu samba / Quando o Tio Sam tocar num*

<sup>14</sup> Fui professor da disciplina de Práticas pedagógicas e iniciação a pesquisa por oito anos no Estado do Rio de Janeiro. Essa disciplina se assemelha a de estágio supervisionado das licenciaturas. Nos relatórios de estágio, o recurso de “eu estava lá” sempre foi um dos argumentos mais fortes usados pelos estudantes.

*tamborim / Quando ele pegar no pandeiro e no zabumba / Quando ele aprender que o samba não é rumba (...)*

Na proposta de uma metodologia ordinária essa mistura inusitada de chiclete com banana, que inicialmente parece estranha, acaba sendo uma combinação perfeita.

Ao invés de adotar uma posição distante e objetiva, a pesquisa ordinária se apoia na imersão e interação do pesquisador com o contexto estudado. A busca aqui é pelo que está a margem, o que é considerado ordinário e que normalmente não seria nada relevante para uma pesquisa tradicional. Essa abordagem busca reconhecer a importância de considerar os significados e valores que orientam suas ações e práticas de pessoas que poderiam ser consideradas ordinárias.

É com base nas reflexões dos autores Geertz, Mills, Whyte e Ginzburg, que a construção de uma metodologia de pesquisa ordinária busca ler e interpretar o seu campo a partir de uma perspectiva mais próxima e acessível aos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Em sua obra “A Interpretação das Culturas”, Geertz defende que a compreensão da cultura deve ser realizada a partir da análise da interpretação que os sujeitos fazem dos seus próprios comportamentos e práticas. Nesse sentido, a pesquisa ordinária se aproxima da abordagem etnográfica de Geertz, que enfatiza a importância de se compreender as relações sociais e culturais a partir das perspectivas dos sujeitos envolvidos, considerando os significados e valores que orientam as suas ações e práticas.

Já o conceito de “imaginação sociológica” proposto por Mills destaca a necessidade de se compreender as relações sociais em um contexto mais amplo e histórico, a fim de compreender as suas dinâmicas e transformações. Essa perspectiva se aproxima da metodologia ordinária, que busca compreender a realidade social a partir da interação com os sujeitos envolvidos, mas também a partir de uma reflexão crítica sobre o próprio processo de pesquisa.

Além disso, a ideia de “paradigma indiciário” de Ginzburg destaca a importância de se observar os detalhes e pistas presentes no contexto estudado buscando compreender as relações e dinâmicas sociais a partir de elementos aparentemente insignificantes. Essa perspectiva se aproxima da metodologia ordinária, que valoriza a observação minuciosa e detalhada do contexto estudado, buscando compreender as relações sociais e culturais a partir de uma perspectiva mais imersiva.

A metodologia de pesquisa ordinária, ao buscar uma visão e compreensão mais sensíveis e reflexivas do campo de pesquisa, proporciona uma abordagem metodológica

que vai além das limitações das abordagens objetivas e distantes. Ao se inspirar nos conceitos e abordagens propostos pelos autores discutidos neste capítulo, a pesquisa ordinária se destaca por sua capacidade de alcançar uma compreensão mais profunda e contextualizada do campo estudado pelo pesquisador.

A abordagem que proponho busca reconhecer a subjetividade inerente ao processo de pesquisa e vai além de simplesmente estudar os sujeitos como objetos de observação. Em vez disso, ela busca vivências com os cotidianos estudados a partir das perspectivas dos sujeitos envolvidos, valorizando suas vozes e experiências como fontes de conhecimento legítimo.

Ao reconhecer a subjetividade, a pesquisa ordinária abre espaço para que os sujeitos participem ativamente do processo de pesquisa, compartilhando suas visões, narrativas e interpretações. Essa abordagem valoriza as vozes marginalizadas e busca dialogar com às experiências e vivências que muitas vezes são silenciadas em abordagens mais tradicionais.

Ao adotar essa postura, o pesquisador se torna um outro/igual do diálogo e da troca de conhecimentos entre os sujeitos envolvidos. Ele busca criar um ambiente de confiança e empatia, onde os participantes se sintam à vontade para compartilhar suas perspectivas e histórias. Dessa forma, a pesquisa ordinária não apenas busca compreender os acontecimentos, mas dar sentidos aos acontecimentos segundo o olhar, nada neutro, do pesquisador.

Valorizar as vozes e experiências consideradas ordinárias traz uma riqueza de *visões* e perspectivas que não seriam olhados em abordagens mais distantes e objetivas. Isso permite uma interpretação mais contextualizada e complexa da realidade social, considerando as diferentes maneiras pelas quais os sujeitos interpretam e dão sentido às suas vidas e interações sociais.

Ao incorporar essas perspectivas subjetivas, a pesquisa ordinária contribui para a construção de conhecimento mais inclusivo e sensível. Ela desafia as hierarquias de poder e conhecimento, buscando amplificar vozes que muitas vezes são marginalizadas ou ignoradas. Essa abordagem também promove uma maior conscientização das relações de poder presentes na pesquisa e busca minimizar possíveis formas de exploração ou exotização dos sujeitos pesquisados.

Ao invés de impor uma estrutura rígida e predeterminada, a pesquisa ordinária permite uma abertura para a improvisação e a adaptação durante o processo de pesquisa. Isso significa que o pesquisador está constantemente se ajustando e reconfigurando suas estratégias e métodos, em resposta às demandas e desafios encontrados no campo.

Ao assumir essa característica ajustável a metodologia oferece uma perspectiva enriquecedora para a pesquisa, pois o pesquisador tem a oportunidade de captar nuances dinâmicas e complexidades que poderiam ser negligenciadas em abordagens mais distantes.

Além disso, a pesquisa ordinária valoriza a reflexividade, já que com essa postura de pesquisa o pesquisador se vê incentivando a questionar constantemente suas próprias suposições, posicionamentos e influências durante o processo de pesquisa. Essa postura reflexiva permite uma maior consciência dos vieses e limitações inerentes à pesquisa, contribuindo para uma abordagem mais crítica e ética.

Ao concluir este capítulo de metodologia é fundamental reconhecer que a pesquisa não ocorre em um vácuo, e há diversas abordagens metodológicas que compartilham semelhanças e diferenças com a minha. Não se trata de reinventar a roda, mas sim de propor uma metodologia que, enraizada em uma variedade de influências teóricas e experiências, coloca a ordinariedade no cerne da investigação.

A ideia de uma “metodologia ordinária” busca abraçar a complexidade e a riqueza das experiências humanas cotidianas. Para isso é necessário considerar que a vida das pessoas comuns é repleta de significado e valor, e que os eventos aparentemente triviais do dia a dia podem oferecer visões profundas sobre a cultura, a sociedade e a condição humana. Seja no cotidiano de um colégio ou na análise das escritas dos estudantes, compreender que a minha abordagem metodológica valoriza a observação atenta e a imersão na vida cotidiana, permite complexificar o ordinário sem perder as características reconhecendo que uma pesquisa acadêmica deve ter.

A “metodologia ordinária” não busca impor estruturas rígidas, mas sim adaptar-se organicamente ao ambiente de pesquisa, permitindo que as vozes e experiências das pessoas se destaquem. Ela reconhece a importância do comum e ordinário no processo reflexivo, e se abre tanto sobre o processo de pesquisa quanto sobre o próprio pesquisador, e incentiva uma abordagem colaborativa com os participantes da pesquisa.

## **5 – A CAÇA, OS RIZOMAS, O ESQUECIMENTO, A DESCONSTRUÇÃO E A LEITURA E ALGUMAS OUTRAS PISTAS SOBRE A ESCRITA.**

Já questioneei o que seria a escrita acadêmica e tratei do tema. Abordei que a escrita acadêmica é um estilo de escrita formal e objetivo utilizado em contextos acadêmicos e científicos para comunicar ideias, teorias e pesquisas. Afirmei que a escrita acadêmica é caracterizada por sua estrutura lógica e o uso de fontes confiáveis e referências bibliográficas precisas e apropriadamente formatadas e pretende fornecer uma contribuição original e significativa para o conhecimento em uma determinada área, por um processo de pesquisa, análise e comunicação eficaz das ideias. Para isso a escrita acadêmica pode assumir diferentes formas, como artigos de revistas, teses, dissertações, relatórios de pesquisa, entre outros, novos formatos e deve seguir as normas estabelecidas pela comunidade acadêmica em formato, estilo e conteúdo.

No decorrer da pesquisa as pistas que persegui e os indícios que foram aparecendo me levaram a outra questão diretamente ligada a escrita, a leitura.

Caro leitor, é importante destacar que o objetivo aqui não é discutir a psicogênese da língua e a formação inicial do leitor para demonstrar como a criança constrói diferentes hipóteses sobre o sistema de escrita. Assim como na discussão sobre escrita, trabalho com a ideia do leitor de textos acadêmicos. Alguém que se propõe, por prazer ou obrigação, a ler textos escritos voltados para divulgação científica. O exercício teórico que me proponho aqui é construir pontes entre alguns autores e suas ideias que possam dialogar com a defesa de que a escrever não é necessariamente significar, mas sim criar fluxos, agrimensar regiões, cartografar dentro de uma economia escriturística (Certeau, 2009).

Para Certeau ler é uma operação de caça e uma invenção do leitor interpretam a sua maneira o que leem. Para Bayard (2007) ler não é uma atividade de absorção de palavras e significados, mas de esquecimento e seleção ativa do que lemos.

Derrida (2009) desafia a ideia de que existe um núcleo de sentido e com a sua desconstrução busca analisar as múltiplas camadas de significado que estão presentes nas palavras, nos textos e nas ideias, e desvelar os jogos de poder e de significado que estão subjacentes a essas construções.

Tudo isso é trabalhado neste capítulo para tentar mostrar que ler, assim como escrever, é rizoma, fluxo, cartografia e agrimensura. Tentarei aqui defender essa ideia e mostrar como os funcionários autorizados são grandes defensores dos sentidos de um texto para manter a “escritura no estatuto de uma letra supostamente independente de seus leitores” (Certeau, 2009, p.243).

## 5.1 - OS FUNCIONÁRIOS AUTORIZADOS

Certeau foi um crítico da ideia de que as hierarquias sociais são fixas e imutáveis. Para ele “funcionários autorizados” são as pessoas que ocupam posições de poder e autoridade em uma determinada organização ou instituição. São gerentes, burocratas, intelectuais, diretores, líderes religiosos, políticos, e por que não, professores. Ele se refere às pessoas que têm autoridade para definir e impor regras e normas em determinado contexto social e possuem o poder de produzir e reproduzir a cultura dominante.

Aliás, se a manifestação das liberdades do leitor através do texto é tolerada entre funcionários autorizados (é preciso ser Barthes para se atrever a fazê-lo), ela é ao contrário, proibida aos alunos (simplesmente ou habilmente reduzidos à escuderia do sentido “recebido” pelos mestres) ou ao público (cuidado samente advertido sobre “o que se deve pensar e cujas invenções são consideradas desprezíveis, e assim reduzidas ao silêncio”). (Certeau, 2009, p.243)

No trecho citado Certeau menciona o conceito de “funcionários autorizados” ele está se referindo a pessoas que têm autoridade ou legitimidade dentro do campo da interpretação literária. Nesse contexto, ele menciona especificamente Roland Barthes como exemplo de um funcionário autorizado.

Esses “funcionários autorizados” são indivíduos reconhecidos como especialistas, críticos literários ou acadêmicos renomados, que têm a permissão social e intelectual de exercer sua liberdade interpretativa em relação aos textos. Eles têm o espaço e a autoridade para oferecer suas próprias análises e interpretações e até desafiando as interpretações dominantes sobre um texto ou livro.

No mesmo trecho ele argumenta que os alunos e o público em geral são excluídos dessa permissão ou autoridade para exercer sua liberdade interpretativa. Eles são colocados em uma posição de subalterna. Eles apenas recebem o sentido dos funcionários autorizados. Claro que Certeau não afirma que isso aconteça, ele mesmo um grande crítico das hierarquias acredita na liberdade de interpretação, mas usa Barthes como um exemplo de como existe uma desigualdade do poder de interpretação. Certas pessoas têm o privilégio de se engajar livremente com os textos, enquanto outras são restringidas em suas possibilidades interpretativas.

Os professores são funcionários autorizados. Eles têm a responsabilidade de pensar as suas aulas, fornecer interpretações e orientar os alunos em seu processo de ensino/aprendizagem. Além disso, eles também têm a liberdade de explorar diferentes abordagens e metodologias de ensino, bem como aplicar sua própria interpretação e compreensão dos conteúdos que estão sendo ensinados.

Podemos ir mais longe e essa ideia para a relação entre escola/universidade e afirmar que dentro dos funcionários autorizados podemos encontrar contextos em que “uns são mais autorizados que outros”.

A relação que muitas vezes é estabelecida entre universidade e escola ou professores universitários e professores da educação básica pode servir como exemplo.

O conceito de funcionários autorizados servirá de base para a discussão travada no segundo ato sobre escritas e avaliações semestrais. Mas antes nossa jornada continua com a discussão sobre leitura e mais uma vez Certeau será discutido.

## **5.2 – LER UMA OPERAÇÃO DE CAÇA OU O “AUTOR DEVERIA MORRER APÓS TER ESCRITO”**

Para Certeau ler é uma operação de caça onde o livro é um efeito do leitor.

Este não toma nem o lugar do autor, nem um lugar de autor. Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a “intenção” deles. Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações. (Certeau, 2009, p.241)

Certeau nos faz pensar sobre a fragilidade da intenção do autor. Por ser a leitura caça, rizoma e fluxo aquilo que o autor se propõem a escrever se distancia de seus objetivos a partir do momento que o leitor rizomatiza a sua leitura. É quando ele começa a enredar sentidos, conectar experiências e criar impressões a partir desse movimento. Talvez o autor só dê início a esse movimento, a esse fluxo que onde o leitor se conecta para fabricar sentidos outros que não aqueles do autor. Claro, o que não quer dizer que o leitor não possa fazer conexão e criar sentidos com as do autor, mas de qualquer forma sempre serão (re)invenções de sentidos, mesmo que parecidos com o do autor.

(...) Com efeito, ler é peregrinar por um sistema imposto (o do texto, análogo à ordem construída de uma cidade ou de um supermercado). Análises recentes mostram que “toda leitura modifica o seu objeto”, que (já dizia Borges) “uma literatura difere de outra menos pelo texto que pela maneira como é lida”, e que enfim um sistema de signos verbais ou icônicos é uma reserva de formas que esperam do leitor o seu sentido. Se, portanto “o livro é um efeito (uma construção) do leitor”, deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de lectio, produção própria do “leitor”. Este não toma nem o lugar do autor, nem um lugar de autor. Inventa nos textos outra coisa que não aquilo que era a “intenção” deles (2009, p. 264).

Em 1983 Umberto Eco escreve as Apostilas a O nome da rosa, texto onde ele analisa e conta um pouco do processo de escrita de seu célebre livro. Uma das coisas que Eco

faz é comentar sobre as diferentes interpretações feitas do seu texto e de como o autor, no caso, de um romance, deveria se relacionar com as diversas leituras.

Sobre interpretações o narrador do texto e sobre o título.

Um narrador não deve oferecer interpretações de sua obra, caso contrário não teria escrito um romance, sendo uma máquina para gerar interpretações. Mas um dos principais obstáculos à realização desse virtuoso propósito é justamente o fato de que um romance deve ter um título. (p.556)

Eco afirma ser título uma chave de interpretação que impossibilita esquivar-se das sugestões que ela traz. Este ponto é importante, pois pensar o título é pensar que caças o leitor fará com ele. Que significados ele dará? Bem não é a questão central desta seção, mas destaco essa primeira pista deixada por Eco para podermos seguir, ou caçar, o que ele pensava sobre as diversas leituras que fizeram de seu romance.

Para ele

O autor não deve interpretar. Mas pode contar como e por que escreveu. Os assim chamados tratados de poética nem sempre servem para compreender a obra que os inspirou, mas servem para compreender de que modo se resolve o problema técnico que é a produção de uma obra. (p.556)

Chega a dizer que “o autor deveria morrer após ter escrito. Para não perturbar o caminho do texto. Afirmação jocosa, ou não, eco mostra uma compreensão de que não é dono dos sentidos do que escreveu. Entende que ler é caçar sentidos, é rizomatizar, é fluxo que conecta diversas máquinas interpretativas.

Não há maior consolo para um autor de romances do que descobrir leituras que ele não teria imaginado, e que os leitores lhe sugerem. . . Não digo que o autor não possa descobrir um tipo de leitura que lhe pareça aberrante, mas, deveria sempre ficar calado, de qualquer maneira. (Eco, 2016, p.557)

Veja bem leitor, é importante destacar que Eco fala sobre um romance, e que sei isto aqui é uma tese. Então o que procuro defender ou pensar trazendo as ideias de Eco sobre um romance? Seria um paradoxo escrever uma tese sobre escrita acadêmica trazendo possibilidades de leituras que fogem as próprias regras da academia, do texto científico? Possivelmente sim. Mas esse movimento é uma tentativa de trazer outras contribuições que possam alimentar a discussão.

Eco traz um elemento importante para pensarmos a escrita como caça ou como rizoma, sendo a impossibilidade de dizer o que se quer dizer em um texto. Como já escrito aqui, escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar. (Deleuze; Guattari, 2014, p.19). E se ler é uma operação de caça, é preciso admitir que o leitor não é

passivo nesse processo. Ele é consome o texto, faz usos e interpretações, que sim, muitas vezes podem aproximar-se da do autor, mas serão sempre usos do leitor.

“Quer se trate do jornal ou de Proust, o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme os códigos de percepção que lhe escapam. Torna-se texto somente na relação com à exterioridade do leitor” (CERTEAU, 2009, p.242).

Trazer Eco para esta discussão é corroborar com Certeau quando defende que o leitor é um consumidor e que as barreiras ou a muralha da China que circunscreve um “próprio” do texto, que isola do resto a sua autonomia semântica, é, na verdade, um jogo de forças. Jogo onde o livro é utilizado por pessoas privilegiadas, funcionários autorizados, que estabelecem um segredo do qual somente eles são os verdadeiros intérpretes (CERTEAU, 2009, p.243).

A utilização do livro por pessoas privilegiadas o estabelece como um segredo do qual somente eles são os “verdadeiros” intérpretes. Levanta entre o texto e seus leitores uma fronteira que para ultrapassar somente eles entregam os passaportes, transformando a sua leitura (legítima, ela também) em uma “literalidade” ortodoxa que reduz as outras leituras (também legítimas) a ser apenas heréticas (não “conformes” ao sentido do texto) ou destituídas de sentido (entre gues ao ouvido). Deste ponto de vista, o sentido “literal” é o sinal e o efeito de um poder social, o de uma elite. Oferecendo-se a uma leitura plural, o texto se torna uma arma cultural, uma reserva de caça, o pretexto de uma lei que legitima como “literal”, a interpretação de profissionais e de clérigos social mente autorizados. (CERTEAU, 2009, p.243).

É aqui que eu me coloco como funcionário autorizado da economia escriturística para ousar com Eco e Certeau defender a possibilidade de ler como operação de caça, até em texto acadêmicos.

É com esse passaporte que trago para discussão outra concepção de leitura que comporá com Certeau e Eco minha defesa da ideia que ler é *rizomatizar* e inventar no texto caminhos e sentindo, pois, escrever não é significar, mas agrimensar<sup>15</sup> e conectar fluxos.

### **5.3 – OS RIZOMAS (LEITURA E ESCRITA)**

Deleuze e Guattari (2014) “roubam” da botânica o conceito de rizoma. A raiz rizoma, diferentemente daquela raiz padrão, que estão representadas na maioria dos livros escolares, tem um crescimento polimorfo fazendo diferentes ligações não crescendo em uma direção definida. Trazendo para o projeto filosófico deles o rizoma passa a ser um modelo de resistência ético-estético-político que eles empregam na (re)construção do próprio conceito

<sup>15</sup> Explico melhor na próxima seção.

de rizoma. Colocam o conceito em um plano de imanência e tirando a sua condição de essência das coisas.

O rizoma é uma antigenealogia<sup>16</sup> que usam para descrever uma forma de organização não hierárquica e não linear presente na natureza e na cultura.

O rizoma é uma antigenealogia. É uma memória curta ou uma antimemória. O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho cu à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. São os decalques que é preciso referir aos mapas d e não o inverso. Contra os sistemas centrados (e mesmo policentra-dos), de comunicação hierárquica e ligações preestabelecidas, o rizoma é um sistema acentrado não hierárquico e não significante, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados. (Deleuze; Guattari, 2014, p.41)

Para eles o rizoma é um tipo de sistema de conexões horizontais que se expande indefinidamente em todas as direções. Diferente de uma árvore, com um tronco central e raízes que se estendem para baixo, o rizoma não tem um ponto central ou raízes definidas. Em vez disso, ele é composto por múltiplas linhas que se conectam e se entrelaçam umas às outras de forma complexa e imprevisível.

Tentando explicar melhor eles destacam seis princípios que sugerem uma forma não linear, não hierárquica e descentralizada de organização e pensamento do rizoma em contraste com a estrutura vertical e hierárquica da árvore.

- 1) Conexão: um rizoma é uma rede de conexões horizontais entre seus elementos, em vez de uma hierarquia vertical. Cada elemento é conectado a outros em múltiplas direções e pode ser um centro de conexão para outros.
- 2) Heterogeneidade: um rizoma é composto de elementos heterogêneos, que podem ser de diferentes tipos, naturezas, funções e valores. Não há uma ordem pré-estabelecida ou uma estrutura fixa que determine a organização dos elementos.
- 3) Multiplicidade: um rizoma é composto de múltiplos elementos, que se multiplica em diferentes direções e dimensões. Cada elemento pode ter múltiplas funções e ser associado a diferentes contextos.

<sup>16</sup> O rizoma é um conceito que se opõe à estrutura hierárquica e linear, típica das genealogias e das narrativas históricas convencionais. Em vez disso, o rizoma não possui um centrado, é não hierárquico ou não linear. Ele é antigenealógico.

- 4) Atribuição de funções: as funções de um rizoma são distribuídas e atribuídas de forma flexível e dinâmica. Cada elemento pode desempenhar múltiplas funções e a atribuição de funções pode mudar como passar do tempo e das circunstâncias.
- 5) Cartografia: um rizoma é mapeável, mas não tem um centro ou um ponto fixo de origem. O mapeamento do rizoma é uma atividade contínua e dinâmica que envolve a exploração e a descoberta de novas conexões e elementos.
- 6) Intensidade: um rizoma é caracterizado pela intensidade de suas conexões e elementos. As conexões não são apenas espaciais ou físicas, mas também afetivas e simbólicas, envolvendo sentimentos, desejos e ideias.

Para além de uma proposta de pensamento não linear, para Deleuze e Guattari, o rizoma é um modelo para a organização social e cultural que pode ajudar a superar as estruturas hierárquicas e centralizadas do poder. Eles defendiam que o uso do rizoma poderia ser aplicado em várias áreas, como a política, a cultura, a educação e a tecnologia para criar formas de conexão e produção de conhecimento.

Logo a escolha nesta seção é “rizomatizar” a discussão sobre leitura com a de escrita. Mas longe de reconstruir historicamente os diversos conceitos do que é a escrita, faço esforço teórico para (des)construir uma ideia de escrita como significante ou pelo menos provocar linhas de fuga que levem o leitor a outros plâtos.

### 5.3.1 Linhas de fuga

As linhas de fuga são uma metáfora poderosa na filosofia de Deleuze e Guattari que sugere a capacidade de escapar das estruturas rígidas e das normas convencionais, abrindo espaço para a inovação, a criatividade e a resistência. Elas são uma parte fundamental de sua abordagem à filosofia, à cultura e à subjetividade, enfatizando a importância de explorar novos territórios e de se libertar das restrições impostas pelo pensamento linear e pelas hierarquias.

Elas estão intimamente ligadas à criatividade e à inovação. Elas simbolizam a habilidade de romper com o terreno conhecido e familiar, abraçando o novo e o desconhecido como terreno fértil para exploração. Ao fazer isso, desafiam as convenções estabelecidas, promovendo uma dinâmica de renovação e evolução.

Outro aspecto crucial das linhas de fuga é a sua capacidade de servir como veículos de resistência. Elas frequentemente emergem como formas de desafio aos sistemas de poder e controle arraigados, contestando as estruturas de autoridade previamente estabelecidas e abrindo espaços para novas perspectivas e possibilidades.

A característica da multiplicidade das linhas de fuga é particularmente marcante. Elas não se restringem a uma única direção ou trajetória, mas proliferam em diversas formas e manifestações. Essa multiplicidade permite que as linhas de fuga se ramifiquem e se conectem de várias maneiras, promovendo uma riqueza de perspectivas e potenciais conexões.

As linhas de fuga também têm um potencial liberatório em certos contextos. Elas podem ser consideradas como meios pelos quais indivíduos ou grupos escapam das limitações impostas por sistemas sociais, culturais ou políticos. Nesse sentido, as linhas de fuga podem funcionar como instrumentos de emancipação, capacitando aqueles que as seguem a se libertarem das amarras que restringem sua expressão e ação.

Finalmente, as linhas de fuga não se limitam a ser simples trajetórias físicas ou intelectuais; elas também podem representar processos de transformação e metamorfose. Nessas trajetórias, identidades e realidades tornam-se fluidas e mutáveis, permitindo uma reconfiguração constante e uma adaptação criativa às mudanças do ambiente circundante.

### 5.3.2 O platô

O “platô” é outro conceito de Deleuze e Guattari que merece atenção antes de continuarmos. Eles usam o termo platô em um sentido metafórico e conceitual para se referir a uma forma de pensamento e criação que se caracteriza pela produção contínua de novas ideias e possibilidades, sem a necessidade de atingir um estado final ou uma Síntese definitiva.

Segundo Deleuze, um platô é uma “região intensiva” (p.44) de pensamento, que se diferencia da ideia de um “pico” ou um “vale”, que representam estados ou momentos de realização e estagnação.

Deleuze e Guattari afirmam que: “chamamos “platô” toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma”. (p.45)

O platô, ao contrário, é um lugar de “devir”, de experimentação constante, que nunca se esgota e sempre aponta para novas possibilidades e possibilidades.

Possibilidades que expandem a ideia de platô para o campo da criação artística e da cultura em geral, sugerindo que a produção cultural também pode ser vista como um processo contínuo de experimentação e criação, que não busca a representação ou a reprodução da realidade, mas sim a produção de novas realidades e possibilidades.

Um rizoma é composto de platôs. Para Deleuze, e eu defendo essa ideia, um texto

também é seccionado, cortado, por platôs na leitura, porque também na escrita. Que a escrita e a leitura de um texto criam rizomas, platôs e conexões que o autor não imaginaria.

Se ler é caçar, e a escrita? Ainda com Deleuze e Guatarri penso em deixar de lado a ideia de que escrever é significar, pois talvez “escrever nada te a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir”. (DELEUZE E GUATARRI, p.19, 2014).

### 5.3.3 Escrever esta mais para agrimensurar

Escrever é agrimensurar. No livro “Diferença e Repetição”, Deleuze desenvolve sua crítica à filosofia da identidade e da representação, que segundo ele, se baseia na ideia de agrimensura. Para Deleuze, a agrimensura é a forma de pensamento que busca impor uma ordem e uma unidade sobre o mundo, reduzindo-o a um conjunto de categorias fixas e estabelecendo relações de identidade entre elas.

De acordo com Deleuze, a agrimensura é uma forma de pensamento que tenta estabelecer uma identidade entre as coisas, reduzindo a multiplicidade do mundo a uma única forma ou a uma essência comum. Isso envolve a criação de conceitos abstratos que supostamente representam as essências das coisas e a utilização de métodos de análise que visam reduzir a complexidade do mundo a formas mais simples.

Por isso escrever está mais para agrimensurar, pois ela não é simplesmente uma forma de representação do mundo, mas uma atividade que cria possibilidades de pensamento e ação mapeamento, traçando conexões e linhas de fuga entre ideias e conceitos. Justamente porque é possível traçar novas linhas de fuga, que permitem quebrar as estruturas de pensamento estabelecidas e explorar novas maneiras de entender o mundo.

### 5.3.4 Escrever é criar fluxos

E agora? Como agrimensar, minimamente, alguma possibilidade de sentido para um texto? Novamente Deleuze e Guatarri trazem pistas. “mas a única questão, quando se escreve, é saber com que outra máquina a máquina literária pode estar ligada, e deve ser ligada, para funcionar”. (DELEUZE E GUATARRI, p.19, 2011).

Pensando na produção do desejo, o que interessa a Deleuze e Guatarri são as máquinas, suas ligações e seus fluxos.

É que há sempre máquina produtora de fluxo, e uma outra que lhe está conectada, operando um corte, uma extração de fluxo (o seio – a boca). E como a primeira, por sua vez, está conectada a uma outra relativamente à qual se comporta como

corde ou extração, a série binária é linear em todas as direções. (DELEUZE E GUATTARI, p.16, 2010)

Se toda máquina está em relação ao fluxo que ela corta, operando extrações sobre o fluxo associativo (idem, p.54, 2010), seria o caso de máquina homem-máquina escrita-máquina leitor? Todos fazendo seus fluxos e cortes no texto? Para eles toda máquina é máquina de máquina. “Em suma, toda máquina é corte de fluxo em relação àquela com que está conectada, mas ela própria é fluxo ou produção de fluxo em relação àquela que lhe é conectada.” (idem, p.55, 2010).

Pensar a escrita como um fluxo que atravessa diversas máquinas também é pensar na impossibilidade do controle dos sentidos de um texto. É abandonar a ideia de que escrever é significar, pois escrever é agrimensar, cartografar, rizomatizar.

Tudo isso põem em xeque a ideia de uma essência na escrita. Esse pensamento é uma das principais propostas deles.

Essência das coisas que Deleuze e Guattari criticam quando falam do papel da filosofia afirmando que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos.

Deleuze argumenta que a filosofia não é apenas uma disciplina acadêmica, mas uma forma de vida que permite explorar novos conceitos e ideias, e questionar as estruturas e instituições já estabelecidas. Ele enfatiza a importância da filosofia em ajudar as pessoas a se libertarem dos hábitos e crenças que limitam sua compreensão do mundo, permitindo-lhes ver além do óbvio e questionar as suposições que tomamos como verdadeiras.

Citando Nietzsche questionando o que é a filosofia e o papel do filósofo afirmam que:

“os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los. Até o presente momento, tudo somado, cada um tinha confiança em seus conceitos, como num dote miraculoso vindo de algum mundo igualmente miraculoso”. (Apud. DELEUZE E GUATTARI, 2007, p. 13).

Essa construção teórica-ética-estética-política *Deleuze-guattariana* coloca a construção dos conceitos no plano das relações com os acontecimentos. O conceito seria um elemento que surge da imanência. Aqui o conceito é um acontecimento.

O rizoma, ou melhor, o pensamento rizomático de Deleuze e Guattari exige repensarmos o conhecimento arborescente. Precisamos pensar em uma nova organização

conceitual rizomática e não mais sistêmica.

É pensando nas máquinas com as quais escrevemos e nos fluxos que tento aproximar a ideia escrita acadêmica de rizomas já que

O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p.43)

Escrever, cartografar, explicar, agrimensar tentando capturar linhas de fuga explicar que explodem em cada esquina do texto, na tentativa de dar sentido as palavras e ao pensamento é rizomatizar construindo platôs.

Um rizoma é feito de platôs, “uma região contínua de intensidades, vibrando sobre ela mesma, e que se desenvolve evitando toda orientação sobre um ponto culminante ou em direção a uma finalidade exterior” (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p.15)

Aqui a escrita escapa os sentidos também, e o escrito, ou o livro, já não são mais uma *imagem do mundo* (DELEUZE E GUATTARI, 2011). O que escrevo me escapa e o que você lê me escapa porque é rizoma, e rizoma é feito de multiplicidades.

A escrita como rizoma são caminhos, espaços, processos, devires, possibilidades de composição de pensamentos. Aqui a escrita move o pensamento de um lugar para o outro, voltam, pulam sem se fixarem. Não que a fixação seja impossível, mas aí ele se territorializa e vira um estrato do platô que podemos criar. Mas até quando isso acontece às linhas de fuga nos jogam para outros plâtos, outras multiplicidades.

A escrita vista como agenciamentos, linhas moveis, fugindo por todos os lados, se esparramando e fazendo e desfazendo alianças é “*riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio*” (Deleuze e Guattari, 2011 p.234) que não se fecha sobre si, é, sim, espaço de experimentações sempre atravessada pelos fluxos.

Deleuze e Guattari usam a metáfora da agrimensura para descrever a atividade de escrever como um mapeamento e traçado de conexões e linhas de fuga entre ideias e conceitos, já Certeau se concentra no aspecto de controle e poder que a escrita tem na sociedade e como a escrita criou uma economia escriturística, cheia de funcionários autorizados e que por um projeto escriturístico moldou a própria modernidade. É sobre a escrita para Certeau, chamada por ele de escritura, o tema da próxima seção.

#### 5.4 - ECONOMIA ESCRITURÍSTICA

Abordei como na última seção como Deleuze e Guattari argumentam que a escrita é uma tecnologia de controle. Aqui o esforço é para mostrar como Certeau, Deleuze e Guattari, com metáforas e maneiras diferentes, argumentam que a escrita é uma tecnologia de controle e poder que governa a sociedade ocidental contemporânea (para nós sendo também uma tecnologia colonial, racista e patriarcal especialmente quando pensamos sobre os usos da língua do colonizador) sem deixar de reconhecer que a escrita também é *espacotempo* dos praticantes que em sua ordinariedade cotidiana burlam e inventam fazendo dessa mesma escrita uma festa multiforme em seus usos de maneiras subversivas e criativas, algumas, até para desafiar a autoridade e contestar o sistema de controle social.

Para Certeau existe uma economia escriturística que afasta a oralidade e a tradição da escrita. Para ele a própria modernidade construiu-se sobre uma *economia escriturística*, principalmente sobre o discurso científico. “A própria revolução, esta ideia moderna, representa o projeto escriturístico no nível de uma sociedade inteira que tem a ambição de se construir em página em branco com relação ao passado” (CERTEAU, p.206, 2009).

Certeau, ao analisar a economia da escrita, destaca como as práticas de escrita são frequentemente guiadas por normas e convenções impostas pelo sistema acadêmico e científico. Isso cria o que chamo de “imperativo escriturístico”.

O “imperativo escriturístico” refere-se à pressão ou à expectativa social e acadêmica que exige que a escrita siga uma série de normas, convenções e estruturas predefinidas. Essas normas frequentemente incluem linearidade, coerência, objetividade e uma linguagem formal. O “imperativo escriturístico” impõe a ideia de que a escrita acadêmica deve seguir um modelo estrito, aonde cada parte se encaixa logicamente na seguinte, seguindo um caminho ordenado e previsível.

A “economia escriturística”, conforme descrita por Michel de Certeau, analisa como as práticas de escrita são regulamentadas e controladas pelo sistema acadêmico e suas normas. Isso inclui a padronização das formas de escrita e a imposição de normas de escrita acadêmica. A economia escriturística se preocupa com o poder e a autoridade que determinam as práticas de escrita. O “imperativo escriturístico” aborda a pressão para que a escrita siga um modelo pré-estabelecido de forma e estilo. Isso inclui a demanda por linearidade, coerência e conformidade com as normas acadêmicas. Essa pressão muitas vezes limita a criatividade e a diversidade na escrita, pois impõe uma estrutura rígida que deve ser seguida.

O “imperativo escriturístico” é uma manifestação da “economia escriturística”, pois a

pressão para seguir um modelo estrito de escrita acadêmica é parte integrante das práticas reguladas pela economia da escrita. Essa economia impõe regras e convenções que os escritores muitas vezes sentem serem imperativas.

Assim a linguagem não é apenas uma forma de expressão, mas também uma estratégia de controle, dominação e produção cultural. Certeau argumenta que a linguagem atribui a alguns indivíduos a capacidade de reproduzir discursos dominantes e impõe um anonimato aos sujeitos subjugados por esses discursos. É por meio da linguagem que as estruturas de poder são mantidas e perpetuadas, moldando as relações sociais e impondo uma ordem hierárquica. Certeau desafia essa dinâmica ao explorar as práticas cotidianas de resistência, onde os indivíduos encontram maneiras de contornar as estratégias de controle impostas pela linguagem e reivindicam sua própria agência criativa. Sobre o que Certeau chama de economia escriturística, ele parte da ideia de que a oposição entre a oralidade e escrita fez parte da construção da própria modernidade. A economia escriturística através do paradigma científico colocou as narrativas da oralidade no campo do ilógico, absurdo e da superstição.

Aqui o progresso é do tipo escriturístico, definindo a oralidade daquilo que uma prática científica, política, escolar etc. Deve se quer afastar (CERTEAU, p.204, 2009). É uma “escritura conquistadora” (Certeau; Giard; Mayol, 2016), uma escrita de poder.

Através da metáfora entre escrita e produção industrial, onde a escrita, uma série de operações articuladas, que cria “um não recebido, mas fabricado”, Certeau discute a centralidade da leitura e escrita para contextualização do sujeito na sociedade moderna. A economia escriturística tenta impor um padrão para apagar as vozes do cotidiano.

Certeau se refere a escrita como escritura. Então, o que é escrever para ele? “designo por escritura a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado”. (CERTEAU, 2009, p.204)

Ele entende que escrever é um processo em que fragmentos ou materiais linguísticos são tratados (usinado, poder-se-ia dizer) neste espaço, segundo métodos explicitáveis e de modo a produzir uma ordem. Uma série de operações articuladas (gestuais e mentais) – literalmente é isto, escrever – vai traçando na página as trajetórias que desenham palavras, frases e, enfim, um sistema. Noutras palavras, na página em branco, uma prática itinerante, progressiva e regulamentada – uma caminhada – compõe o artefato de outro “mundo”, agora não recebido, mas fabricado. (CERTEAU, 2009 p.204-205)

Ainda sobre a escrita com poder sobre uma exterioridade, as tradições orais, do qual

foi previamente isolado, (CERTEAU, 2009, p.204) destaca três elementos decisivos para construção deste poder.

Primeiro:

Primeiro, a página em branco: um espaço “próprio” circunscreve um lugar de produção para o sujeito. Trata-se de um lugar desenfitejado das ambiguidades do mundo. Estabelece o afastamento e a distância de um sujeito em relação a uma área de atividades. Oferece-se a uma operação parcial mas controlável. Efetua-se um corte no cosmos tradicional, onde o sujeito era possuído pelas vozes do mundo. Coloca-se uma superfície autônoma sob o olhar do sujeito que assim dá a si mesmo o campo de um fazer próprio. Gesto cartesiano de um corte instaurador, com um lugar de escritura, do domínio (e isolamento) de um sujeito diante de um objeto. Diante de sua página em branco cada criança já se acha posta na posição do industrial ou do urbanista, ou do filósofo cartesiano -aquela de ter que gerir o espaço, próprio e distinto, onde executar um querer próprio. (p.204)

A página em branco, lugar de desenfitejado, que da oralidade, espaço onde a economia escriturística fabrica um texto dentro da lógica que a razão técnica impôs aos saberes cotidianos, alijando as narrativas orais, tão contaminadas pela polissemia simbólica das tradições cotidianas. É dentro dessa produção lógica que os discursos ganham uma aparente estabilidade e sentido, o que se diferenciaria da mística oralidade do cotidiano.

Segundo:

aí se constrói um texto. Fragmentos ou materiais linguísticos são tratados dizer) neste espaço, segundo métodos (usados, poder-se-ia explicitáveis e de modo a produzir uma ordem. Uma série de operações articuladas (gestuais e mentais) – literalmente é isto, escrever, - vai traçando na página as trajetórias que desenhavam palavras, frases e, enfim, sistema. Noutras palavras, na página em branco, uma prática um itinerante, progressiva e regulamentada – uma caminhada – compõe o artefato de um outro “mundo”, agora não recebido, mas fabricado. O modelo de uma razão produtora escreve-se sobre o não-lugar da folha de papel. Sob formas múltiplas, este texto construído num espaço próprio é a utopia fundamental e generalizada do Ocidente moderno. (CERTEAU, 2009, p. 225)

A construção de um texto a partir de uma razão produtora que constitui no espaço do texto um fabricado. É a crença da possibilidade de domínio, pela escrita, do mítico, do oral, do ordinário.

Terceiro:

esta construção não é apenas um jogo. Sem dúvida, em toda sociedade, o jogo é um teatro onde se representa a formalidade das práticas, mas tem como condição de possibilidade o fato de ser distinto das práticas sociais efetivas. Pelo contrário, o jogo escriturístico, produção de um sistema, espaço de formalização, tem como “sentido” remeter à realidade de que se distinguiu em vista de mudá-la. Tem como alvo uma eficácia social. Atua sobre a sua exterioridade. O laboratório da escritura tem como função “estratégica”: ou fazer que uma informação recebida da

tradição ou de fora se encontre aí coligada, classificada, imbricada num sistema e, assim, transformada; ou fazer que as regras e os modelos elaborados neste lugar excepcional permitam agir sobre o meio e local de passagem onde se opera transformá-lo. A ilha da página é um uma inversão industrial: o que entra nela é um “recebido”, e o que sai dela é um “produto”. As coisas que entram na página são sinais de uma “passividade” do sujeito em face de uma tradição; aquelas que saem dela são as marcas do seu poder de fabricar objetos. No final das contas, a empresa escriturística transforma ou conserva dentro de si aquilo que recebe do seu meio circunstancial e cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior. (CERTEAU, 2009, p. 204 – 205).

Certeau destaca no terceiro elemento como o que é escrito, arriscaria dizer: escriturado, na página. O que entre, ou seja: o que é capturado pela economia escriturística, é fabricado, moldado, usinado conforme as regras para a sair em forma de produto.

Pensar a escrita como produto e o seu processo como uma apropriação do espaço exterior, que estoca aquilo que vai selecionando, combinando o poder de acumular o passado e o de conformar a seus modelos alteridade do universo (CERTEAU, 2009, p.205) é, como diz o próprio Certeau, capitalista e conquistadora.

A construção teoria certonianiana sobre a economia escriturística mostra como a escrita é conquistadora e como a modernidade é um projeto escriturístico que tem na ciência e nas instituições como a escola seus em seus funcionários autorizados seus principais aliados.

Eu mesmo, autor desta tese, professor e doutorando um funcionário autorizado, faço uso da economia escriturística. E Certeau, funcionário também autorizado não nega o que todos nós devemos a ela.

Analisando esse escrever, prática mítica moderna, não quero negar em absoluto aquilo que todos nós lhe devemos, particularmente nós, mais ou menos funcionários, portanto, crianças, profissionais e beneficiários da escritura numa sociedade que nela vai haurir sua força. (CERTEAU, p.207, 2009)

Assim como ele, eu me reconheço como funcionário mais ou menos autorizado e reconheço que devo muito a economia escriturística. Mas reconhecer tudo isso pode me levar a uma armadilha já cita nesta tese: a de “pensar que a sabedoria tem residência exclusiva no universo da escrita” (Couto, 2011, p51), pois a importância da escrita como uma tecnologia poderosa que afeta a forma como pensamos, nos comunicamos e nos relacionamos uns com os outros deve ser reconhecida, mas é importante reconhecer também a possibilidade de usar a escrita de maneiras criativas e subversivas para subverter e contestar o controle social que ela exerce.

É esse ponto que me interessa. É aqui que a escrita passa a ser ordinária no sentido certauniano. É ponto onde a escrita usada para subverter as formas de controle passa

a ser marginal, vira tática e Derrida e a desconstrução serão a próxima linha de fuga que agarro para mostrar como a mesma escrita que é agrimensura para Deleuze e Guattari, que é tão poderosa que moldou a modernidade, como afirma Certeau, e ao mesmo tempo permite linhas de fuga, novas interpretações já que ler é um movimento de caça.

## **5.5 – A Desconstrução**

Ao longo deste capítulo venho questionando a ideia de estabilidade da leitura e da escrita. Que escrever está mais para uma tentativa de agrimensar, impor uma ordem e uma unidade as palavras e ler está mais para uma operação de caça.

A ideia de desconstrução de Derrida (2009) engrossa o caldo da discussão já que é um grande crítico da ideia de que a linguagem consegue transmitir significados precisos e objetivos. Em vez disso, ele sugere que a linguagem é sempre fluida e instável. Argumenta também que a escrita é uma atividade que é inseparável da diferença, e que o significado dos textos é sempre indeterminado e mutável.

Derrida questiona as noções tradicionais de significado e verdades são baseadas em oposições binárias (como verdadeiro/falso, bem/mal, interior/exterior) que pressupõem uma hierarquia entre os termos. Essas oposições são normalmente entendidas como sendo “transparentes” ou “naturais”, isto é, como refletindo a realidade objetiva das coisas.

Ele explora o conceito de desconstrução a partir de uma reflexão sobre a linguagem e o ato de falar. Argumenta que a linguagem é sempre uma expressão incompleta e fragmentária do pensamento, e que a voz humana é uma “palavra soprada” que carrega consigo a falta e a ausência do que não pode ser dito.

Derrida também aborda a noção de “presença”, argumentando que ela é uma ilusão, já que a fala e a escrita são sempre mediadas por um espaço e um tempo. Ele sugere que a presença é algo que só pode ser sentido intuitivamente, e que ela não pode ser capturada ou representada por meio da linguagem.

Além disso, Derrida discute a ideia de que a escrita é uma forma de comunicação mais “fria” e “morta” do que a fala, argumentando que a escrita é capaz de criar novos significados e de transmitir uma gama mais ampla de emoções do que a fala.

Deleuze e Guattari, Certeau e Derrida tem em comum a discussão da relação entre linguagem e poder, argumentando que a linguagem é uma tecnologia usada para exercer controle e autoridade sobre as pessoas. Além disso seja escrevendo em platôs, subvertendo com táticas a ordem vigente ou usando a própria escrita e seus elementos como para a sua

desconstrução, todos mostram como a escrita pode ser usada de maneira subversiva para desafiar o poder e questionar as formas convencionais de pensamento.

## 5.6 – “LER É IRREMEDIAMENTE ESQUECER”

Ler é esquecer. Ler é usar a sua biblioteca intelectual para preencher de sentidos a leitura.

Para Bayard a noção de livros lidos é ambígua. Justamente por isso propõem um novo sistema de notações que considere que a relação com os livros não é processo contínuo e homogêneo, é, sim, um espaço obscuro e assombrado por lembranças e fantasmas imprecisos Bayard (2007).

Entre um livro lido com atenção e um livro que jamais tivemos entre as mãos e do qual jamais ouvimos falar, múltiplos degraus existem, os quais convém examinar com cuidado. Assim, é importante prestar atenção, com relação aos livros supostamente lidos, ao que se entende exatamente por leitura, pois esta pode de fato remeter a práticas bastante diferentes. (p.17)

Este novo sistema de notações – que eu espero que um dia seja adotado pela maioria das pessoas – visa a acentuar permanentemente que nossa relação com os livros não é processo contínuo e homogêneo de que certos críticos nos dão a ilusão, nem o lugar de um conhecimento transparente de nós mesmos, mas, sim, um espaço obscuro e assombrado por fragmentos de lembranças, cujo valor, inclusive criativo, está relacionado aos fantasmas imprecisos que nele circulam. (p.19,20)

Em verdade, minha biblioteca de intelectual, como toda biblioteca é feita de buracos e de brancos, o que na realidade não tem nenhuma importância, pois ela é suficientemente fornida para que um determinado lugar vazio não seja notado, pois qualquer discurso desliza rapidamente de um livro a outro. A maioria das trocas sobre um livro não diz respeito a ele, apesar das aparências, mas a um conjunto muito mais amplo, que é o de todos os livros determinantes sobre os quais repousa uma certa cultura em um momento dado. (p.32)

É esse conjunto, que eu chamarei doravante de *biblioteca coletiva*, que verdadeiramente conta, pois é seu domínio que está em jogo nos discursos a propósito de livros.

Assim, um livro deixa de ser desconhecido tão logo penetra em nosso campo perceptivo, e nada saber sobre ele não é absolutamente obstáculo para se sonhar com ele ou discuti-lo. (p.32)

A ideia de “visão de conjunto” não se limita à situação do livro dentro da biblioteca

coletiva. Refere-se também à situação de cada passagem no conjunto do livro. As faculdades de orientação que um leitor culto consegue desenvolver quanto à disposição geral da biblioteca são igualmente válidas no interior de um volume único. Ser culto é ser capaz de se situar rapidamente dentro de um livro, e essa ação de se situar não implica lê-lo integralmente, muito ao contrário. Seria até mesmo possível dizer que quanto maior for essa capacidade, menos será necessário ler um livro em particular. (p.35)

Da mesma maneira que Musil, Valéry incita a pensar em biblioteca coletiva e não de livro único. Para um verdadeiro leitor, preocupado em refletir sobre a literatura, não é um livro específico que conta, mas o conjunto de todos os outros, e prestar atenção exclusiva em um único traz o risco de perdemos de vista o conjunto e aquilo que em todos os livros, faz parte de uma organização mais ampla e que permite compreendê-lo em profundidade. (p.52)

A leitura não é somente conhecimento de um texto ou aquisição de um saber. Ela está também, e a partir do momento em que se inicia, engajada em um irreprimível movimento de esquecimento. (p.69)

## **5.7 A ordinaryidade da leitura e da escrita (Conclusão do primeiro ato)**

Há pontos em comum entre os conceitos tratados neste capítulo. Principalmente no que diz respeito à forma como cada um deles questiona a estabilidade e a objetividade da linguagem e da escrita.

Em “Mil Platôs”, Deleuze e Guattari argumentam que escrever é mais como agri-mensura, ou seja, é um processo que envolve a construção e a medição de territórios de significado. Eles sugerem que a linguagem e a escrita são sempre contingentes e mutáveis, possível criar formas de significado através de processos de desestabilização e recombinação.

A economia escriturística de Certeau também se concentra na natureza instável e mutável da linguagem e da escrita. Ele argumenta que a escrita é uma forma de construção de poder e que a linguagem é um campo de disputa entre diferentes atores sociais. Para Certeau, a escrita é um meio pelo qual o poder é exercido, mas também pode ser usado de forma subversiva para desafiar o poder e criar formas de significado.

Por fim, a desconstrução de Derrida é uma abordagem filosófica que questiona os conceitos e textos que usamos para entender o mundo. Ele argumenta que a linguagem e a escrita são sempre fluidas e mutáveis, e que o significado dos textos é sempre indeterminado e mutável. A desconstrução busca expor as suposições e hierarquias subjacentes em textos

e conceitos, de modo a questionar as formas como as pessoas geralmente os entendem.

Há uma convergência nos debates de Deleuze e Guattari, Certeau e Derrida, a qual é a natureza contingente e mutável da linguagem e da escrita, e a possibilidade de criar formas de significado através de processos de desestabilização e recombinação e, justamente por isso, o leitor encontrará no próximo ato um tipo de avaliação que surge nas disciplinas de currículo e didática da professora Maria Luiza Sussekind e chamaram de provas platô, do próximo ato e culminância desta tese.

## 6 SEGUNDO ATO



Figura 12 – Pensando em como seria para o leitor desta tese a relação com o teatro imaginei um teatro com apenas uma poltrona.

### 6.1 INTRODUÇÃO DO SEGUNDO ATO

O arco desta tese, como decidi organizar, começa a tomar o caminho que poderia ser considerado como uma espécie de redenção.

Afirmar no primeiro ato que esta tese é algo como uma luta quixotesca e declarei a minha identificação com o cavaleiro idealista. Agora no segundo a luta é algo dantesco

em que logo após uma rápida travessia pelo inferno a busca pelo paraíso e pela redenção parece chegar ao final.

Mas antes de continuarmos, gostaria de discutir o termo redenção. Em geral, a redenção está associada à ideia de salvação, perdão, resgate ou recuperação de uma situação negativa ou de um indivíduo que cometeu erros ou pecados.

No campo religioso, a ideia de redenção está ligada à libertação do pecado ou à salvação da alma. Em muitas tradições religiosas, acredita-se que a redenção pode ser alcançada por meio da fé, do arrependimento, caridade e do cumprimento de certos rituais, dogmas e/ou mandamentos.

No campo filosófico moral e ético, a redenção refere-se à possibilidade de uma pessoa se redimir ou se recuperar dos erros do passado, assumindo a responsabilidade por seus atos, buscando reparar possíveis danos causados e demonstrar uma mudança de comportamento. Nesse sentido, a redenção é vista como uma segunda chance ou uma oportunidade de reconstruir a própria reputação, ou caráter.

Em termos mais gerais, a redenção pode ser entendida como uma transformação positiva ou um ponto de virada na vida de alguém, onde uma pessoa supera dificuldades, vícios, traumas ou outros obstáculos, encontrando uma nova perspectiva, significado ou propósito.

Mas existe um campo que a ideia de redenção é frequentemente explorada em narrativas e que aqui me parece o mais adequado para este segundo ato, o cinema e a literatura.

Diversos filmes que retratam personagens em uma jornada de transformação e em busca de redenção pessoal. Esses personagens geralmente enfrentam desafios e confrontam seus próprios demônios internos, mas acabam encontrando uma maneira de superar seus obstáculos e alcançar um novo nível de autoconsciência e compreensão.

Esse ato pretende ser a busca pela redenção em um processo ou estado em que uma pessoa ou uma situação negativa encontra uma maneira de ser resgatada, recuperada ou transformada para melhor.

## **7 - A PROVA PLATÔ**

Ao longo dos anos como professor da educação básica experimentei diversos tipos de métodos avaliativos. Independente do método avaliativo, no decorrer dos anos, percebi que negociar com os estudantes as formas avaliativas de cada bimestre os envolvendo nesse processo gerava bons resultados. Dificilmente utilizo apenas provas como uma maneira de avaliar o desempenho dos meus alunos. Ao longo da minha prática pedagógica, percebi que quando decido aplicar provas, é comum notar uma atmosfera de apreensão e tensão entre os estudantes. Isso ocorre porque não aprecio a formatação das provas, onde os alunos precisam permanecer sentados, em silêncio e sob constante vigilância.

Por esse motivo, sempre busco criar avaliações que incentivem a consulta e exijam respostas dissertativas e que possam dar espaço para que o que foi dito em sala de aula apareça. Acredito que a memorização pura e simples de conteúdos não é tão relevante quanto a capacidade dos alunos em compreender e aplicar conceitos em situações reais. Geralmente quando aplico uma prova permito consultas, pois estou querendo proporcionar aos estudantes a oportunidade de utilizar recursos adicionais para aprofundar seus conhecimentos e dialogar com o que eles trazem das aulas e da vida. Não quero que eles simplesmente regurgitem informações, quero que eles articulem suas ideias de forma coerente e argumentativa. Ao longo do tempo percebi que isso permite uma avaliação mais abrangente da compreensão dos conteúdos e do que aconteceu na sala de aula ao longo dos bimestres.

Além disso, ao envolver os alunos na definição das formas avaliativas, estou tentando promover uma abordagem mais democrática e participativa em sala de aula. Ao discutir e negociar os métodos de avaliação, os estudantes têm a oportunidade de expressar suas preferências e necessidades, contribuindo para o engajamento deles nesse processo.

Mesmo com essa prática, no geral, as experiências com provas sempre me incomodavam. Mas uma experiência iniciada em 2016 nas salas de aula do curso de licenciatura em pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro na turma do componente curricular Currículo transformou o sentido de prova para mim.

### **7.1 – AS ORIGENS**

Minha jornada em busca das origens daquilo que chamamos de “prova platô” envolveu duas conversas, e na análise de um texto<sup>17</sup> acadêmico que se revelou rico em visões sobre a

<sup>17</sup> Texto publicado em 2020 e escrito por: Maria Luiza Sússekind, Lorena Azevedo do Carmo e Stephanie Duarte Láu do Nascimento. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/c6h7sWF7qd8SbkyNhskcCnj/#>

abordagem avaliativa.

A primeira das duas conversas que participei foi com a professora Maria Luiza Sussekind, figura central nesse contexto. Comecei essa conversa com uma pergunta direta sobre a origem da “prova platô”. Essa pergunta inicial visava entender sobre os eventos ou circunstâncias que deram origem a essa forma de avaliação. Durante essa conversa, a professora Maria Luiza compartilhou visões sobre sua própria jornada intelectual e como suas experiências pessoais e reflexões teóricas influenciaram a criação da “prova platô”.

**Sr. Alan (Entrevistador)** – *Pronto, começou. Maria Luiza, eu queria começar, eu queria te perguntar uma coisa. Eu li, reli essa semana o Alfinetar: currículos, ódios e gêneros. E estava relendo agora a monografia da Lorena. Porque eu comecei a escrever e estou com o capítulo bem adiantado sobre as provas platô.*

**Sra. Maria Luiza (Entrevistada)** – *Ótimo.*

**Sr. Alan (Entrevistador)** – *Mas o que é que eu queria conversar com você e a Lorena<sup>18</sup>, queria conversar sobre as provas platôs, e fui tentar ali ver, investigar com ela ali, se ela me dava sobre a criação da prova, nesse texto, o Alfinetar, vocês contam bem sobre isso. Sobre a criação da prova platô e tal, mas eu queria que você, te escutar sobre isso, sobre essa convivência, que você me contasse essa história.*

**Maria Luiza (Entrevistada)** – *Com, no pós-doutorado, eu começo a pensar a articulação escrita com conversa, né, eu começo com Paina, para tentar entender de que maneira as escritas curriculares são o tempo todo conversas, né. Os curreres, são escritas pessoais, e que a gente conversa com os nossos mentores, com as nossas referências, com a nossa vida, com as coisas que acontecem, e os currículos como conversas complicadas, são essas conversas pensadas coletivamente na sala de aula. Aí no final do pós-doc, eu tenho uma última, quase uma última conversa com Paina, sobre esse livro aqui, que é do Fauler, o editor é o Paina, Lia Fauler. E é sobre um currículo de dificuldade. Então ele vai dizendo como o poder do professor sobre o currículo, pode ser um poder que ele diz doce, e não ser de criar dificuldade, e de buscar articulação. Então ele vai, por exemplo, das histórias ingênuas que são contadas, e aí ele vai buscando a partir das histórias que os estudantes contam, movimentos de construção e desconstrução psicossocial, daquelas coisas que são ditas, o que a gente faz, produções narrativas de formatos diferentes, com linguagens diferentes, buscas hermenêuticas, pensar o currículo como uma pedagogia, e aí ele termina dizendo que tem que ter uma poética do ser professor. **E que o ser professor não é um ser para si, ele é o tempo todo um ser relacional. Isso me marca profundamente, principalmente em termo dos nossos formatos de avaliação, que você me conhecia***

<sup>18</sup> Na época estudante de licenciatura em pedagogia e bolsista da professora Maria Luiza.

***antes de eu ir para o pós-doc, e sempre soube que me incomodavam. Seminário me incomodava, resenha, resenha para mim agora eu gosto, porque é festa, mas essas coisas, fichamento.*** (Grifo meu)

A perguntar sobre a prova a fala revela uma evolução em sua compreensão do processo de construção do currículo e da avaliação acadêmica. Referências surgem e a história pessoal ganha destaque na resposta.

Ela começa destacando a ideia de que a escrita acadêmica está intrinsecamente ligada a conversas e interações com mentores, referências, experiências pessoais e eventos que ocorrem na vida. O tema c Isso sugere uma visão do currículo como um processo em constante evolução, moldado por conversas pessoais e influências externas. São conversas complicadas (PINNAR, 2012), complexas que ocorrem coletivamente em sala de aula. Isso enfatiza a importância da colaboração e da troca de ideias no processo de ensino e aprendizado.

Insatisfeita com os formatos tradicionais de avaliação, como seminários, resenhas e fichamentos. Ela parece valorizar formatos de avaliação mais flexíveis e festivos, sugerindo uma abordagem mais aberta e criativa para avaliar o aprendizado dos alunos. Talvez nesse incômodo esteja a gênese da avaliação como a prova platô.

Encontro nesse incômodo uma pista a seguir sobre a construção de um novo método de avaliação. Esse incômodo com forma bem conhecidas de avaliação e o impacto que a fala “é que o ser professor não é um ser para si, ele é o tempo todo um ser relacional” de Pinna tem na professora

Nossa conversa continua com uma pequena pergunta minha e referências teóricas vão aparecendo dando novas pistas.

***Alan (Entrevistador) – Fichamento?***

***Maria Luiza (Entrevistada) – Eu tinha um profundo incômodo com isso. E com o Pelegrini, a gente estuda Derrida, então eu acho que tem esse terceiro texto que eu trouxe aqui, que é o Conversa com metodologia de pesquisa.***

***Maria Luiza (Entrevistada) – Em que a gente, eu acho que aquele texto para mim, olha eu me arriscando a dizer as coisas, eu acho que quando eu escrevo os Ventos do Norte n.o Movem Moinhos, com o Pelegrin. Agora que eu consigo me apropriar, trazer para mim, para o meu trabalho, o Painna, o Derrida, o que eu penso das políticas curriculares. E como eu penso que os currículo tem que ser escritos. Não toa que dali eu vou direto para***

*currículo como experiência vivida*<sup>19</sup>.

**Alan (Entrevistador)** – *Hum, hum.*

**Maria Luiza (Entrevistada)** – *Nessa mistura, que a gente recria um modelo de prova, que foi a primeira prova platô. Que tinha uma questão inicial.*

De fato, no processo de criação das primeiras versões da “prova platô” era marcado por uma abordagem, onde um trecho de um texto era apresentado com o intuito de provocar e mobilizar a conversa entre os estudantes. No entanto, ao longo do processo de criação desse essa questão inicial foi deixada de lado. A jornada intelectual que os alunos embarcavam ao longo da conversa parecia mais importante e foi durante esse processo de exploração colaborativa que a prova muda. Os caminhos teóricos que a professora Maria Luiza e sua equipe trilharam não eram fixos ou predefinidos, mas sim emergentes. Eles surgiam à medida que os estudantes e a professora exploravam, discutiam e relacionavam para a construção da “prova platô”.

---

<sup>19</sup> Ela se refere ao texto : CURRÍCULO-COMO-EXPERIÊNCIAS-VIVIDAS: um relato de embichamento nos cotidianos de uma escola na cidade do Rio de Janeiro, escrito por ela em conjunto com a professora Dr<sup>a</sup> Graça Reis e publicado em 2015 na revista Currículo Sem Fronteiras volume 15. Link: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss3articles/sussekind-reis.pdf>

• Neste sentido, entendemos que qualquer proposta curricular deve lembrar que a LDB em seu Art. 3º estabelece que o ensino será ministrado com base em princípios, notadamente:

- II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; III – pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas; V – respeito à liberdade e apreço à tolerância; VII – valorização do profissional da educação escolar; VIII – gestão democrática do ensino público, na forma desta lei e da legislação dos sistemas de ensino; X – valorização da experiência extraescolar; XI – vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais, e por fim, XII – consideração com a diversidade étnico-racial. (Incluído pela Lei nº 12.796, de 2013).

*Pensar em currículo é pensar quem nos lê. Aquilo que apresentamos não é não apresentamos  
nos curricula postmodernos. Repetir nos textos "Joy", "pedagogia sem bolacha", "Escola ocupada" e "práticas de ensino" são confrontantes e inquietantes, pois alertam para minha história. Então em contato com os pensamentos de "Garaça e Deleuze" é confuso e esmurmente. Tira isso daí e mexe com outras estruturas.*

*Refletindo sobre o atual contexto da Educação, trago minhas inquietações sobre a base que sob o pretexto de acabar com as desigualdades presentes no cotidiano escolar. Base que não leva em consideração a singularidade entre os sujeitos. Pluralismo. Passa longe desse documento.*

*Curriculo para mim deve a valorização do indivíduo, mas infelizmente a cada uma, esta menos valorizada, como identidade. Mesmo assim ainda é a melhor forma de encontrar os seus pontos fortes e reflexões.*

*Por conta de minha liberdade de escrever eu não tive a liberdade de escrever algo que me levou a reflexões como uma maneira de uns 12 ou 13 anos de minha vida. A liberdade de escrever permite maravilhas que expressam momentos detalhes experimentos com pontos e virgulas e sem influência de nenhum familiar.*

Figura 13 – Prova não platô do ano de 2016 - Página 1

algo que lhe é apresentado como importante para a educação, mas que  
 diz respeito ao subimposto no aprendizado, quando se sua realidade  
 vivenciada no dia a dia na escola, não foi sequer considerada como  
 algo de valor. explique

O currículo é documento de identidade (Silva, 2010) e me melhora a cada com certeza  
 a cada encontro, a cada pensamento que me transforma? Dislike

No contexto da educação há desigualdades no contexto apresentado.  
 Há tanto de igualdade e diversidade, respeito e pluralidade, mas  
 de fato não ocorre o currículo aplicado a cada situação. Dislike

As propostas curriculares devem respeitar as pessoas acreditadas que cada pessoa  
 é única com seus conhecimentos e sua história de vida, devemos  
 respeitar cada um, isso é fundamental para que todos aprendam  
 coisas que consideram interessantes para si, para aprender e para  
 conhecer cada vez mais com o outro, aprender e ensinar  
 todos em conjunto. Like

mas um conjunto de camadas, silêncios, gritos,  
 comum e diferente.

Figura 14 – Prova não platô do ano de 2016 - Página 2

Entender essa caminho teórico é portante para rastrear a origem da prova platô, mas em nossa conversa até então o tema avaliação e a prova platô faziam parte da discussão, mas e a ideia inicial, havia alguma fonte primordial? No decorrer da conversa fica mais claro de onde surgiu a ideia.

**Maria Luiza (Entrevistada)** - *Né, o Guattari entra na minha vida pessoal, quando eu vou fazer terapia, incomodada com a prática terapêutica, eu vou estudar Guattari, e aí eu vou entender o principal argumento dele, né, que e a gente, a gente constrói os significados da nossa cura, nas práticas sociais. Dando sentido as práticas sociais, exatamente nos lugares cujas essas práticas, tao esvaziadas de vida, tão repetitivas. Em um dia que eu percebo, eu não sei qual, mas deve ser lá em 2016, que eu percebo que o Derrida estava falando com uma avaliação na sala de aula na graduação.*

**Sr. Alan (Entrevistador)** – Hum, hum.

**Sra. Maria Luiza (Entrevistada)** – Inclusive de muito ouvir as professoras, eu me lembro que no ensino fundamental, a gente sempre fez isso. Eu Professora de História, terminava uma unidade sobre Revolução Industrial e fazia uma redação coletiva no quadro negro. E todo mundo copiava no quadro igual, era o resumo da matéria para estudar para a prova, mas a construção era, o Alan dizia não sei o que, a Lorena dizia não sei o que lá. Bom, com esse texto, a gente retoma, eu e Pelegrini a leitura de Deleuze e Guattari. E eu redescubro os meus platôs que eu tinha lido na minha graduação, em 1989, mas eu redescubro metodologicamente. Eles contando como eles escreveram. E é quando eles contam isso que eu digo, a prova tem que ser desse jeito, ela vai rodar, foi aí que a gente teve a ideia.

**Sr. Alan (Entrevistador)** – É, é uma construção longa, né.

**Sra. Maria Luiza (Entrevistada)** – E de muita escuta. Porque, por exemplo, a gente tinha tempos marcados para rodar a prova, a gente abandonou isso.

**Sr. Alan (Entrevistador)** – Hum, hum. Isso eu lembro, eu lembro disso. E se eu não me engano, na primeira ou nas primeiras, vocês colocavam um trecho, né, de alguma coisa?

**Sra. Maria Luiza (Entrevistada)** – Então, tinha uma pergunta.

**Sr. Alan (Entrevistador)** – Uma pergunta, é.

**Sra. Maria Luiza (Entrevistada)** – Problematizadora. Tinha um pedaço de um dos textos, tinha, depois que a gente, a gente passou a encarar isso como péssimo, porque a

gente viu que não precisava dar direcionamento nenhum, porque eles faziam tudo sozinhos.

As evidências sugerem que a origem da prova platô está profundamente enraizada em uma discussão teórica que da professora como as de Guattari, Deleuze e Derrida. A abordagem desses filósofos, que enfatiza a multiplicidade, a experiência pessoal e a desconstrução de narrativas convencionais, parece ter encontrado ressonância na visão pedagógica da professora.

É na junção dos desconfortos e questionamentos pessoais da professora Maria Luiza, com suas experiências de ensino e aprendizado, e a discussão teórica que forneceu arcabouço intelectual para repensar e reformular as práticas avaliativas tradicionais que nasce essa abordagem única de avaliação, a “prova platô”.

Mas ainda faltava um autor. Outra pista aparece no texto *Alfinetar: currículo, ódios e gêneros de 2020*.

Süssekind, Carmo e Nascimento, respectivamente uma professora universitária e, há época da escrita do texto, duas estudantes da licenciatura em pedagogia da UNIRIO, contam um pouco do que levou e de como foi a construção da forma de avaliar que seria chamada de prova platô.

Entender os currículos como criação cotidiana é assumir que estudantes são pessoas ordinárias, conforme aprendemos com Michel de Certeau (1994), que burlam as leis e normas das línguas, das escritas, dos caminhos, dos conhecimentos, e de tudo mais, fazendo diferentes usos, por exemplo, do que é lido, estudado e conversado em sala de aula. Seria, assim, pensamos, um erro considerar professores e estudantes capazes de copiar ou reproduzir livros, conhecimentos, planejamentos de aulas ou currículos (Maria Luiza SÜSSEKIND, 2012, 2014a). Argumentamos, concordando com Certeau, que esses múltiplos modos de uso, em mundos de permanente e contínua invenção, um emaranhado de espaçotempos de abundância criativa, muitas vezes silenciada pelo barulho da maquinaria das normas, sugerindo um espectro infinito de oportunidades e astúcias que o cotidiano, em sua riqueza e desobediência, oferece para que as pessoas ordinárias possam inverter, subverter, reverter e criar suas práticas e táticas de uso do estabelecido, esse, universo finito. (2020, p1)

A teoria de Certeau aparece, quase que como para fechar a ideia de um aprova em platôs. A ideia de que os estudantes são “pessoas ordinárias” que desafiam as normas e regras estabelecidas é central para a “prova platô”. Essa abordagem avaliativa valoriza a perspectiva única de cada aluno e reconhece que eles podem ir além das expectativas predefinidas. A “prova platô” não busca enquadrar os alunos em um molde, mas incentiva sua expressão criativa e a exploração de diferentes abordagens.

As autoras também abordam a concepção de currículo como uma construção diária e destacam a importância de reconhecer os estudantes como pessoas comuns, ordinárias,

que conseguem desviar das normas estabelecidas e fazer uso criativo e diversificado do que é ensinado em sala de aula. Esse é um dos principais pontos que destaco: reconhecer a inventividade dos estudantes, na construção da aula e do currículo, muitas vezes driblando as regras e normas das linguagens, escritas, caminhos e conhecimentos, dando diferentes usos a eles que venho defendendo de diferentes formas ao longo da tese. É esse e desse *homem ordinário* que esta tese fala. É desses sujeitos ordinários (professores e estudantes), que as autoras estão falando. É em comum vamos avaliar eles que eles se preocupam.

Elas concordam com Certeau ao afirmar que existem múltiplos modos de uso e que o cotidiano é um emaranhado de espaços e tempos de criação abundante, muitas vezes silenciada pelas normas sociais. Essa perspectiva oferece às pessoas comuns inúmeras oportunidades e astúcias para inverter, subverter, reverter e criar suas próprias práticas e táticas de uso do estabelecido, sendo um universo finito.

A proposta da prova platô tem como seu ponto central esse entendimento do que acontece na sala de aula e com os currículos e pela busca de uma forma de avaliar que possibilite o registro da capacidade dos estudantes e professores de irem além da reprodução passiva e engajarem-se em práticas criativas, desafiando as normas estabelecidas e construindo seus próprios significados e usos do conhecimento.

É uma preocupação em

Como proposta de trazer do silêncio e do esquecimento as diferentes narrativas de vida, de mundo, e histórias existentes, dar visibilidade às conversas enredadas em sala, começamos a tentar aplicar um novo modelo de (não)avaliação (sobre toda matéria estudada e sem consulta) que receberia o nome de prova platô. (2020, p.2)

Para além da minha conversa com a professora e do texto que traz os relatos da experiência que venho discutindo neste capítulo, segui pista e indícios tentando rastrear outras fontes de como surgiu a prova platô. Puxei alguns fios de uma conversa que tive com uma das autoras do texto, e há época da conversar, bolsistas da professora Maria Luiza Sússekind que corrobora o que venho defendendo.

Em conversa com a estudante Lorena, a Carmo das citações acima, pergunto como surgiu a prova platô.

*Alan – Como surgiu a prova platô?*

*Lorena - Bem, a prova platô surgiu antes de mim. Quando eu cheguei em currículo (Lorena fez este componente curricular no ano de 2016) ela já existia só que eu não participei porque foi um ano de greve, mas pelo que a Maria Luiza (professora) conta, a*

*prova platô foi surgindo aos poucos. Ela foi tomando essa forma aos poucos porque ela conta que estava lendo um dos Mil Platôs (Livro de Gilles Deleuze e Feliz Guattari) e ela fala que ficou muito interessada na ideia de que um deles escrevia aí deixava em um lugar e o outro chegava e escrevia alguma coisa, mas não necessariamente completava ou era alguma coisa relacionada a escrita anterior... Aí ela se interessou muito por isso e pensou em uma avaliação que tivesse essa ideia sabe? Para que as pessoas escrevessem o que elas quisessem naquele momento.*

Lorena relembra de pistas teóricas importantes para o tema da discussão teórica existente na gênese da prova platô. De fato, a escrita em conjunto de Deleuze e Guattari era feita da forma que Lorena lembra. Encontro indícios sobre o assunto no livro conversações.

Félix e eu decidimos então trabalhar juntos. No começo isso aconteceu por cartas. Depois, a cada tanto, sessões em que um escutava o outro. Divertimo-nos muito. Entediamos-nos muito. Sempre um de nós falava demais. Acontecia frequentemente de um propor uma noção que não dizia nada ao outro, e este se servir dela só meses depois, num contexto diferente. De resto líamos muito, não livros inteiros, mas pedaços. Às vezes achávamos coisas completamente idiotas, que nos confirmavam os estragos de Édipo e a grande miséria da psicanálise. Outras vezes, coisas que nos pareciam admiráveis e que tínhamos vontade de explorar. E escrevíamos muito. Félix trata a escrita como um fluxo esquizo que arrasta em seu curso todo tipo de coisas. Quanto a mim, interessa-me, que uma página fuja por todos os lados, e, no entanto, que esteja bem fechada sobre si mesma, como um ovo. Além disso, que haja num livro retenções, ressonâncias, precipitações e um monte de larvas. Escrevíamos realmente a dois, isso não constituía um problema. Fizemos sucessivas versões. (Deleuze, 2013, p.222)

Outra pista está nas primeiras páginas do volume um da edição brasileira do livro de Mil Platôs.

Escrevemos o *Anti-Edipo* a dois. Como cada um de nós era vários, já era muita gente. Utilizamos tudo o que nos aproximava, o mais próximo e o mais distante. Distribuímos hábeis pseudônimos para dissimular. Por que preservamos nossos nomes? Por hábito, exclusivamente por hábito. Para passarmos despercebidos. Para tornar imperceptível, não a nós mesmos, mas o que nos faz agir, experimentar ou pensar. E, finalmente, porque é agradável falar como todo mundo e dizer o sol nasce, quando todo mundo sabe que essa é apenas uma maneira de falar. Não chegar ao ponto em que não se diz mais EU, mas ao ponto em que já não tem qualquer importância dizer ou não dizer EU. Não somos mais nós mesmos. Cada um reconhecerá os seus. Fomos ajudados, aspirados, multiplicados.

Quem escreveu? A quem pertence tal ideia? Não importa para Deleuze e Guattari, assim como não importa quem escreveu tal parte na prova platô. O anonimato faz parte do processo. Aliás, é o processo que importa, o como, não a autoria, não o resultado ou o final.

Assim como na forma de escrever de Deleuze e Guattari, em que a linearidade tradicional é desafiada e o foco recai nos rizomas, na prova platô ocorre uma ruptura com

a estrutura convencional das avaliações. Na prova platô, o ponto de partida e o ponto de chegada não são tão relevantes quanto o processo de pensamento e a exploração das múltiplas conexões e possibilidades.

Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e...e...e...” Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. Para onde vai você? De onde você vem? Aonde quer chegar? São questões inúteis. Fazer tábula rasa, partir ou repartir do zero, buscar um começo, ou um fundamento, implicam uma falsa concepção da viagem e do movimento (metodológico, pedagógico, iniciático, simbólico...). [...] É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para a outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio. (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p.48)

Na prova platô, não é apenas o resultado que importa, mas sim a maneira como os estudantes exploram e constroem conhecimento ao longo do percurso. Da mesma forma que Deleuze e Guattari valorizam a multiplicidade e a imprevisibilidade dos rizomas, a prova platô incentiva a expressão de diferentes perspectivas, a criatividade e a autonomia dos estudantes.

Um rizoma tem múltiplas entradas e “escrever é fazer rizomas, aumentar seu território por desterritorialização, estender a linha de fuga até o ponto em que ela cubra todo o plano de consistência”. (DELEUZE E GUATTARI, 2011, p.29).

São os rizomas que interessam nessa proposta avaliativa. São as conexões que os estudantes fazem na escrita e outras intervenções<sup>20</sup> que aparecem na prova que interessam.

---

<sup>20</sup> Em uma das provas apareceu uma “meleca”.

*meleca* *alguma coisa!* **A MELECA CONFUNDE** **GERAL!!!** *meleca do mal* **ANO DE COPA**

"É preciso não tomar o outro por idiota".  
 Entender que a aprendizagem se dá de maneira horizontal e em troca. Há que ser generoso e solidário.

NÃO. Mas também não se aprende pela vertical, na marra?!  
 ouvi uma frase de um dos integrantes de um curso comunitário na maná (EUA) que para haver empatia, tem que existir algum tipo de identificação entre o pupilo e o educador. Pensei sobre isso, e encontrei alguma verdade? *2018* meleca se mais trabalho com a arte numa comunidade possibilita de traçar minha própria história, como enfrentei uma batalha? Sozinho? Solidário e para mim, estes com o outro, juntos, afetados e ser afetado. O "outro" é sempre ≠. ou vc gosta de

Retomo a frase inicial: "É preciso não tomar o outro por idiota". e como se faz isso!

A crença do saber é poder tem determinado aqui dominantes de uns poucos, cada vez mais poucos, em quem direcionar vidas, sobretudo na direção de confirmar o modelo estabelecido, que à guisa de exemplo, vai para o consumo. Por isso eles usam uma ladainha que se repete a todo momento. Eles têm medo que tudo se arremente, que percam o controle.

↳ Alegria de lance duro *em tom memorável*  
 muito!

**ETA AME A ARTE**

Não consigo pensar porque fiquei fofado na meleca.

**TODOS NÓS!**

*Querir ter o talento!*

*Logo que não acabou aqui*

*meleca?*

*Se o Capitalismo letifera a cultura, se os serviços todos ideológicos da nação...*

Figura 15 – Prova de 2018 - A da meleca página 1

04 • 04 • 04 🎂

↳ Lembra quando tinhamos datas iguais tipo essa? Saudades 2012 T-T

↳ Nunca mais esquecido.

↳ Acha um pouco relativo. No que consiste, então, a ~~concepção~~ identificação? O fato de si.

O curso de didática ~~foi~~ foi importante e em minha formação, pois me ajudou ~~a~~ ~~desconstruir~~ desconstruir o saber hierárquico ainda muito presente tanto na universidade quanto na escola. Ao mostrar que todo conhecimento é válido e importante, não importando a origem deste saber, estamos dando o primeiro passo para uma educação plural e ~~de~~ democrática de fato.

O mal 🌀 ROMA a TERRA → TO NY JUDT

Figura 16 – Prova de 2018 - A da meleca página 2

## 7.2 - TERRITORIALIZAÇÃO

Calma, façamos pausa, talvez um café? Deixa-me falar sobre rizomas, sentidos, leitura e relacionar com a proposta da prova platô. Faço isso porque por mais que questione o tipo de produção escrita acadêmica, isso aqui ainda é uma tese como qualquer outra escrita dentro dos moldes acadêmicos e que precisa ser aprovada por uma banca.

Retomando a discussão sobre os rizomas, um rizoma é caracterizado pela conexão de pontos e linhas de diferentes naturezas, sem uma estrutura central ou hierarquia fixa. É um conceito que faz parte de um modelo de pensamento que valoriza a multiplicidade. E devo a natureza nômade de um rizoma, sempre em movimento, indo para todos os lados, expandindo-se e conectando-se de maneiras imprevisíveis preciso iniciar uma nova seção para voltar ao tema do sentido que uma escrita<sup>21</sup> tem, um tema já discutido utilizando Certeau.

Sabendo disso a questão que coloco e que está relacionada a escrita e leitura das provas platô é: se rizomas são incapturáveis, e a prova platô procura uma escrita rizomática ou os rizomas criados nas aulas, como é possível uma prova capturar o incapturável?

A resposta é aparentemente simples. Deleuze e Guattari afirmam que não é possível capturar ou aprisionar um rizoma. Ele não pode ser reduzido a uma forma fixa, ordenada ou controlada, pode ser territorializado.

A territorialização é um conceito que descreve o processo pelo qual as linhas de um rizoma se fixam e estabelecem certa estabilidade em determinados pontos ou territórios, e por que não, uma prova. A territorialização ocorre quando os fluxos e conexões do rizoma são limitados, organizados e estruturados em um espaço específico.

É assim que uma prova platô fixa num determinado ponto deixando os rastros dos rizomas que ali passaram. Mas, mesmo assim ainda não é uma captura completa porque para Deleuze e Guattari a territorialização é sempre acompanhada de desterritorialização, ou seja, de processos de desestabilização e desarticulação das formas fixas de organização. Assim como a territorialização ocorre quando certos pontos do rizoma se tornam estáveis, a desterritorialização envolve a abertura de novas conexões, a dissolução de fronteiras e a emergência de novas possibilidades de movimento e fluxo.

O processo que acabei de descrever estabelece a base conceitual para o que vou

<sup>21</sup> Aqui estou me referindo a ideia de que ler é uma operação de caça.

chamar de “escrita platô”, que será o foco do próximo capítulo. Essa base é essencial para compreender como a escrita platô se diferencia das práticas escriturísticas tradicionais e como ela surge como uma resposta criativa e desafiadora aos imperativos convencionais de escrita acadêmica.

## 8 - A ESCRITA PLATÔ

Nos rastros das provas desconfie que naquelas páginas algo mais acontecia. A estética da escrita era diferente. Não era nada inédito, mais o fato de trazer as marcas da liberdade do *free writing* de Pat Schneider<sup>22</sup> fez com que elementos da escrita que aparecem em outros locais surgissem nas páginas das provas.

A seguir um exemplo dessa escrita com sua transcrição e imagens<sup>23</sup>.

*“As aulas de currículo me lembraram deste pequeno texto de Eduardo Galeano:  
(continua após desenhos)“*

*“(desenhos de notas musicais)“*

*“(continuação) ‘Para que a gente este, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ou numa igreja, a educação nos esquarteja, nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração.*

*Sábios doutores de Ética e Moral serão os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra sentipensador para definir a linguagem que diz a verdade’*

*Com isto quero dizer que por fim me reencontrei num lugar em que posso pensar por inteiro e com a cabeça e com o coração“*

*“Como agir quando tentam separar a cabeça do coração? O que seria definido como a verdade, haja vista que cada um tem a sua... Afinal de contas, quem tem razão? A cabeça ou a intuição (coração)?”*

*“O coração é a pulsação que está ligado à razão (trecho foi escrito em forma de correção ao original)“*

***“Razão essa que não é a única forma de reconhecer o mundo a nossa volta. Existem muitas dimensões da realidade que devem ser levadas em consideração. A pluralidade de ideias e a discussão das mesmas são capacidades importantes***

<sup>22</sup>

“Writing Alone and with Others” é um guia prático que explora o processo de escrita criativa e oferece exercícios, técnicas e insights para escritores em todos os níveis de habilidade. O livro enfatiza a importância de encontrar a própria voz e expressão na escrita e incentiva os escritores a compartilhar suas palavras com os outros de forma respeitosa e solidária.

<sup>23</sup> A ordem transcrição e depois imagem é proposital. Provavelmente ao ler a transcrição o leitor ficará confuso. Existe uma ordem no caos da prova que só a imagem pode mostrar. O desafio aqui é olhar essa escrita platô transcrita e depois a imagem para fazer sentido.

**sobretudo no âmbito escola.**” “Seria lindo dizer isso em poesia e arte, mas a academia e seus termos me fazem refém. Se não sigo a ABNT, passo para o outro lado da linha da abissalidade” (Seta que liga o trecho sublinhado ao trecho seguinte) “Acho essa palavra tão especial”

“Tal abissalidade se encontra em nós mesmos. Não vai ser uma mudança aqui ou ali que vai transformar tudo. Mas nas pequenas mudanças e nas desconstruções de nós mesmos mudamos um pouco a realidade para o futuro. Newton falava que se uma pessoa pula no mundo o planeta muda sua trajetória sua trajetória e 0,000000001. . . Já imaginou se todos (ou muitos) pulassem juntos;’ ”(Desenho) SANDY & JUNIOR\_VAMOPULA.MP3”

“VOMO PULARRR SAUDADE DESSA DUPLA”

“(Desenho de clave de sol)”

“(Desenho de um gráfico escrito eu num eixo e cansei no outro)” “nem fala, to acabada (comentário ligado ao gráfico, por outra pessoa)”

“(Desenho de uma árvore) Viva o Verdej’

“MACONHISTA!!”

“(Desenho de uma placa escrita CENSURADO nela)”

“lindooooo 'respiro” (escrito dentro de um balão)

“Educação ambiental é algo fundamental nas escolas. Inclusive, algumas já implementaram isso em seu currículo e deu super certo!” “que bom né? menos mal”

“Não vejo SENTIDO em dizer que você pode participar da aula sem ler o texto e falar que (a amiga está errada - circulado em forma de caixa pela pessoa que faz os comentários descritos no trecho seguinte a este) porque ela não leu o texto PS: Ela tava certa ainda por cima” “(BEIJOS E QUEIJOS) (trecho em parênteses circulado pela própria pessoa)”

“(linha divisória ao restante do conteúdo desta página para o comentário escrito no canto inferior esquerdo) Seja revolucionário e revolucione voce!!!”

As aulas de currículo me lembraram deste pequeno texto do Eduardo Galeano:  

"Celebração de todos da razão com o coração"

Para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola ~~ou uma~~ <sup>ou uma</sup> igreja, a educação nos espartilha nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração.

Sábios doutores de ética e moral serão os pescadores das costas colombianas, que inventaram a palavra "sutipensador" para definir a linguagem que dita a verdade."

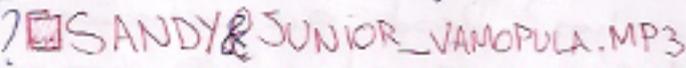
Com isto quero dizer que ~~mas~~ por fim me reencontrei num lugar em que posso pensar por inteiro com a cabeça e com o coração.

⊙ Como agir quando tentam separar a cabeça do coração? O que seria definido como a verdade, ~~pois~~ haja vista que cada um tem a sua... Afinal de contas, quem tem razão? A cabeça ou a intuição (coração)?

⊙ Coração é a pulsação que está ligado à razão...

RAZÃO ÉSTA QUE NÃO É A ÚNICA FORMA DE CONHECER O MUNDO A NOSSA VOLTA. EXISTEM MUITAS DIMENSÕES DA REALIDADE QUE DEVEM SER LEVADAS EM CONSIDERAÇÃO. A PLURALIDADE DE IDEIAS E A DISCUSSÃO DAS MESMAS SÃO CAPACIDADES IMPORTANTES SOBRETUDO NO ÂMBITO ESCOLAR. SÓRIA LINDO DIZER UNO EM POESIA E ARTE, MAS A ACADEMIA E SEUS TERMOS FAZEM VITÓRIA. SE NÃO NINGO A ABNT, PASSE PARA O OUTRO LADO DI

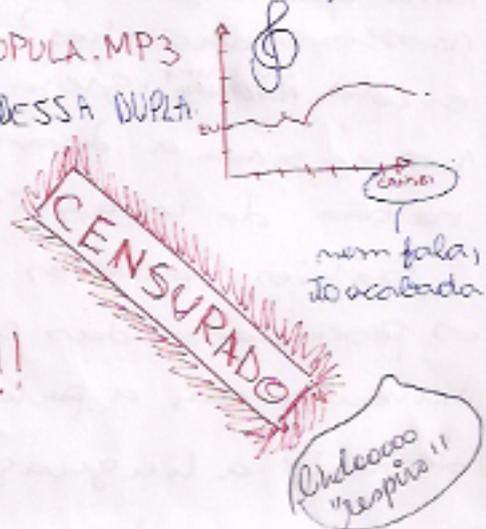
Figura 17 – Primeira página de uma prova platô do ano de 2017 segundo semestre.

linha da absuridade. Acho q essa palavra tá especial  
 Tal absuridade se encontra em nós mesmos. Não sei ser um melonco  
 aqui ou ali que vai transformar tudo. Mas nas pequenas mudanças e nas  
 descontinuações de nós mesmos mudamos um pouco a realidade para o futuro.  
 Não sei falar que se uma pessoa pula no mundo o planeta muda sua  
 trajetória e o, ooooooos... Já imaginava se todos (ou muitos) pulassem  
 juntos? 

VOMO PULARRR SAUDADE DESSA DUPLA.



VIVA O VERDE!  
 MACONHISTA!!



Educação ambiental é algo fundamental nas  
 escolas. Inclusive, algumas já implementaram isso  
 em seu currículo e deu super certo!

Não vejo SENTIDO

em dizer que você  
 pode participar da  
 aula sem ler o  
 texto e falar que

a amiga tá errada

porque ela não leu o  
 texto

PS:

Ela tava certa  
 ainda por cima

que bom né?  
 memos mal

ainda que  
 nem tudo tem  
 sentido

BEIJOS  
 E  
 QUEIJOS

seja revolucionário  
 e  
 revolucionário  
 voce!!!

então se foi eu  
 sendo

então, a questão não é  
 estar certo ou não, é saber  
 dividir com  
 respeito

Figura 18 – Segunda página da mesma prova platô.

A prova platô desafia a ordem escriturística e seus funcionários autorizados (CERTEAU 2009). Desafia a nossa leitura e a traz a ideia de uma escrita não linear e cortada pelos fluxos e rimas dos estudantes que alimentam e fazem surgir lógicas coletivas de escrita, caminhos infinitos e surpresas. Uma meleca colocada em uma folha pode mudar o rumo das escritas, um desenho ou poesia também, ou podem ser ignorados, mas o fluxo da escrita estará sempre lá. Chamo de “fluxo da escrita” a maneira como as ideias, palavras e expressões fluem livremente e sem restrições em um processo de escrita não linear e criativa. É a corrente de pensamentos e associações que ocorre enquanto os estudantes estão escrevendo suas provas Platô.

O “fluxo da escrita” está intimamente ligada à noção de escrita não linear e à ênfase na liberdade expressiva da prova platô. No fluxo os estudantes são encorajados a deixar suas ideias fluírem naturalmente, sem se preocupar com a coerência ou linearidade convencionais que são geralmente esperadas na escrita acadêmica tradicional. Ele é alimentado pelas diversas “vozes” dos estudantes, suas experiências e inspirações momentâneas, como desenhos, poesia ou outros elementos que podem ser incorporados sem seguir uma lógica estrita. A diversidade de vozes permite que os estudantes que se engajam no processo explorem caminhos inesperados e, simultaneamente, desafia a norma de coerência imposta pela escrita tradicional. A ideia de “fluxo da escrita” representa a fluidez e a espontaneidade que podem surgir quando os estudantes são encorajados a se afastar das convenções tradicionais da escrita acadêmica.

Mas será que tirar da produção escrita dos estudantes de graduação a cobrança de linearidade, coerência pode parecer algo extremamente antipedagógico e até antiacadêmico? Não! Aqui nos interessam as possibilidades, os fluxos e os rizomas. O fio de Ariadne aqui é construído pelas lógicas dos estudantes e pelo que sente no momento da escrita.

Por ser não linear e uma escrita agrimensurada que faz demarcações, cortes e gerenciamento do espaço da folha com lógicas mil. Ela já nasce ruína. O leitor ao olhar para as ruínas do texto constrói a sua lógica e paisagem. Lê e enxerga outras lógicas e outras histórias, que sim, estão lá porque agora o leitor as inventou.

A escrita que surge das provas platô desafia a linguagem e a língua. Procurar tira o sentido de uma avaliação do julgo do racionalismo acadêmico e científico que pretendeu abarcar todos os fenômenos do que chamo de escrita acadêmica e se fez a única forma de construção e acesso ao conhecimento.

O texto platô que surgiu da escrita não tem obrigação de se sustentar pela lógica e rigor racional próprio de quem tenta escrever criando um pensamento que pretende vigorar pelas bases da razão. Pode até ser o caso de um texto platô ser lógico e racional, pautado

em uma aparente ordem dada por pensamentos que procuram domar as palavras dando sentido um sentido aparentemente único a cada frase. Até isso existe no texto platô.

As ruínas tecidas em uma prova platô buscam sabotar o imperativo escriturístico dos textos acadêmicos.

### **8.1 A sabotagem do imperativo escriturístico e a descentralização do controle**

A proposta de um prova respondida em “platôs” desafia a estrutura tradicional e própria economia escriturística (CERTEAU, 2009). Como já discutido nesta tese, para Certeau, ao analisar a economia da escrita, destaca como as práticas de escrita são frequentemente guiadas por normas e convenções impostas pelo sistema acadêmico e científico. Isso cria um “imperativo escriturístico” que exige linearidade, coerência e conformidade.

No entanto, a ideia de responder a uma prova em “platôs” deliberadamente subverte esse imperativo escriturístico. Essa abordagem desafia a noção tradicional de como uma prova deve ser respondida, introduzindo uma estrutura não linear, em fluxos, e permitindo uma exploração mais aberta e criativa do conteúdo. Isso implica uma rejeição consciente das restrições impostas pela forma convencional de escrita acadêmica.

Ao considerar a sabotagem do imperativo escriturístico, estamos observando uma resistência às normas e às expectativas convencionais em relação à escrita acadêmica. É uma expressão de liberdade intelectual que permite aos autores explorar caminhos menos trilhados, e, ao fazer isso, oferecer novas perspectivas e possibilidades de expressão. A ideia de sabotagem do imperativo escriturístico, quando aplicada à proposta das provas em “platôs”, destaca a importância de questionar e expandir os limites da escrita acadêmica e científica.

Essa revolução escriturística encontra um aliado na perspicaz análise de Michel de Certeau sobre a economia da escrita. Chamo de sabotagem do imperativo escriturístico

A sabotagem do imperativo escriturístico refere-se a uma ação consciente e deliberada de desafiar as normas e convenções tradicionais que ditam como a escrita acadêmica e científica deve ser conduzida. A sabotagem desse imperativo ocorre quando um autor decide deliberadamente subverter essas normas, adotando abordagens não convencionais de escrita. Isso pode incluir a introdução de estruturas não lineares, experimentações com estilo e forma, ou qualquer ação que desafie o status quo da escrita acadêmica.

Mas esse conceito vai além de simplesmente desafiar normas estabelecidas; ele envolve uma abordagem profundamente criativa e subversiva em relação à escrita aca-

dêmica e científica. Nesse contexto, não se trata apenas de romper com as regras por uma questão de rebeldia, mas sim de reconhecer que a escrita pode ser uma forma de expressão extremamente flexível e multifacetada.

## **8.2 A relação entre a prova platô e a sabotagem do imperativo escriturístico**

A relação entre a prova Platô e a sabotagem do imperativo escriturístico é intrincada e fundamental para entender como essa abordagem desafia as normas acadêmicas convencionais. A prova Platô não é apenas um meio de avaliar o conhecimento; ela incorpora em si mesma o conceito de sabotagem do imperativo escriturístico. Elas nasceram juntas.

A prova Platô redefine a própria ideia de prova. Em vez de ser uma avaliação tradicional baseada em perguntas e respostas, ela se torna um conceito que desafia a estrutura e as normas convencionais. Isso significa que os estudantes não apenas respondem, mas participam ativamente na criação desse conceito por meio de sua escrita.

A escrita desempenha um papel central na prova Platô. Os estudantes não estão apenas escrevendo para comunicar conhecimento, mas também para explorar, questionar e desafiar as formas tradicionais de escrita acadêmica. Isso implica uma abordagem criativa e autêntica da escrita.

A sabotagem do imperativo escriturístico é evidente na rejeição deliberada da linearidade. A prova Platô não segue uma estrutura linear e previsível, mas permite que os estudantes explorem conexões de maneira não convencional. Essa abordagem reflete a intenção de ampliar as possibilidades de expressão.

A prova Platô concede aos estudantes uma medida significativa de autonomia em relação ao conteúdo, formato e estilo de escrita. Eles são incentivados a seguir suas intuições, experimentar com diferentes abordagens e criar algo único.

A sabotagem do imperativo escriturístico na prova Platô busca promover a criatividade. Os estudantes são desafiados a pensar de forma original, a explorar perspectivas não convencionais e a apresentar suas ideias de maneira inovadora. Isso vai além da mera reprodução de conhecimento.

Portanto, a sabotagem do imperativo escriturístico nasce organicamente com a concepção da prova Platô. Essa prova não é apenas uma ferramenta de avaliação; é uma declaração ousada sobre a escrita, da aprendizagem e da avaliação acadêmica. Ela desafia as normas e convida os estudantes a se tornarem coautores ativos da experiência de aprendizagem, promovendo a criatividade, a reflexão e a expressão autêntica.

## 9 EPÍLOGO

Como nos últimos capítulos do épico de Cervantes, onde Dom Quixote enfrenta sua própria mortalidade e realidade, esta jornada acadêmica também chega ao seu epílogo. Assim como o cavaleiro da triste figura encontrou sua lucidez final nas palavras do sábio Sansão Carrasco,<sup>24</sup> chego à conclusão de que a escrita acadêmica não precisa ser uma luta interminável contra moinhos de vento imaginários.

---

<sup>24</sup> Sansão Carrasco é um personagem do livro “Dom Quixote” de Miguel de Cervantes que desempenha um papel importante no desfecho da história.

Sansão Carrasco é um bacharel e amigo de Dom Quixote que ao contrário de outros amigos de Dom Quixote, como Sancho Pança, Carrasco decide se disfarçar e criar uma persona chamada “Cavaleiro da Branca Lua” para enfrentar Dom Quixote em um duelo. Seu objetivo é derrotar Dom Quixote e fazê-lo desistir de sua loucura cavaleiresca.

O duelo entre o Cavaleiro da Branca Lua (Sansão Carrasco) e Dom Quixote é uma parte fundamental do desfecho do livro. Durante o duelo, Dom Quixote é gravemente ferido e forçado a reconhecer sua derrota e sua própria loucura. Ele finalmente concorda em renunciar à vida de cavaleiro andante e retorna à sua identidade como Alonso Quixano, um hidalgo comum (homem ordinário).

Sansão Carrasco, ao vencer o duelo, desempenha um papel simbólico na restauração da sanidade de Dom Quixote. Seu nome, “Carrasco,” é uma alusão ao papel de executor que ele desempenha na “execução” da loucura de Dom Quixote. Portanto, Sansão Carrasco é um personagem complexo que representa o confronto entre a realidade e a loucura, o fim da busca idealista de Dom Quixote e sua volta à realidade como Alonso Quixano.



**Figura 19 – O Cavaleiro da Lua Branca. Desenho feito a mão e editado pela IA Midjourney.**

Em um mundo acadêmico regido pelo “imperativo escriturístico”, que exige linearidade, conformidade e coerência, eu encontrei inspiração tanto nas páginas de Cervantes quanto nas reflexões de Michel de Certeau para (re)pesar a escrita. Assim como Dom Quixote abraçou sua imaginação (loucura), mesmo que ela o tenha colocado em situações ridículas, eu abracei a “ordinariedade” como uma abordagem que valoriza a singularidade, a criatividade e a flexibilidade na escrita.

Apreendi com Michel de Certeau que a “ordinariedade” não é uma limitação, mas sim uma força que se esconde nas entrelinhas das narrativas cotidianas. Como um “herói comum,” embarquei na jornada de explorar a escrita acadêmica sob essa perspectiva, questionando o “imperativo escriturístico” e busquei uma forma diferente de pensar práticas de escrita.

## 9.1 A ordinaryidade

A primeira parte da minha tese, compreendendo o prólogo, explicações sobre a divisão do texto, imagens e o primeiro capítulos, visa primordialmente situar o leitor em relação à minha própria jornada e à importância crucial que a ordinaryidade e o conceito de homem ordinário tem nesta pesquisa.

Neste início, compartilho fragmentos da minha história pessoal, uma narrativa marcada por desafios e fascínios, como a dificuldade que enfrentei na escrita, minhas lutas com as normas gramaticais e a aceleração incessante dos meus pensamentos. Ao expressar esses elementos da minha trajetória, estabeleço uma conexão com o leitor, convidando-o a explorar o terreno comigo.

A discussão inicial dos conceitos de Michel de Certeau, como o homem ordinário, a bricolagem, os usos, as táticas e as estratégias, tem um papel fundamental nesse processo. Ela funciona como um guia epistemológico que revela o terreno conceitual em que baseio minha tese. Esse terreno, marcado pela reflexão sobre a ordinaryidade, se configura como um grande tema que perpassará toda a pesquisa.

Ao introduzir o conceito de homem ordinário, abro espaço para uma reflexão profunda sobre a natureza comum das pessoas e como suas práticas cotidianas podem ser compreendidas sob uma nova perspectiva. A bricolagem destaca a habilidade de construir algo a partir de recursos limitados, enfatizando a criatividade presente nas ações comuns da vida.

Os usos tornam-se um elemento crucial ao explorar como as pessoas dão significado ao mundo ao seu redor por meio de suas práticas diárias. As táticas e estratégias entram em cena quando examinamos como essas práticas são moldadas por estratégias mais amplas, muitas vezes impostas por sistemas e instituições.

A fabricação, por fim, está presente como um processo subjacente a todas essas práticas, onde os atores sociais produzem significado e valor a partir de elementos aparentemente ordinários. Toda essa base conceitual fortalece o argumento central desta tese: a ordinaryidade é um tema de grande relevância, merecendo um lugar de destaque na reflexão acadêmica.

Assim, este início da tese não apenas contextualiza minha jornada pessoal, mas também convida o leitor a entrar nesse universo de reflexões sobre a vida cotidiana, os atos comuns e a extraordinária riqueza que pode ser encontrada naquilo que é frequentemente considerado trivial. É um convite para explorar o extraordinário no ordinário, um convite que

guiará o leitor por toda a jornada desta pesquisa.

## **9.2 Uma Metodologia Ordinária**

O quarto capítulo traz a minha preocupação em pensar uma metodologia ligada a preocupação em defender o ordinário como possibilidade de pesquisa. Para isso defendi uma metodologia de pesquisa que busca ser flexível e adaptativa, fundamentada em uma base teórica sólida.

A discussão com as referências serve para estruturar uma base e apontar o caminho e possibilidades teóricas. Essa discussão desempenha um papel fundamental na construção da metodologia, fornecendo o arcabouço conceitual necessário para repensar os métodos de pesquisa.

Ao ancorar a metodologia em uma base teórica sólida, busquei ampliar as possibilidades de pesquisa e desafiar os limites das abordagens convencionais. Além disso, as discussões teóricas permitem aos leitores identificar limitações e potencialidades da pesquisa e gerar novas perspectivas e hipóteses. Essas discussões são uma forma de “bricolagem”, um diálogo entre teóricos e teorias para explorar diferentes possibilidades e sustentar as discussões dos capítulos sobre práticas de escrita e currículo.

A abordagem metodológica ordinária proposta buscava valorizar a flexibilidade na seleção e combinação de métodos, a capacidade do pesquisador de tomar decisões estratégicas ao longo do processo de pesquisa e a habilidade de reunir recursos de diferentes fontes para construir uma abordagem personalizada.

A metodologia que emerge é aquela que celebra a diversidade, a criatividade e a flexibilidade. Ela nos convida a considerar que as práticas de escrita podem ser tão ricas e variadas quanto as experiências cotidianas que Certeau nos ensinou a apreciar. Essa metodologia, enraizada na “ordinariedade,” busca romper com as convenções acadêmicas tradicionais, promovendo uma abordagem mais inclusiva e reflexiva à escrita e à produção de conhecimento.

## **9.3 Leitura e escrita**

O quinto capítulo da minha tese representa um esforço teórico significativo. Nele, optei por trazer à discussão os temas da leitura e escrita sem mergulhar profundamente em sua gênese histórica, uma escolha deliberada. O objetivo não era rastrear as origens desses conceitos, mas sim explorar diferentes maneiras de compreendê-los, que serviriam como base sólida para a construção argumentativa dos capítulos subsequentes, especialmente

no segundo ato da pesquisa.

Para alcançar esse objetivo, mergulhei nas obras de pensadores como Deleuze e Guattari, Certeau e Bayard. Aprofundar-me em seus conceitos e, simultaneamente, estabelecer conexões entre eles desempenhou um papel fundamental na riqueza da discussão teórica. Essas conexões não apenas enriqueceram o debate acadêmico, mas também ajudaram a estruturar os argumentos que sustentam a defesa de uma escrita em fluxo e a análise da prova platô.

A discussão sobre a economia escriturística e o imperativo escriturístico ocupam um lugar central nesse capítulo. Isso se deve ao fato de que, no segundo ato da tese, esses conceitos são confrontados diretamente com a ideia de sabotagem do imperativo escriturístico e com a forma fluida da escrita apresentada na prova platô. A economia escriturística, com suas normas rígidas e estruturas predefinidas, é desafiada pela proposta de uma escrita em fluxo, onde a criatividade e a flexibilidade são valorizadas.

O imperativo escriturístico, que exige linearidade, coerência e conformidade, é questionado à medida que exploramos as práticas de escrita que buscam deliberadamente sabotá-lo, expandindo as possibilidades de expressão e promovendo a criatividade. Essa parte da tese é essencial para a construção do argumento central que defende a prova platô como uma alternativa a essas convenções acadêmicas tradicionais, destacando sua capacidade de subverter o imperativo escriturístico em prol de uma abordagem mais flexível e inclusiva à produção de conhecimento.

O quinto capítulo estabelece as fundações conceituais necessárias para a análise crítica das práticas de escrita acadêmica e para a defesa da ordinariedade como uma força criativa. É um capítulo que, ao criar uma interseção entre diversos pensadores e conceitos, enriquece a discussão e fornece as ferramentas necessárias para o segundo ato.

#### **9.4 A prova platô e a sabotagem do imperativo escriturístico**

Os capítulos sete e oito trazem o encerramento das discussões desta tese, fornecendo uma visão sobre a prova platô e sua relação com o imperativo escriturístico.

No sétimo capítulo, a investigação se concentra na origem da prova platô. Isso envolve uma análise de como essa forma de avaliação surgiu e evoluiu com o tempo. Compreender suas origens permite traçar seu desenvolvimento e identificar as motivações por trás de sua criação. Essa análise histórica é fundamental para contextualizar a prova platô dentro do panorama mais amplo da escrita acadêmica.

O oitavo capítulo se aprofunda na prova platô como uma manifestação concreta da sabotagem do imperativo escriturístico. Ele explora como essa forma de avaliação representa um desafio direto às normas e convenções da escrita acadêmica tradicional, que frequentemente enfatizam a linearidade, a coerência e a conformidade estrita. Nele também defendo a ideia de uma escrita em fluxo que desafia a leitura e a traz a ideia de uma escrita não linear e cortada pelos fluxos de pensamentos dos estudantes.

Ao destacar as características distintivas da prova platô, este capítulo demonstra como ela permite uma abordagem mais flexível e criativa à escrita acadêmica.

Nesse contexto, a sabotagem do imperativo escriturístico ocorre deliberadamente. Ela busca expandir as possibilidades de expressão, promover a criatividade e oferecer novas perspectivas sobre o conteúdo. Em vez de seguir as normas estritas da escrita acadêmica, a prova platô convida os escritores a explorarem territórios desconhecidos, desafiando as convenções acadêmicas tradicionais.

Além disso, o capítulo oito examina a relação intrínseca entre a prova platô e a sabotagem do imperativo escriturístico. Mostra como a prova platô não é apenas uma forma alternativa de avaliação, mas também uma expressão deliberada da resistência ao imperativo escriturístico. Ela desafia as restrições tradicionais da escrita acadêmica, incentivando os escritores a explorarem territórios desconhecidos e a adotarem uma abordagem mais fluida e experimental.

Esses dois capítulos, em conjunto, fornecem uma visão abrangente da prova platô e da sabotagem do imperativo escriturístico, destacando sua importância como uma alternativa valiosa à escrita acadêmica convencional.

## **9.5 O Horizonte da Escrita Acadêmica: Uma Perspectiva Aberta**

À medida que fecho estas páginas, não considero este trabalho como um ponto final, mas como um convite à continuidade da conversa. A escrita acadêmica é um campo em constante evolução, e há infinitas possibilidades para explorar. Encorajo todos os futuros pesquisadores a considerar a “ordinariedade” como uma lente valiosa através da qual podem examinar suas próprias práticas e desafiar as normas estabelecidas.

Que esta tese sirva como um catalisador para novas abordagens à escrita acadêmica, inspiradas tanto por Dom Quixote quanto por Michel de Certeau. Pois, no final das contas, a academia é um espaço de imaginação e criação tanto quanto qualquer terra de cavalaria ou cotidiano comum. Que possamos continuar a sonhar, a questionar e a escrever com paixão e propósito, sem nos perdermos nas armadilhas do “imperativo escriturístico”.

## 9.6 No final existe redenção?

Da mesma forma que testemunhamos a conclusão melancólica do cavaleiro, onde ele resigna seu idealismo e, gradualmente, recupera a lucidez que tanto ansiava, minha pesquisa não representa o término da busca, mas uma celebração contínua da diversidade e da riqueza que permeiam as práticas de escrita acadêmica.

Assim como Dom Quixote escolheu olhar além das miragens de moinhos de vento que o obcecaram, minha jornada na pesquisa acadêmica me levou a transcender a busca por uma única resposta, um método definitivo ou uma redenção intelectual completa. Em vez disso, estou optando por abraçar a multiplicidade de abordagens, perspectivas e maneiras de escrever que enriquecem o mundo acadêmico.

Mas e a redenção que eu buscava? À introdução do segundo ato trazia a promessa de redenção. Aqui eu me encontro em uma encruzilhada desta pesquisa, e dela surge a pergunta: 'No final existe redenção?'

Trouxe em meu texto o desejo de redenção, o desejo de uma transformação total e uma espécie de redescoberta. No entanto, à medida que mergulhei mais fundo nas complexidades das práticas de escrita acadêmica, tornou-se evidente que a redenção, no sentido tradicional da palavra, não é o destino que alcancei. O que, em vez disso, descobri, é algo igualmente ou até mais significativo.

No final, minha jornada na pesquisa acadêmica não foi uma busca por uma salvação final, mas sim uma exploração constante, uma imersão nas formas e tentativas de expressão humana por meio das palavras escritas. Nesse percurso, encontrei não apenas momentos de realização intelectual, mas também momentos de desafio e autodescoberta.

Aqui, no lugar da redenção, encontrei experiências enriquecedoras que ampliaram minha compreensão do mundo e da academia. Descobri memórias que se entrelaçam com minhas próprias histórias, moldando minhas perspectivas e impulsionando meus esforços contínuos. Mas, além disso, encontrei algo mais profundo, algo que transcende o idealismo, a crítica acadêmica e a busca de uma utopia intelectual.

Minhas experiências na pesquisa acadêmica são como capítulos em constante evolução de uma narrativa infinita. Elas me lembram que a verdadeira riqueza dessa jornada reside na exploração constante, na reflexão crítica e no ato de me aventurar além dos limites convencionais. Em vez de redenção, encontrei a busca eterna por algo mais significativo, algo que transcende os dogmas e me conecta de maneira mais profunda com o mundo do conhecimento e da expressão.

Portanto, ao concluir esta tese, percebo que não estou encerrando um capítulo, mas sim abrindo uma porta para novas explorações. E enquanto minha busca por redenção pode não ser o foco final, minha jornada, repleta de experiências, memórias e descobertas profundas é uma conquista notável. Esta pesquisa representa a celebração dessas experiências, memórias e da busca constante por algo mais na complexa tapeçaria da escrita acadêmica.

Agora, concluo esta tese não como um ponto final, mas como um ponto de partida para futuras explorações. Assim como Dom Quixote continua sua jornada mesmo após sua renúncia, quem sabe novas aventuras para além das convenções estabelecidas não possam surgir. O desafio é continuar a explorar o inexplorado e abraçar a 'ordinariedade' que habita nas entrelinhas da academia.

Que esta tese e suas palavras sirvam como uma lança erguida contra a rigidez do 'imperativo escriturístico', uma lança que nos guie em direção a horizontes mais amplos e imaginativos na escrita acadêmica. Enquanto buscamos algo além da redenção, descobrimos que o verdadeiro tesouro reside nas experiências, nas memórias que acumulamos e em algo ainda mais profundo e significativo. Nossas palavras, nossa escrita, são o reflexo dessas jornadas, das complexidades da vida acadêmica e da incessante busca pelo conhecimento.“

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda. Decifrando pergaminhos - o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 13 – 38. ISBN 85-7490-072-9.
- BAYARD, Pierre. **Como falar dos livros que não lemos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007. 207 p.
- BECKER, Howard. **Truques da Escrita**: Para começar e terminar teses, livros e artigos. 3ª. ed. [S.l.]: Zahar, 2016. Capítulo I (p. 13 - 32) p.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: Artes de fazer**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 316 p. ISBN 978-85-326-1148-2.
- CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano 2: Morar, cozinhar**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2016. 367 p. ISBN 978-85-326-1669-2.
- CHICLETE com Banana. [s.n.], 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GnXKJnEJZeA>. Acesso em: 10/06/2023.
- COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. 202 p. ISSN 978-85-359-2838-9.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**. 3. ed. São Paulo: 34, 2013. 240 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: Volume 1**. 2. ed. São Paulo: 34, 2014. v. 1. 127 p.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. 271 p.
- ECO, Umberto. **O nome da rosa**. 6. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2016. 590 p. ISBN 978-85-7799-126-6.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Ensaio de uma metodologia efêmera: ou sobre as várias maneiras de se sentir e inventar o cotidiano. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas**. 1. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 69 – 90. ISBN 85-7490-072-9.
- FERRAÇO, Carlos Eduardo. Pesquisa com o cotidiano. **Educação & Sociedade**, scielo, v. 28, p. 73 – 95, 04 2007. ISSN 0101-7330. Disponível em: <http://www.scielo.br/scieloOrg/php/articleXML.php?lang=pt&pid=S0101-73302007000100005>.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2014. 323 p. ISBN 978-85-216-1333-6.
- GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. 281 p. ISBN 978-85-7164-038-2.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 255 p.

LEÃO, Lourdes Meireles. **Metodologia do estudo e pesquisa**: facilitando a vida de dos estudantes, professores e pesquisadores. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2016. 134 p.

MARCUS, George Emanuel. O intercâmbio entre arte e antropologia: como a pesquisa de campo em artes cênicas pode informar a reinvenção da pesquisa de campo em antropologia. **Revista de Antropologia**, v. 47, p. 133 – 158, Novembro 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/R5jD4dNFWrvFqLT3sjLbTjB/>. Acesso em: 10/11/2022.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. 95 p. ISBN 978-85-378-0114-7.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Estudos do cotidiano, pesquisa em educação e vida cotidiana: o desafio da coerência. **ETD**, v. 09, n. 03, p. 162 – 184, 2008. ISSN 1676-2592. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1676-25922008000300013&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1676-25922008000300013&script=sci_abstract). Acesso em: 22/08/2022.

PIMENTA, Alan. **Da docência de bermudas**: (usos de máquinas de guerra em salas de aula na luta contra os epistemicídios). 2018. 98 p. Dissertação (Mestrado em Educação) — Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

PINAR, William. **What is curriculum theory?** New Jersey: LEA, 2012. 301 p. ISBN 0-8058-4828-2.

RODRIGUES, Thamara. **Belchior na Divina Comédia de Dante**. 2018. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/nos-anos-80-belchior-ilustrava-sem-pressa-a-divina-comedia/25955/>. Acesso em: 20/10/2022.

SAAVEDRA, Miguel de Cervantes. **Dom Quixote de La Mancha**. São Paulo: Real Academia Española: Asociación de Academias de la Lengua Española, 2004.

SUSSEKIND, Maria Luiza. AS (IM)POSSIBILIDADES DE UMA BASE COMUM NACIONAL. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 1512 – 1529, Outubro 2014. ISSN 1809-3876. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.redalyc.org/pdf/766/76632904005.pdf>. Acesso em: 20/04/2023.

SUSSEKIND, Maria Luiza. O INEDITISMO DOS ESTUDOS NOS DOS COM OS COTIDIANOS: CURRÍCULOS E FORMAÇÃO DE PROFESSORES, RELATOS E CONVERSAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA NO RIO DE JANEIRO, BRASIL. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 1 – 21, Agosto 2012. ISSN 1809-3876. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/download/10987/8107/26978>. Acesso em: 10/12/2022.

SUSSEKIND, Maria Luiza. O QUE ACONTECEU NA AULA? Políticas, currículos e escritas nos cotidianos da formação de professores numa universidade pública. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 51, p. 133 – 148, Outubro Dezembro 2017. ISSN 1518-5370. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/http://educa.fcc.org.br/pdf/tei/v18n51/1518-5370-tei-18-51-0134.pdf>. Acesso em: 21/04/2023.

SUSSEKIND, Maria Luiza; LONTRA, Viviane. Narrativas como travessias curriculares: sobre alguns usos da pesquisa na formação de professores. **Roteiro**, UNOESC, v. 41, n. 1, p. 87 – 108, 2016. ISSN 2177-6059. Disponível em: [http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2177-60592016000100087&script=sci\\_abstract](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2177-60592016000100087&script=sci_abstract). Acesso em: 22/08/2022.

SUSSEKIND, Maria Luiza; PELLEGRINI, Raphael. “NÃO EXISTE PECADO DO LADO DE BAIXO DO EQUADOR”: políticas de currículo, direito à educação e as escritas nunca escritas. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 23, n. Especial, p. 43 – 56, Setembro 2016. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/6199/3743>. Acesso em: 15/04/2022.

TÔ. Rio de Janeiro, : [s.n.], 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FMfKbyr5yf8>. Acesso em: 22/08/2022.

WHYTE, Foote. **Sociedade de Esquina**: a estrutura social de uma area urbana pobre e degradada. Rio de janeiro: Zahar, 2005. 390 p. ISBN 85-7110-860-9.

## **Apêndices**

## ESCREVER NUNCA ME DEU PRAZER

Escrever nunca me deu prazer. Escrever é difícil, complexo e frustrante. Diferente de ler, que foi sempre uma das minhas paixões. Passava longas horas dos meus dias lendo. Minhas primeiras memórias envolvem livros e durante a minha adolescência fui um frequentador assíduo das bibliotecas públicas do Rio de Janeiro.

Talvez minha paixão pela leitura tenha sido uma resposta ao meu desempenho escolar mediano, ou talvez tenha sido o oposto, a leitura pode ter me moldado de maneiras que eu não percebia na época. A verdade é que escrever uma tese sobre escrita foi a minha forma de reconciliar meu passado com quem sou hoje. Foi uma jornada de autorreflexão, uma busca por compreender como a escrita pode se encaixar na minha vida e no meu processo de pesquisa. É uma maneira de abraçar os desafios que a escrita representa para mim e, simultaneamente, explorar como ela pode ser uma ferramenta poderosa para comunicar ideias e histórias.

Por isso esse apêndice. Ele é um mergulho no meu processo de escrita e pesquisa da tese. É uma jornada que explora não apenas os aspectos práticos da construção do meu trabalho acadêmico, mas também como a teoria e a bibliografia que escolhi moldaram minha abordagem e até mesmo minha visão de mundo. Não tenho certeza se isso é algo que acontece com todos os pesquisadores, mas posso dizer que minhas referências bibliográficas têm um impacto profundo na minha vida.

Cada autor que está presente nesta tese deixou sua marca em mim, influenciando a maneira como penso, como abordo os meus problemas e como me relaciono com o mundo ao meu redor. Não é por acaso que autores como Cervantes e Eco desempenham papéis significativos aqui. “Dom Quixote” foi uma das minhas primeiras paixões literárias, uma história que me inspirou e me fez questionar as fronteiras entre realidade e imaginação. Umberto Eco, por sua vez, é um exemplo brilhante de escritor e intelectual cujo trabalho sempre admirei.

Esta tese é uma celebração dessas influências e uma exploração de como elas se entrelaçam com meu próprio pensamento e pesquisa. Ao compartilhar essa jornada com você, espero que você possa aproveitar as palavras e ideias que moldaram minha trajetória acadêmica. Afinal, a pesquisa é uma conversa contínua entre mentes curiosas e uma busca constante por entendimento e significado no vasto panorama do conhecimento humano.



Figura 20 – Manter os livros organizados foi essencial para construção do texto.

Alan Pimenta

## A EPÍGRAFE

Escolhi o texto do estudante Lion<sup>25</sup> nos últimos momentos da tese. O texto dele me faz refletir sobre as percepções de sucesso na escola e como isso se relaciona com nossas conversas aqui sobre a tese e a economia escriturística. Ele destaca a dualidade na escola, onde os alunos são vistos sob diferentes prismas. Por um lado, temos o aluno esforçado, aquele que, busca compreender a complexidade das coisas, superando obstáculo e desafiando o conceito tradicional do que constitui um “bom escritor”.

No entanto, a outra face mencionada por Lion é igualmente importante. Ela ressoa com as discussões que fiz e com a ideia que existem “gênios” da escrita na academia. Destaca como, às vezes, há uma ênfase excessiva na memorização e na mera reprodução do conhecimento, em vez de promover a compreensão profunda e a criatividade nos estudos. Isso me fez pensar que essa abordagem, centrada nas provas, ignora frequentemente o valor da “ordinariedade” da escrita, que valoriza a diversidade e riqueza das práticas de escrita, como discutido na tese.

O texto de Lion também me fez refletir sobre a economia escriturística, um conceito crucial discutido por na tese. A economia escriturística refere-se ao controle exercido sobre a escrita, onde as normas e convenções acadêmicas frequentemente estabelecem um “imperativo escriturístico.” Isso cria uma visão linear e rígida da escrita, onde apenas aqueles que atendem a essas normas são rotulados como “gênios”, como mencionado por Lion.

Essa economia escriturística tem uma influência profunda sobre a educação e a avaliação, muitas vezes relegando a “ordinariedade” da escrita, que celebra a diversidade e a riqueza das práticas de escrita, a um segundo plano. O que Lion descreve em seu texto é um reflexo da luta constante entre essas duas abordagens. A memorização e a reprodução simplista, que ele associa ao sucesso na escola, estão enraizadas na economia escriturística.

No entanto, como destaquei na tese, a escrita acadêmica pode ser muito mais do que isso. Podemos enriquecer a narrativa acadêmica valorizando a criatividade, a reflexão crítica e a busca por uma compreensão mais profunda. A economia escriturística de Certeau é desafiada quando reconhecemos que a escrita acadêmica não deve ser uma atividade restrita a um seleto grupo de “gênios”, mas sim uma prática acessível e enriquecedora para todos.

Portanto, a história de Lion e as discussões de Certeau nos lembram da necessidade de ampliar nossa definição de sucesso na educação e na escrita acadêmica, superando as limitações da economia escriturística em prol da diversidade e da ordinariedade da escrita. Lion, com sua paixão pela escrita, mostra que o ato de escrever se torna uma jornada rica em exploração e significado, independente das limitações do “imperativo escriturístico”.

Assim, a epígrafe de Lion, esse herói anônimo, um homem ordinário e querido estudante, brilha como um tributo em minha tese.

---

<sup>25</sup> Nome artístico do estudante lincon do primeiro ano do ensino médio 2023.

## OS TÍTULOS

Entendo que os títulos desempenham um papel importante em qualquer obra. Durante a criação dos textos do primeiro ato da minha tese, eles foram influenciados por músicas intensas e enérgicas. No início, tive a ideia de nomear os capítulos da tese com títulos de músicas da banda Titãs, um grupo, com um lugar especial no meu coração e que foi um refúgio durante o auge da pandemia. Os discos da banda tocavam constantemente nos meus fones de ouvido, fornecendo uma trilha sonora para os meus dias.

No entanto, à medida que o processo de escrita avançou, percebi o quanto de negatividade e raiva permeavam as minhas primeiras palavras. A depressão estava presente, e um sentimento de ódio, que hoje consigo compreender e trabalhar, também transparecia. Curiosamente, as músicas rápidas e cheias de raiva pareciam acalmar essa turbulência emocional.

À medida que continuei a escrever, essa influência musical diminuiu, mas vestígios dela permaneceram nos títulos e nas seções dos capítulos um, dois e três. Embora tenha abandonado a ideia de unir temas das músicas da banda com o conceito de “homem ordinário”, ela ainda ecoa nas entrelinhas da tese, representando uma parte significativa do meu percurso acadêmico e emocional.

Abandonada essa ideia inicial, meu foco passou a ser atribuir um sentido mais literal a cada capítulo. A escolha de títulos se tornou uma tarefa cuidadosa, onde eu buscava dar o sentido a cada capítulo e seção da tese. Isso permitiu uma representação mais precisa e clara do conteúdo abordado em cada capítulo, facilitando a compreensão para não do leitor.

Além disso, ao optar por títulos que transmitissem diretamente o conteúdo, eu visava criar uma estrutura lógica e organizada para a tese. Cada título se tornou uma porta de entrada para o mundo de ideias e argumentos que seriam explorados, proporcionando uma visão antecipada do que os leitores poderiam esperar.

Essa abordagem também reflete meu caminhar como escritor acadêmico, passando de uma inspiração mais subjetiva para uma abordagem mais objetiva e estruturada. Essa mudança representa uma busca contínua por clareza e eficácia na comunicação das ideias. Muito desse caminhar foi influenciado pelo meu tratamento e como passei de um estado de humor deprimido para algo mais saudável. No final, os títulos dos capítulos não são apenas rótulos, mas também guias que auxiliam o leitor na sua jornada pela tese.

## A DIVISÃO EM DOIS ATOS

A divisão em dois atos é um tema que já foi explorado ao longo da tese, no entanto, considero relevante retornar a ele de uma maneira diferente agora.

A decisão de dividir minha tese em dois atos representa, em primeiro lugar, uma estratégia fundamental para preservar minha sanidade durante o processo de escrita. À medida que o texto se desenvolvia e passava por revisões e ajustes, ele não apenas se transformava como construção teórica, mas também refletia as mudanças em mim. Esse processo teve um efeito inesperado: comecei a nutrir uma aversão pelos primeiros textos que havia escrito. Tornou-se doloroso revisitar essa fase inicial, pois lembrava os desafios e dificuldades que enfrentei naquele momento. No entanto, esses textos iniciais eram sólidos e continham ideias valiosas, e o tempo estava se esgotando.

A ideia de dividir a tese em dois atos foi inspirada em “A Divina Comédia” de Dante. A ideia de uma epopeia poética composta por três partes ou cantos, cada um deles com uma temática diferentes, sempre me encantou. Foi daí que veio a ideia da divisão.

Conheci Dante Alighieri devido a Belchior. Ele era um grande admirador de Dante (Rodrigues, 2018), talvez a sua maior influência poética. Ainda nos anos 90 escutei o disco *Alucinação* de 1976. Todas as músicas daquele disco me impactaram. Procurei meus pais para entender quem era aquele artista e passei semanas escutando o disco diariamente.

Belchior representa para mim mais do que um simples exemplo de referência artística. Sua influência abrange o domínio artístico, estético e intelectual, influenciando não apenas meu gosto musical, mas também minha apreciação pela poesia e pela literatura. Entretanto, é importante destacar que sua figura não é necessariamente um modelo de responsabilidade afetiva. Sua complexidade como artista e ser humano é uma das muitas facetas que me inspiram e me lembram da riqueza das experiências humanas.<sup>26</sup>

Voltando ao livro *A divina comédia e a jornada de Dante*, a história ganhou um significado profundo para mim durante o período de depressão. Em seguida, a figura de Dom Quixote entrou em cena. A insanidade que ele representava passou a ser tão impactante quanto a dor que eu estava experimentando. Esse paralelo entre a jornada de Dante e a loucura de Dom Quixote refletia minhas próprias experiências, proporcionando uma estrutura para minha tese que capturasse essa transformação e evolução.

Essa divisão em dois atos não é apenas uma estrutura formal para a tese; ela representa minha própria jornada pessoal, que inclui desafios, superações e evolução. É uma tentativa de dar significado a uma experiência de escrita que se tornou profundamente pessoal e transformadora.

---

<sup>26</sup> O fato de abandonar seus filhos me fez repensar minha admiração por ele. Tento separar o artista do homem.



**Figura 21 – Dom Quixote de madeira comprado na Espanha e que me acompanhou durante a tese.**

Foto tirada por Alan Pimenta

## **ANO PASSADO EU MORRI, MAS ESSE ANO EU NÃO MORRO**

Presentemente, eu posso me  
Considerar um sujeito de sorte  
Porque apesar de muito moço  
Me sinto são, e salvo, e forte

E tenho comigo pensado  
Deus é Brasileiro e anda do meu lado  
E assim já não posso sofrer  
No ano passado

Tenho sangrado demais  
Tenho chorado pra cachorro  
Ano passado eu morri  
Mas esse ano eu não morro

Eu encerro a tese afirmando que não havia redenção. Mas ela existe. Não da forma divina, mas na forma de reconciliação. A redenção no texto não se manifesta como uma solução definitiva ou uma redenção tradicional, mas sim como uma reconciliação contínua e transformadora na forma de me reestabelecer comigo mesmo, com meus medos e defeitos.

A pesquisa e a escrita acadêmica frequentemente nos desafiam, nos levando a confrontar nossos próprios limites e inseguranças. No entanto, é nesse processo de enfrentar essas dificuldades, de abraçar a “ordinariedade” da escrita e de compreender as complexidades da economia escriturística que encontrei oportunidades de reconciliação.

Ao escrever e pesquisar, me reconciliei com minhas próprias inseguranças, superando dúvidas e incertezas que me limitavam. Nesse sentido, a tese se tornou um veículo para reconciliar o passado com o presente e, por sua vez, redimir-me, não de uma única vez, mas através de um processo contínuo de autoexploração e crescimento.

Posso considerar que a redenção em uma tese é, na verdade, uma jornada de reconciliação consigo mesmo, com o conhecimento, com a escrita e com o mundo que nos cerca.

Não acho que isso acontece com todo mundo, com todas as teses. Esse foi o meu processo e o meu resultado.